

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

CRISTIANO CESAR BURDELAK

O PESSACH ONTEM E HOJE

São Leopoldo

2013

CRISTIANO CESAR BURDELAK

O PESSACH ONTEM E HOJE

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de Pesquisa: Leitura e  
Ensino da Bíblia

Orientador: Flávio Schmitt

São Leopoldo

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B949p Burdelak, Cristiano Cesar  
O Pessach ontem e hoje / Cristiano Cesar Burdelak  
; orientador Flávio Schmitt. – São Leopoldo : EST/PPG,  
2013.  
90 p.  
Dissertação (mestrado) – Escola Superior de  
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em  
Teologia. São Leopoldo, 2013.  
1. Páscoa judaica. 2. Páscoa. 3. Judaísmo  
messiânico. I. Schmitt, Flávio. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

CRISTIANO CESAR BURDELAK

O PESSACH ONTEM E HOJE

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de Pesquisa: Leitura e  
Ensino da Bíblia

Data:

---

Flávio Schmitt - Doutor em Ciências da Religião - UMESP

---

Carlos Arthur Dreher - Doutor em Teologia - EST

## **AGRADECIMENTOS**

**A D'US  
À FAMÍLIA  
AOS MESTRES**

## RESUMO

Uma análise histórica bibliográfica do tema “*O Pessach ontem e hoje*”. Em primeira instância, o *Pessach* será detalhado em sua evolução histórica, mostrando as origens e a prática desta celebração, na presunção da influência de outros povos que refletiram tais costumes e, assim prosseguiu destas procedências, abrangendo outras leituras no decorrer da história. Em seguida, serão expostos alguns atributos de *Pessach*, sendo apontados em uma organização para preservar a continuidade desta tradição, dada ao povo judeu, tanto que, estas características somaram para novas interpretações nas ocasiões dos momentos com as circunstâncias do âmbito. A proposta central são as analogias tipológicas das leituras históricas com as proféticas, onde tudo ocorria em torno do cordeiro pascal como sacrifício redentor. Após a destruição do segundo Templo, o *Pessach* começa a ter ressignificações, tanto para judeus tradicionais quanto para judeus messiânicos e cristãos, tendo cumprimento profético em várias características ligadas a esta esfera. O alvo deste trabalho é procurar recuperar o conhecimento dos tempos e assim entender o porquê o cordeiro não era somente para o Êxodo, mas para todos os anos. Assim sendo, as famílias meditavam, retrospectivamente, na sua libertação (crido pelos judeus tradicionais). Este ato por vez, falava prospectivamente de uma total libertação, que surgiria pela morte sacrificial do Cordeiro de *Pessach* (*Yeshua Ha Mashiach*, crido pelos judeus messiânicos e cristãos) que, uma vez exercida na história, originaria redenção conclusa, não sendo mais necessário qualquer novo derramamento de sangue do cordeiro pascal.

**Palavras-chave:** *Pessach*. Páscoa. Festa judaica.

## ABSTRACT

This paper is a bibliographical historical analysis of the theme “*Pessach yesterday and today*”. At the first moment, the *Pessach* will be detailed in its historical evolution showing the origins and practice of this celebration, presuming the influence of other peoples which reflected such customs, and thus proceeded from these origins, including other literature throughout history. Following this, some attributes of *Pessach* will be presented, being pointed out in a certain organization to preserve the continuity of this tradition, which was given to the Jewish people, in as much as these characteristics were added lending to new interpretations in the occasions of the moments with the circumstances of the environment. The central proposal are the typological analogies of the historical readings with the prophetic ones, where everything took place centered on the paschal lamb as the redemptive sacrifice. After the destruction of the second Temple, the *Pessach* begins to gain ressignifications, for the traditional Jews as well as for the Messianic Jews and the Christians, having prophetic fulfillment in various characteristics connected to this sphere. The goal of this paper is to seek to recover the knowledge of the times and thus understand why the lamb was not only for the Exodus but was for all times. Thus, the families would meditate, retrospectively, on their liberation (believed by the traditional Jews). The act, on the other hand, talked prospectively of a total liberation, which would emerge from the sacrificial death of the Lamb of *Pessach* (*Yeshua Ha Mashiach*, believed by the Messianic Jews and the Christians) which, taking place once in history, would originate the finished redemption, no longer necessitating any further spilling of blood of the paschal Lamb.

**Keywords:** *Pessach*. Easter. Jewish celebration.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1 O PESSACH NA HISTÓRIA</b> .....	<b>13</b>
1.1 As raízes textuais e a metodologia judaica para entender o Pessach .....	13
1.2 O princípio e as origens de Pessach .....	15
1.2.1 O Pessach do Êxodo.....	17
1.2.2 O Pessach do Deuteronômio.....	20
1.2.3 O Pessach relacionado com os Matzot .....	23
1.2.4 O Pessach da monarquia até a época de Josias .....	26
1.2.5 O Pessach do exílio babilônico (598-537 a.C).....	30
1.2.6 O Pessach dos períodos persa ao grego (539-333 a.C) .....	31
1.2.7 Relatos de Pessach no período dos romanos (até 70 d.C).....	32
<b>2 O PESSACH E OS ATRIBUTOS PARA NOVAS INTERPRETAÇÕES</b> .....	<b>37</b>
2.1 A calendarização judaica em função de Pessach.....	37
2.1.1 Os preceitos para os cerimoniais do calendário judaico.....	38
2.1.2 A glosa dos ajustes do calendário judaico para as festas .....	39
2.1.3 A origem dos nomes no calendário judaico .....	40
2.1.4 A tradição judaica na referência do calendário.....	41
2.1.5 A Páscoa cristã na referência dos calendários juliano e gregoriano .....	43
2.1.6 O memorial calendarizado em um decreto perpétuo.....	45
2.2 O Pessach na Torá .....	47
2.2.1 As divisões da Torá e a porção pertinente de Pessach.....	48
2.2.2 A Torá e os tipos de leis .....	49
2.2.3 Explanando a tradição das leis constatadas da Torá .....	50
2.3 O Pessach na Hagadá.....	52
2.3.1 A preparação e as simbologias da mesa do Sêder de Pessach.....	54
2.3.2 As etapas do Sêder de Pessach .....	57
2.3.3 Maguid: a mensagem central do Sêder de Pessach .....	58
<b>3 O PESSACH NA TRADIÇÃO JUDAICO-MESSIÂNICA</b> .....	<b>61</b>
3.1 O Pessach nos Evangelhos .....	61
3.2 O último Pessach de Yeshua e a instituição da B'rit Hadashah.....	63
3.3 O Pessach em analogia tipológica aos principais elementos do Sêder .....	66



3.4 O Pessach celebrando o Mashiach e conservando o judaísmo .....	70
3.5 A celebração de Pessach entre judeus messiânicos da atualidade .....	73
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>77</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>81</b>
<b>APÊNDICE: GLOSSÁRIO.....</b>	<b>87</b>

## INTRODUÇÃO

É com um preciso exame de ótica bibliográfica, histórica e com a sequência metodológica que será citada, que a investigação sobre o tema “*O Pessach ontem e hoje*” seguirá em busca dos resultados almejados. Há um mistério nas ditas certezas pesquisadas, e todo judeu religioso pergunta em si mesmo: Como, sendo *D’us* de sabedoria infinita, quer se manifestar ao ser humano que é totalmente limitado? Como uma mente finita pode interagir com uma mente divinamente infinita? Então, *Yeshua* falou por parábolas, porque por meio delas não se impõem limites ao entendimento, deixando as portas abertas para a imaginação e a revelação; uma questão ou um assunto não é fechado em si mesmo; a cada leitura que se faz, sempre há um aspecto novo a explorar para se aprender mais. Assim é a palavra relacionada a *D’us*.

O *Midrash*, sendo um método homilético da exegese bíblica judaica, trata deste aspecto. Esta metodologia conta com os quatro métodos interpretativos que são níveis de compreensão e entendimento usados por muitos eruditos, por cuja bibliografia foi optado. Estes são compendiados no chamado acróstico *Pa.R.De.S*: *Pshat* – interpretação simples; *Remez* – interpretação insinuativa; *Drash* – interpretação hermenêutica e *Sod* – interpretação mística.

O objetivo desta pesquisa é identificar as diferentes leituras do *Pessach* através dos tempos. Para tanto, o papel da celebração de *Pessach* no *Tanakh* (AT) e na *B’rit Hadashah* (NT), bem como em materiais paralelos, é de fundamental importância, uma vez que podemos perceber a existência de uma tensão entre os cerimoniais contextualizados na analogia entre o cordeiro pascal histórico *versus* o cordeiro pascal profético.

Analisando as origens, na abrangência do rito da celebração no seu contexto nômade e bíblico, suas mudanças ou alterações, no contexto dos cerimoniais, avaliando seu valor no histórico e profético, observam-se as consequências e alterações para o judaísmo tradicional, o judaísmo messiânico e o cristianismo, refletindo nas práticas do decorrer dos tempos.

O tempo caminhou com estas mudanças e transformações lógicas, segundo análise histórica e documental; porém, houve uma resignificação proposta pelas religiões referidas ao credo. Desde as origens da *Torá*, tanto a escrita quanto a oral, percebe-se a existência de um simbolismo profético, ainda que haja variações

decorrentes das mutações ocorridas na celebração. Inicialmente, o *Pessach* era uma festa familiar, passando com o tempo a uma celebração de peregrinação: a tenda familiar deixa espaço para a tenda eclesial do Templo. A referência aparente entre o histórico e o profético pode ser identificada para judeus messiânicos e cristãos na morte do *Mashiach*, enquanto os judeus tradicionais identificam-na na destruição do Templo. No novo contexto, as celebrações de *Pessach* perderam parte de seu significado, ao mesmo tempo em que houve ressignificação e incorporação de novos elementos nas celebrações.

Os elementos de *Pessach* representam pontos simbólicos ou atípicos no tradicionalismo judaico. Entretanto, quando estes cerimoniais são voltados ao judaísmo messiânico, ou cristianismo, tem-se uma visão dos elementos que tipificam e ressaltam na pessoa de *Yeshua Ha Mashiach*. O fato notório é que os crédulos messiânicos, ao celebrarem esta festa, não estão celebrando de maneira idêntica àquela celebrada antes e atualmente no judaísmo tradicional: não teria sentido para estes crédulos se a mesma não estivesse centrada na pessoa do *Mashiach*. Isto leva à observância de que tudo o que for admitido do *Tanakh* (AT) deve ser centralizado em *Yeshua*. Desta forma, a celebração de *Pessach* deve ser realizada dentro do contexto profético, no qual ela foi inserida.

Os proclamadores desta celebração, tendo cada qual uma posição por suas origens particulares e seus entendimentos definidos, têm como base *D'us*. Entretanto, as religiões relacionadas inter-relacionam o *Tanakh* (AT), e discordam a *B'rit Hadashah* (NT) na não aceitação e nas interpretações. O *Pessach*, em partes, comemora as intervenções de *D'us* na história de seu povo, prescrito na *Torá*. Também foi celebrada e ressignificada por *Yeshua* e seus discípulos, tendo praticado alguns de seus ritos e invocado algumas de suas bênçãos. A igreja primitiva seguiu o exemplo e celebrou o *Pessach* de inspiração bíblica, mencionado no *Tanakh* (AT) e na *B'rit Hadashah* (NT). Estes são os motivos que nos impelem a entrar no ritual e nos textos desta celebração, cotejada e traduzida por religiões tradicionais e messiânicas.

A pesquisa terá três capítulos. No primeiro capítulo, analisa-se o *Pessach* na história: origens e prática desta celebração; influência de outros povos; o Êxodo e sua abrangência com as evidências destacadas da imolação do cordeiro e a saída do povo de Israel do Egito. O *Pessach* caminhou em vários períodos e teve novas leituras, recebendo com o passar do tempo uma visão mais teológica.

No segundo capítulo, analisamos alguns atributos fundamentais para novas interpretações de *Pessach*. As características básicas se dão nas observações de *Pessach* com a calendarização da festa, os ajustes do calendário em sua função; a *Torá* explanando as tradições e as leis relacionadas com esta celebração; a *Hagadá* que cuida e expõe as etapas do *Séder*, trazendo a recordação em um simbolismo de cada elemento, normatizando a sua narração nas lembranças do histórico e com lições para o profético.

No terceiro capítulo será explanado o *Pessach* na tradição judaico-messiânica, analisando do histórico ao profético, onde tudo ocorria em torno do cordeiro pascal como sacrifício, a partir das analogias tipológicas do cordeiro pascal com *Yeshua Ha Mashiach*. Apesar de *Pessach* ter o seu cumprimento profético no *Mashiach* ressurreto, ainda continua na essência desta profecia, testemunhada pelas celebrações nos dias de hoje.



## 1 O PESSACH NA HISTÓRIA

### 1.1 As raízes textuais e a metodologia judaica para entender o *Pessach*

O *Pessach* (פסח), no tempo da *B'rit Hadashah* (ברית חדשה) (NT), era considerado a primordial das festas dos judeus. No entanto, continuou a ser; porém, nem sempre foi, pois a caminhada da história esconde questões abstrusas. No *Tanakh* (תנ"ך) (AT), há existência de textos cujas informações não são extremamente fartas e em determinadas ocasiões apresentam dificuldades interpretativas.<sup>1</sup> Os referenciais dos textos bases são citados por Roland de Vaux:

Há textos litúrgicos: o ritual da Páscoa contido no relato da saída do Egito, Êx 12, os calendários religiosos de Êx 23.15; 34.18 e 25; Dt 16.1-8; Lv 23.5-8, os rituais de Nm 28.16-25; Ez 45.21-24, o relato de Nm 9.1-14 que, sob forma narrativa, justifica a celebração da Páscoa no segundo mês. Há, por outro lado textos históricos que mencionam e descrevem a celebração de algumas Páscoas: a primeira Páscoa do Êxodo, Êx 12, a da entrada em Canaã, Js 5.10-12, a de Josias, 2 Rs 23.21-23 = 2 Cr 35.1-18, a do retorno do Exílio, Ed 6.19-22, às quais se acrescenta, sem paralelo nos livros de Reis, a Páscoa de Ezequias, longamente descrita em 2Cr 30. Deve-se enfim, levar, em conta documento extra bíblicos importantes: um papiro e dois óstracos, procedentes da colônia judaica de Elefantina.<sup>2</sup>

Considerando os textos legislativos, menos o do livro do profeta Ezequiel, todos procedem da *Torá* (תורה), sendo que estes competem às tradições distintas. Estes textos consentem retrazar uma evolução desta festa, admitida por tais subsídios mais concisos dos livros históricos e dos *Documentos de Elefantina*.<sup>3</sup> “Sendo os textos mais recentes os mais detalhados e os mais claros, convém partir destes e voltar na história da festa para determinar, se possível, suas origens”.<sup>4</sup>

Segundo R. Laird Harris e outros, existem três campos que precisam ser pesquisados para recolher subsídios da Bíblia acerca do *Pessach*, em concordância com o texto de Roland de Vaux:

São elas: “1º o contexto histórico da Páscoa (Êx 12); 2º textos que detalham os procedimentos para a observância da Páscoa (Nm 28.16-25; Lv 23.5-8; Dt 16.1-8); 3º textos históricos que narram a celebração de uma Páscoa em particular (Nm 9.1-14; Js 5.10-12 [em Gilgal]; 2 Cr 35.1-19 [comemorada por

<sup>1</sup> VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 521.

<sup>2</sup> VAUX, 2004, p. 521.

<sup>3</sup> VAUX, 2004, p. 521.

<sup>4</sup> VAUX, 2004, p. 521.

Josias; observem-se os detalhes adicionais apresentados no relato de Crônicas]; Ed 6.19-22).<sup>5</sup>

Antes de entrar nos pormenores de *Pessach* e suas origens, como foi dito, a história esconde questões abstrusas, há um mistério nas ditas certezas pesquisadas, e todo judeu religioso pergunta em si mesmo: “Como, sendo *D’us* de sabedoria infinita, quer se manifestar ao homem que é totalmente limitado? Como uma mente finita pode interagir com uma mente divinamente infinita?”.<sup>6</sup> Observa-se *Yeshua* que falou por parábolas, porque por meio delas não se impõem limites ao entendimento, deixando as portas abertas para a imaginação e a revelação; uma questão ou um assunto não é fechado em si mesmo; a cada leitura que se faz, sempre há um aspecto novo a explorar para aprender mais. Assim é a palavra de *D’us*.<sup>7</sup>

No entendimento dos expositores do *Tanakh* (AT), da *B’rit Hadashah* (NT) e do Judaísmo, em geral, a Palavra de *D’us* deveria ser esclarecida por quatro métodos.<sup>8</sup> A *Midrash* (מדרש) judaica trata deste aspecto. Os textos sagrados precisam ser abrangidos pelo menos em quatro níveis de compreensão ou entendimento, compendiado no chamado acróstico *Pa.R.De.S*:

- ✓ 1º nível de entendimento as letras *Pa* nos lembram o *Pshat* (פשוט) (simples), ou seja, entendemos o texto bíblico em seu nível natural. Ele é o nível de interpretação superficial, sem complicações e de maneira direta;
- ✓ 2º nível de entendimento é chamado de *Remez* (רמז) (insinuação), no qual o texto precisa levar em consideração outros aspectos, como a língua e as expressões idiomáticas empregadas, a época em que o texto foi escrito e até mesmo as condições psicológicas do autor. Quais eram as circunstâncias da época que poderiam influenciar o autor e os termos do texto em análise?;
- ✓ 3º nível é o *Drash* (דרש) (hermenêutico), ou seja, a correlação, o pensamento ou a investigação do texto e dos termos em questão. Quais os outros textos bíblicos que complementam ou trazem melhor e profundo entendimento ao texto ou ao parágrafo em análise? Seria o que em grego se denomina *hermenêutica*, a Bíblia explicada pela própria Bíblia;

<sup>5</sup> HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1223.

<sup>6</sup> GUIMARÃES, Marcelo M. *A Torá: Vaycrá, E Ele Chamou, Levítico*. 2. ed. Belo Horizonte: Ministério Ensinando de Sião/AMES, 2010. p. 192. v. 3.

<sup>7</sup> *D’us*: segundo a tradição judaica e o zelo pelo nome do Criador de todas as coisas, o Eterno de Israel, pedimos ao leitor a liberdade de grafar o nome de “Deus” colocando uma aspa simples ao meio no lugar do ‘e’ – “*D’us*” – tendo em mente que o tetragrama (*YHWH*) é impronunciável.

<sup>8</sup> GARTENHAUS, Jacob. *Apresentando o Messias: para o que era Seu*. 3. ed. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 2002. p. 112.

- ✓ 4º nível de compreensão, a que muitos poucos teólogos ou estudiosos chegam ou alcançam, o *Sod* (סוד) (místico), ou seja, o segredo oculto que *D'us* quis esconder aos olhos simples dos humanos. Não podemos negar o lado misterioso e secreto da Palavra de *D'us*.<sup>9</sup>

Muitos dos exegetas, na apresentação da Bíblia e de estudos realizados, usam exclusivamente um dos quatro métodos apresentados, já outros usam todos. Desta forma, “suas exposições harmonizam-se com as dos expoentes do Cristianismo”.<sup>10</sup>

## 1.2 O princípio e as origens de *Pessach*

O título “Páscoa deriva da palavra hebraica *pasah*, que significa segundo alguns estudiosos, *passar* (por cima / por alto)”.<sup>11</sup> Sua etimologia é extremamente debatida. A Bíblia a coloca em semelhança com a raiz *ps* (פס), sendo seu significado o de *coxear* ou *saltar*. Desta forma se deduz que *D'us* saltou, omitiu a última praga do Egito, das casas onde se celebrava o *Pessach*. No entanto, este é um esclarecimento auxiliar. Esta palavra tem constituída uma justaposição do acádico *pasahu*, que significa *pacificar*, de tal modo, o *Pessach* não apresenta caráter expiatório. Em ocasião recente, houve uma proposta explicativa pelo egípcio, segundo o qual ela significaria a transição de uma palavra egípcia que tem por significado *golpe*. O *Pessach* constituiria o *golpe da décima praga*, segundo *D'us* feriu os primogênitos do Egito. Porém, é difícil aceitar que o povo israelita deu um nome egípcio para um costume que lhe pertencia.<sup>12</sup> R. Laird Harris e outros expõem que há quatro exemplos do verbo com este uso:

Êxodo 12.13, “quando eu vir o sangue, ‘passarei’ [*ûpasahî*] por vós”. 2) Êxodo 12.23, “o Senhor ‘passará’ [*abar*] ... ‘passará’ [*ûpasah*] o Senhor aquela porta”. 3) Êxodo 12.27, “É o sacrifício da páscoa ao Senhor, que ‘passou’ [*pasah*] por cima das casas dos filhos de Israel”. 4) Isaías 31.5, “o Senhor dos exércitos protegerá [*ganan*] a Jerusalém; ele a protegerá [*ganan*] e a livrará [*natsal*], e, passando [*pasah*], a salvará [*malaf*]” (IBB).<sup>13</sup>

Abdicando de tais pesquisas etimológicas, o *Pessach* possivelmente tem sua raiz nômade. Devido ao seu rito pastoril, ele não estava ligado a nenhum local

<sup>9</sup> GUIMARÃES, 2010, p. 192.

<sup>10</sup> GARTENHAUS, 2002, p. 122.

<sup>11</sup> HARRIS et al, 1998, p. 1223.

<sup>12</sup> VAUX, 2004, p. 524.

<sup>13</sup> HARRIS et al, 1998, p. 1223.



santo. Da mesma forma, não era celebrado por nenhum sacerdote, em nenhum altar, mas, por anciões do clã,<sup>14</sup> sendo o clã uma instituição básica da família, que possuía cultura e hábitos devocionais peculiares. Contudo, “havia importância do rito de sangue”.<sup>15</sup>

Entre todos os rituais israelitas, sendo um rito de nômades e seminômades, era o que mais se aproximava dos sacrifícios dos antigos árabes. Os pastores israelitas tinham rituais e procedimentos de religiosidades que se aproximavam aos de outras culturas? Observamos na história dos hebreus que a religiosidade de diferentes povos, também nômades em contato com Israel, espelhou-lhes a crença, adaptando lendas e superstições nos seus rituais religiosos.

A celebração era atingida “provavelmente na noite de lua cheia após o *equinócio* da primavera”,<sup>16</sup> como relata J. Kaufman, “perigos demoníacos ameaçavam os primogênitos humanos e dos animais. Para guardarem-se ao terror dessa noite, ofereciam como sacrifício um animal, e com o sangue da vítima, usando alguns ramos de *hissopo* untava-se a travessa das tendas”<sup>17</sup> (Êx<sup>18</sup> 12.21-23). Este sangue tinha um significado **apotropeico**. Ele afastava a adversidade e prestava a proteção às pessoas e aos animais diante do demônio do deserto. Desta forma, o *Pessach* não era, nos primórdios, codificado como um sacrifício, nem ao menos sacrifício dos primogênitos (Êx 13.2-11; 34.49). Seu sentido não era fazer expiação ou comunhão com a divindade. No entanto, pode-se aceitar de uma maneira mais universal “que o rito servia à proteção dos envolvidos, em primeiro lugar a família”.<sup>19</sup>

Para os pastores árabes, a ameaça personificava-se nos demônios que concebiam na mente o habitar no deserto, cuja atuação maléfica era receada. Esta imolação realizada também tinha o sentido de alcançar a fecundidade e prosperidade do rebanho. Era considerada, de certa forma, uma unção de sangue e banquete, conforme relata Roland de Vaux:

<sup>14</sup> SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 202.

<sup>15</sup> VAUX, 2004, p. 524.

<sup>16</sup> SCHMIDT, 2004, p. 202.

<sup>17</sup> KAUFMAN *apud* CANTALAMESSA, Raniero. *O Mistério da Páscoa*. São Paulo: Santuário, 1993. p. 25.

<sup>18</sup> As abreviaturas dos livros bíblicos e outras são apontadas pela versão Bíblia de Jerusalém. *BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

<sup>19</sup> SCHMIDT, 2004, p. 202.

O sangue era colocado sobre os batentes da porta, primitivamente sobre as armações da tenda, deve afastar os poderes maléficos, o *mashit*, o exterminador, cuja menção é conservada na tradição *javista*, Êx 12.23, e talvez se ache, deformada, na tradição sacerdotal, Êx 12.13. Ela é uma festa que pode marcar como tem sido proposta, a partida a transumância de primavera, mas que não é suficientemente explicada por ela: é, mais geralmente, uma oferenda para o bem do rebanho, como era a antiga festa árabe do mês de *radjab*, o primeiro mês da primavera. Os outros detalhes da Páscoa acentuam esse caráter de festa de nômades: come-se a vítima assada no fogo, sem que haja necessidade de utensílios de cozinha, ela é comida com pão sem fermento, o que é ainda hoje o pão dos beduínos, e com ervas amargas que não são legumes cultivados em uma horta, mas plantas do deserto que os beduínos sabem escolher para temperar sua alimentação frugal. Come-se com os lombos cingidos e as sandálias nos pés, como para uma longa marcha, e o cajado de pastor à mão.<sup>20</sup>

Esta prática de celebração israelita testemunha a origem de *Pessach* judaica. Desta forma, a implicação da influência de outros povos se deu nas tradições judaicas. O *Pessach* israelita era um cerimonial consolidado nas vésperas do dia em que os pastores partiam em busca de novas pastagens para os rebanhos; no entanto, as famílias não saíam de casa até a manhã seguinte (Êx 12.21-23), quem sabe com a intenção de ficar um maior tempo em comunhão e fraternidade com seus familiares, antes da viagem. Portanto, o *Pessach* é uma festa muito antiga, “ela é até anterior ao Êxodo se a festa do deserto que os israelitas se propunham celebrar (Êx 5.1) era já uma Páscoa”.<sup>21</sup>

### 1.2.1 O Pessach do Êxodo

Com a introdução de *Pessach* no Êxodo, tudo se transformou. “Os relatos dos capítulos 11 e 12 (do Êxodo) combinam intencionalmente dois temas independentes, a décima praga e a Páscoa”.<sup>22</sup> Desta união, houve mudanças de práticas nos antigos ritos desta festa de pastores, tornando-os históricos. O termo *Pessach*, como dito anteriormente, acatado um termo egípcio, tendo o significado de *golpe*, é agora decifrado bem como *lahweh* (להוה) que *salta*, *suplanta*, *preserva*, *resguarda*, as casas dos israelitas marcadas com o sangue da vítima pascal. De acordo com Werner H. Schmidt:

Com isto o demônio do deserto, que atacava pessoas e animais, se tornou uma espécie de anjo que, por ordem divina, executa o juízo (cf. Êx 12.23 com v.29J). Enquanto que o “exterminador” somente realizava a vontade

<sup>20</sup> VAUX, 2004, p. 525-526.

<sup>21</sup> VAUX, 2004, p. 527.

<sup>22</sup> RAVASI, Gianfranco. *Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 60.

divina de “ferir” (cf. 2 Sm 24.17; 2 Rs 19.35), *Javé* se serve da antiga crença em seres demoníacos bem como do rito. Por fim, o Escrito Sacerdotal aboliu totalmente a pessoa do “anjo exterminador”: o “golpe do exterminador” tornou-se um mero “golpe destruidor” (v. 13; cf. § 6b,6). Através da subordinação do “anjo exterminador” ao Deus que “conduz para fora do Egito”, a ameaça do demônio outrora periódica transforma-se em acontecimento *único* na noite do êxodo. A Páscoa é entendida expressamente como “*memorial*”, um dia que “rememora” o êxodo (Êx 12.14 P; Dt 16.3,12; cf. Sl 111.4; Lv 23.24). Assim, se conjura o perigo que a história, através do rito pascal, seja “repetida” culturalmente na festa anual, mesmo que a salvação do passado continue válida ainda “hoje” (Êx 13.3s.).<sup>23</sup>

De tal modo, o rito de *Pessach* perdeu em seu sentido original, prontamente não conferia proteção por si mesmo. O rito, assim como sendo antes, não ministra nenhum penhor mágico. O sangue no umbral é simplesmente um sinal (Êx 12.13) da passagem de *D'us*, como sinal de aliança. Schottroff assinala essa alteração de significado:

“Diferente do rito protetor primitivo, o rito historizado da Páscoa ainda não tem peso próprio”. A história passada não é trazida para o presente por meio de um drama cultural, mas “ela se torna acessível aos participantes do culto através de um ato de proclamação em que se evidencia sua relevância atual”. “Pode-se perguntar se em *P* os momentos dramáticos da celebração da Páscoa, que querem evocar a memória, não devem ser entendidos somente como atos simbólicos, que ajudam a compreender a atualidade dos acontecimentos representados simbolicamente”.<sup>24</sup>

O *Pessach* no *Tanakh* (AT) é descrito por duas versões, encontradas no livro de Êxodo e em Deuteronômio. No livro de Êxodo, as evidências destacadas são a imolação do cordeiro e a saída do povo de Israel do Egito; em Deuteronômio o destaque é a saída da escravidão para a liberdade (Êx 13,15 e Dt 16).

De acordo com Êx 12.2: “este mês será para vós o princípio dos meses; será o primeiro mês do ano”. Há uma proposta de entendimento de que, até então, o primeiro mês não era *Abib*, mostrando uma evolução do calendário, uma alteração das ordens dos meses. Certas passagens dão a entender a existência de semelhanças entre o ano egípcio e o babilônico, além do calendário de Gezer, e o ano israelita que, segundo evidências destes, o *Pessach* poderia principiar no outono. Entretanto, outros textos próximos ao Exílio acenam para a primavera.

<sup>23</sup> SCHMIDT, 2004, p. 205.

<sup>24</sup> SCHOTTROFF *apud* SCHMIDT, 2004, p. 205-206.

Tempo depois, por influência babilônica, o mês de *Abib* passou a se chamar *Nisã* (ניסן), nome conservado até os dias de hoje.<sup>25</sup>

Na celebração registrada no livro do Êxodo, era escolhido um cordeiro sem mancha, macho de um ano, o qual seria imolado no dia 14 do mês de *Abib* ao entardecer. Moisés e Arão explicam a finalidade deste sacrifício (Êx 5.3): “o Deus dos hebreus encontrou-se conosco. Por favor, deixe-nos ir ao deserto em uma jornada de três dias, para que ofereçamos sacrifícios a *Adonai*, nosso Deus. De outro modo ele pode nos atingir com uma praga ou com a espada”.<sup>26</sup> Roland de Vaux dá sua premissa sobre o assunto:

Esta festa não é a oferenda dos “primogênitos” do rebanho: os textos mais detalhados sobre a escolha da vítima e sobre os ritos da festa não o dizem em nenhum lugar. Porém, Êx 34.19-20 inseriu a lei dos primogênitos entre a prescrição da festa dos Ázimos e sua conclusão natural no v. 20b, como o mostra a comparação com Êx 23.15, e Êx 13.1-2, 11-16 aproxima a lei dos primogênitos da Páscoa e dos Ázimos. É uma ligação artificial para qual a décima praga serviu de intermediária: na noite de Páscoa, Deus feriu os primogênitos do Egito e poupou as casas marcadas pelo sangue do sacrifício pascal; é por isso, diz Êx 13.15, que se imolam os primogênitos dos animais e que se resgatam os primogênitos dos homens. Os textos sacerdotais e Ez 45.25 são os únicos a precisar a data da Páscoa, 14/15 do primeiro mês. Isto é, na lua cheia deste mês. Esta data deve ter sido a da Páscoa desde o início: sendo uma festa noturna e do deserto, ela era celebrada na lua cheia, não necessariamente porque se ligava a um culto astral, mas simplesmente porque é a noite mais clara do mês. Esta explicação de bom senso basta para afastar uma hipótese segundo a qual a Páscoa teria inicialmente sido celebrada na noite de lua nova: como *hodesh* significou “lua nova” antes de significar “mês”, tem-se, de fato, tentado recentemente traduzir Dt 16.1: “observe a lua nova, *hodesh*, de *abibe* e celebre uma Páscoa para *lahvé* teu Deus”; a sequência do versículo, onde *hodesh* reaparece e tem certamente o sentido de “mês” seria uma adição sacerdotal.<sup>27</sup>

Qual era o local de celebração da festa de *Pessach*? Citações declaradas no livro de Êxodo afirmam: nas “casas”<sup>28</sup> (Êx 12.22) onde não havia santuários nem sequer altares, o que confirma que o *Pessach* na sua origem era uma festa familiar.

Deste modo, o *Pessach* tornou-se uma festa ilustre e eclesial em dois níveis: o primeiro, chamado de tenda (nível) familiar; e o segundo, chamado de tenda (nível) eclesial, de que falaremos adiante. Antes de tudo, em nível familiar, tal como

<sup>25</sup> AVRIL, Anne Catherine; MAISONNEUVE, Dominique de La. *As Festas Judaicas*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1997. p. 11.

<sup>26</sup> SH'MOT (Êxodo). In: BÍBLIA JUDAICA COMPLETA: a Tanakh [AT] e a B'rit Hadashah [NT]. São Paulo: Vida, 2010. p. 136.

<sup>27</sup> VAUX, 2004, p. 526.

<sup>28</sup> SH'MOT, 2010, p. 144.

atesta Êx 12.3-4: “no décimo dia deste mês, cada homem deve pegar um carneiro ou um cordeiro para sua família [...]. Exceto se a casa for muito pequena para um carneiro inteiro ou um cordeiro; neste caso ele e seu vizinho mais próximo devem compartilhá-lo”.<sup>29</sup> O abarco das citações mostra o *Pessach* em um reflexo sinalizando a unidade profunda da família, que se acha completa ao redor do cordeiro em uma ceia de comunhão. “A tenda familiar, portanto, é o primeiro lugar para a celebração, o pai é o presidente dessa pequena assembléia litúrgica”.<sup>30</sup>

O *Pessach* do Êxodo apontava a lembrança da libertação como um tempo histórico incluso em uma situação de conflito, que persistiu por séculos, na qual os antepassados das pessoas congregadas provaram a escravidão e a aflição, e conforme o depoimento bíblico *D’us* atuou conduzindo seu povo à liberdade.

Esta celebração era, conseqüentemente, o ambiente pelo qual se rememorava a presença de *D’us* unido ao povo de Israel entre os conflitos e tribulações. Criam que a proteção de *D’us*, no passado, jazeria com o povo nas consternações atuais e o cuidado de *D’us* com seus antepassados continuaria presente.<sup>31</sup>

A celebração do *Pessach* no deserto cessou após duas festas. “Na verdade, não é de se admirar, pois o espírito de murmuração não é dado a festividades; [...]. As celebrações da Páscoa só seriam retomadas quando Israel se encontrava acampado em Gilgal, nas campinas de Jericó (Js 5.10), 39 anos depois”.<sup>32</sup>

### 1.2.2 O *Pessach* do Deuteronômio

Nas citações de *Pessach* no Êxodo, as evidências destacadas são a imolação do cordeiro e a saída do povo de Israel do Egito; no livro de Deuteronômio, por sua vez, o destaque está na saída da escravidão para a liberdade (Êx 13, 15 e Dt 16).

Há dois níveis da festa: a tenda (nível) familiar do Êxodo e a tenda (nível) eclesial do Deuteronômio. A *Tradição Deuteronomista*, adentrando o princípio na

<sup>29</sup> SH’MOT, 2010, p. 142.

<sup>30</sup> RAVASI, 1985, p. 64.

<sup>31</sup> CIVITA, Victor (Ed.). *As grandes religiões da humanidade*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. 18.

<sup>32</sup> SITTEMA, John. *Encontrei Jesus numa Festa em Israel*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p. 34.

centralidade do culto, trocará a tenda familiar pela tenda eclesial do Templo. Deste modo, torna-se apreciada a grandeza social de *Pessach*.<sup>33</sup>

Observa-se que o Deuteronômio (16.2-5) é o iniciante na transformação de *Pessach* no ambiente familiar (Êx 12.21) das aldeias, focando o santuário central, como o único ponto do festejo. Todavia, por ausência de documentos, não é sabido se foi recente a mudança de *Pessach* pelo Deuteronômio em uma festa de peregrinação ao povo, ou isto aconteceu em duas determinadas etapas. Pode-se deduzir uma etapa pré-deuteronômica acoplada à festa de *Pessach* com a festa dos *Matzot* (מצות) (Pães Ázimos), e outra etapa que entrou em cena fazendo com que as várias festas de peregrinações locais fossem aprazadas, por motivos de ultimato da centralização, para o santuário central. Com a alteração da prática cultural, o *Pessach* aparenta uma transformação, ao mesmo tempo, em um sacrifício.<sup>34</sup>

De certa forma, houve o estabelecimento de mudanças, fato que presumirá uma alteração marcante nos costumes do povo: o *Pessach* não poderá ser mais celebrado em qualquer das cidades de Israel. O livro de Deuteronômio 16.5-7 ressalva:

Não sacrifiquem a oferta do *Pesach* em nenhuma das cidades que Adonai, seu Deus, dá a vocês; mas no lugar escolhido por *Adonai*, seu Deus, para fazer seu nome habitar – sacrifiquem nele a oferta de *Pesach*, à tarde quando o sol se puser, no dia do ano exato em que vocês saíram do Egito. Assem-na e comam-na no lugar escolhido por *Adonai*, seu Deus; pela manhã, voltem para a sua tenda.<sup>35</sup>

Determinada no Deuteronômio, a celebração de *Pessach* em Jerusalém, a verdadeira inovação, pode ser aceitável assim como narram “2 Rs 23.22 e 2 Cr 35.18, a Páscoa tem sido, até a instituição monárquica, uma festa comum, celebrada no santuário central da federação das tribos, assim como tinha sido uma festa tribal antes da sedentarização”.<sup>36</sup>

O mais recente calendário de Deuteronômio (cap. 16) idealiza, com uma requisição da centralização do culto, sendo uma fase mais adiantada de desenvolvimento. Segundo relato de Werner H. Schmidt:

<sup>33</sup> RAVASI, 1985, p. 64.

<sup>34</sup> SCHMIDT, 2004, p. 204.

<sup>35</sup> D'VARIM (Deuteronômio). In: BÍBLIA JUDAICA COMPLETA: a Tanakh [AT] e a B'rit Hadashah [NT]. São Paulo: Vida, 2010. p. 279.

<sup>36</sup> VAUX, 2004, p. 524.

Mas também ela torna obrigatórias somente três festas anuais (v. 16). Mais além vão somente a minuciosa regulamentação das festas da Lei da Santidade, em Lv 23, e o calendário de sacrifícios, em Nm 28s., que incluem o sábado ou o dia de descanso (Lv 23.3; Nm 28.8s.) – originalmente nenhum feriado cultural, em todo caso nenhuma “festa” (v. supra Excurso 2) -, o dia do ano novo e o dia da reconciliação (ou expiação: Lv 23.23-32; Nm 29.1-11). Além disso, estes textos posteriores do Escrito Sacerdotal mostram uma outra inovação: enquanto que Deuterônomo tinha unificado as festas em termos local, Lv 23 e Nm 28s., fixam as festas em termos de tempo, ao substituírem, na medida do possível, as antigas datas imprecisas por datas exatas. Tais mudanças e ampliações marcam o caminho do desenvolvimento histórico.<sup>37</sup>

Por outras novidades do Deuterônomo, o povo de Israel não poderia comer no tempo de sete dias pães com fermento para lembrar “[...] assim do dia em que saíram da terra do Egito”<sup>38</sup> (Dt 16.3). Em descrição deuteronômica, já se encontrar presentes as *Ceias do Cordeiro* e dos *Matzot*, e é alocada uma determinação, segundo a qual se passa a aplicar não somente a imolação do gado miúdo, mas também a do gado maior (Dt 16.2). Qual foi o motivo desta aplicação? “Os israelitas cresceram em população e vieram a ser um povo numeroso. E assim, tornou-se incômodo celebrar com tanta gente uma festa em que a comida de um cordeiro, de pães, de ervas e de bebidas era o rito principal”.<sup>39</sup>

O *Pessach* passa a ser o auge de uma celebração mais intrincada em Deuterônomo do que no Êxodo. Todavia, segundo a descrição de Roland de Vaux:

Especialistas que vêm no culto a atualização do mito consideram todo o conjunto de Êx 1-15 como a “lenda” da festa pascal, por trás da qual é inútil procurar eventos da história: é a expressão cultural do mito da luta de *lahvé* contra seus inimigos. O ponto culminante é a noite que é revivida na noite da Páscoa, a noite em que se vela como *lahvé* “velou”, Êx 12.42. De manhã, Êx 14.24, os egípcios estão derrotados; é o triunfo de *lahvé*, celebrado em um cântico de vitória, que acaba com a glorificação do Templo de Jerusalém, onde a festa acontece e onde *lahvé* reside para sempre, Êx 15.17.<sup>40</sup>

Na visão do Deuterônomo, o povo de Israel é inteiramente dependente de *D’us*, marcado pela *Aliança do Sinai*, onde o povo está livre para servir, como aludem as fontes bíblicas: “e eu te disse: Deixa partir o meu filho, para que me sirva!” (Êx 4.23).

<sup>37</sup> SCHMIDT, 2004, p. 200.

<sup>38</sup> D’VARIM, 2010, p. 279.

<sup>39</sup> SCJ. *A Origem da Páscoa*. Disponível em: <<http://scj.org.br/site/a-origem-da-pascoa/>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

<sup>40</sup> VAUX, 2004, p. 528.

### 1.2.3 O Pessach relacionado com os Matzot

A festa dos *Matzot* (מצות) “foi originalmente uma festividade agrícola cananéia, que os israelitas adotaram. Eles a incorporaram ao *javismo*, ligando-a a *lahweh* e associando-a com o Êxodo. Era realizada no começo da colheita da cevada e duravam sete dias”.<sup>41</sup> Os agricultores peregrinavam até os santuários e, ao chegar ao local, desfrutavam dos pães sem levedura, sem o acréscimo da ceifa velha.

Os dois mais antigos calendários religiosos discorrem acerca dos *Matzot*: o “Código da Aliança”,<sup>42</sup> tendo suas referências em Êx 23.15; 34.18, não fala do *Pessach*. Os *Matzot* são comidos durante sete dias no mês de *Abib*, também referenciado em: Êx 23.14,17; 34.23. Esta é uma das três festas de peregrinação, *hag* (גַּח). Foram por Salomão oficiadas pessoalmente no templo, o que nos mostra 1 Rs 9.25, sendo estas explicitamente indicadas por seus nomes, Ázimos, Semanas e Tendras, na passagem paralela de 2 Cr 8.13; Dt 16.16. No chamado “Decálogo Cultural”<sup>43</sup> de Êx 34.25 é tratado do *Pessach*, fora do calendário das festas de peregrinação. O paralelismo leva a compreender, além disso, o *Pessach* em Êx 23.18, embora fora das três festas de peregrinação. Todavia, a expressão *hag* nos dois versículos depositaria sua escrita posteriormente ao Deuteronômio, no momento em que o *Pessach* se tornou uma peregrinação, *hag*.<sup>44</sup>

A festa de *Pessach* e a festa dos *Matzot* uniram os dois ritos completamente diferentes em sua origem, como as formas de sacrifícios citadas em Gn 4.3. Os dois ritos remontam a duas maneiras de vida: a nômade e a sedentária. Portanto, na origem elas não são israelitas ou até relacionadas a *D’us*, as duas são alistadas com o ritmo da natureza, o retorno das estações do ano. Portanto, o rito se tornou o *Pessach* de *D’us*, foi apropriada para *D’us*.<sup>45</sup> Ainda complementando a respeito desta união, Werner H. Schmidt ressalta:

Ambos os ritos, completamente distintos segundo sua intenção, foram unidos de tal modo que a Páscoa era imolada na véspera do início dos sete dias da festa dos pães ázimos. Entretanto, somente Deuteronômio (16,3s.

<sup>41</sup> FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 246.

<sup>42</sup> SCHMIDT, 2004, p. 200.

<sup>43</sup> SCHMIDT, 2004, p. 200.

<sup>44</sup> VAUX, 2004, p. 523.

<sup>45</sup> SCHMIDT, 2004, p. 202-203.



numa combinação posterior; cf. Lv 23.5s; Mc 14.12 e outras atestam esse desenvolvimento). Ambas as cerimônias puderam ser juntadas por causa da proximidade cronológica. Pois os restolhos da terra de cultivo estavam à disposição dos rebanhos justamente após a colheita da cevada. Além disto, pode-se discutir se desde o começo eram consumidos, na Páscoa, bolos ázimos (e ervas amargas). As abonações são incertas (cf. Êx 12.8 *P* antes dos v. 15ss.; 12.34,39 J; Dt 16.3a). Visto que a festa dos pães ázimos foi relacionada bem cedo com a saída do Egito, fixada em um determinado mês (*abib*) e festejada durante uma semana, defende-se, ao lado da interpretação habitual esboçada acima, também a opinião de que o próprio Israel desenvolveu, na terra, a festa dos pães ázimos a partir da Páscoa (*J. Halbe*). Porém, neste caso fica difícil explicar por que a prescrição da Páscoa e a dos pães ázimos correm em trechos separadamente lado a lado e por que os calendários de cultos mais antigos mencionam a festa dos pães ázimos em lugar da Páscoa.<sup>46</sup>

Tem-se empregado o texto de Js 5.10-12 em benefício de uma combinação antiga das duas festas. No primeiro acampamento na Terra Prometida, os israelitas celebraram o *Pessach*, na tarde do dia 14 do mês, eles comeram naquele mesmo dia, no dia seguinte de *Pessach*, produtos do país, os *Matzot* e as espigas tostadas; então, o maná cessou, não caiu mais. Esta é uma tradição do santuário de Gilgal, na qual o *Pessach* e os *Matzot* celebraram o encerramento do Êxodo e o início na Terra Prometida.<sup>47</sup> A isso se tem contestado, conforme propaga Roland de Vaux:

[...] que o relato, colocando os Ázimos no dia seguinte à Páscoa, dependia da tradição sacerdotal e só podia ser tardio. Isto não é exato, pois as palavras “no dia seguinte à Páscoa” faltam nos melhores testemunhos da versão grega e contradizem a expressão vizinha “naquele mesmo dia”; elas são provavelmente uma glosa. Mas tampouco é certo que se tratasse de festa dos *matzot* conhecida pelos textos litúrgicos: os mais antigos destes fazem a festa durar sete dias e não falam de espigas tostadas. Tem-se antes a impressão de uma tradição independente, que reflete um costume do santuário de Gilgal, mas que não prova que no início da instalação em Canã se tivesse unido a Páscoa e uma festa dos Ázimos tal qual ela é descrita, nos outros textos.<sup>48</sup>

Outra versão se observa a respeito deste assunto, conforme o calendário que situa a reforma de Josias, por volta de 621 a.C., quando todos os santuários foram destruídos por ordem real e o culto restringiu-se ao único templo, o de Jerusalém, relatado em 2 Rs 23.12-23.<sup>49</sup> Na alusão de Vicente Serrano:

Com esta medida alcançava-se uma dupla finalidade: a religiosa, pela qual se unifica o culto e se purifica o javismo, de acordo com a linha reformadora dos deuteronomistas; a política, pela qual se conseguem vincular mais

<sup>46</sup> SCHMIDT, 2004, p. 203.

<sup>47</sup> VAUX, 2004, p. 524.

<sup>48</sup> VAUX, 2004, p. 524.

<sup>49</sup> SERRANO, Vicente. *A Páscoa de Jesus em seu tempo e hoje*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 11.

estritamente à capital todos os territórios do reino, subtraindo assim a velha tendência centrífuga manifestada sempre nas tribos, que expõe suas diversas origens. Essa tendência, que poderia chamar-se de anarquia religiosa e política, como reflete o livro dos Juízes, foi à causa do fracasso da anfictionia ou “liga sagrada das tribos” [...] mas, historicamente, é certo que esta tendência foi a causa principal da divisão do reino, com a morte de Salomão [...]. Josias, que provavelmente conhecia esta história, segundo a qual, de um reino bastante poderoso em seu entorno geográfico, surgiram dois reinos fracos, sem peso político algum [...]. [...] quis com esta reforma fazer frente ao perigo e à ameaça do novo império surgido do outro lado do Eufrates, o da Babilônia. Para isso tentou forjar a unidade do povo em torno de um só Deus, *Javé*, e de um só templo, o de Jerusalém.<sup>50</sup>

Conforme datação de *Pessach* fixado na lua cheia, este permaneceu como sempre, e os *Matzot* lhe foram unidos, seguindo seus sete dias, mantendo esta regra, a de Lv 23.5-8. De certa forma, este acordo de uma contagem lunar de *Pessach* e de uma semanal dos *Matzot* ocasiona uma difícil solução, o *Pessach* não caindo necessariamente em véspera de *Shabat* (שַׁבָּת), porque precisavam começar os *Matzot*. Na prática, recusa-se a ligação aos *Matzot* com a semana e regula-se pela festa de *Pessach*.<sup>51</sup> Segundo Roland de Vaux, na época judaica,

[...] fariseus e betuseanos (um grupo de saduceus) disputavam sem resultado sobre a interpretação do shabat dos *matzot* e do “dia seguinte ao shabat”, Lv 23.11-15, em que devia oferecer o primeiro feixe e de quando começavam as sete semanas antes das festas das Semanas. Os betuseanos o entendiam como sendo o sábado que caía na semana dos *matzot*; os fariseus, como o próprio dia da Páscoa.<sup>52</sup>

Por meio do ajuntamento, certamente posterior, destas tradições festivas diferenciadas nas suas práticas gerais, o *Pessach* foi modificado em uma festa de peregrinação, tendo seu espaço no santuário. Deste modo, em analogia à festa dos *Matzot* (Êx 23.12; 34.18 e outros) se podia falar igualmente da festa de *Pessach* (Êx 34.25; 12.14). O atributo da festa, entretanto, foi definido, de modo progressivo, pela tradição de *Pessach*, de modo a ter se transformado no nome comum da festa.<sup>53</sup>

Com a transformação da prática cultual, o *Pessach* parece ter se transformado, ao mesmo tempo, em um sacrifício, embora a festa, como falado anteriormente, não seja a oferenda dos primogênitos do rebanho.<sup>54</sup>

<sup>50</sup> SERRANO, 1998, p. 17.

<sup>51</sup> VAUX, 2004, p. 528.

<sup>52</sup> VAUX, 2004, p. 528.

<sup>53</sup> SCHMIDT, 2004, p. 203.

<sup>54</sup> SCHMIDT, 2004, p. 203.

Em todas as tradições, os *Matzot* ou o *Pessach* estão vinculados à saída do Egito, tem uma ligação com a história da salvação. Estas festas serviram para comemorar este evento da história da salvação.

#### 1.2.4 O *Pessach* da monarquia até a época de Josias

Quando se fala de *Pessach* no período monárquico (a partir de 1050 a.C.), há silêncio sobre a celebração. Apenas o profeta do Reino do Norte Oséias (cap. 12) faz críticas ao povo pela omissão da celebração.<sup>55</sup>

Os escritos bíblicos conferidos ao período precedente ao reinado do rei Josias (640-609 a.C.) não referem a celebração de *Pessach*. Apenas o historiador cronista relata uma chamada para festa de *Pessach* durante o reinado do rei Ezequias (2 Cr 30.1-27). No século VIII, esperava-se que os profetas mencionassem o *Pessach*. No entanto, não há ênfases da celebração neste período.<sup>56</sup> Esse silêncio, possivelmente, tem motivos, segundo destaca Tércio Machado Siqueira:

- A páscoa era uma celebração de pastores que viviam na periferia da sociedade israelita;
- A páscoa, originalmente, foi uma celebração caseira, familiar e os historiadores preocuparam-se com a atuação dos reis;
- A páscoa possuía um conteúdo contestador a toda instituição opressora como acontecia nos reinados de Judá e Israel;
- Consequentemente, os reis e os sacerdotes do templo em Jerusalém não tiveram interesse de promover a celebração da páscoa.<sup>57</sup>

Apesar disso, é preciso acolher a ideia de que a lembrança do Êxodo conservou-se viva confinante ao povo hebreu, de uma forma exclusiva dentre os moradores do Reino do Norte, como são expostas as informações sobre as atividades do profeta Elias (1 Rs 17.1 e 2 Rs 2.18) e do profeta Oséias. E o silêncio sobre o *Pessach* nos arredores do Templo de Jerusalém é compreensível, porquanto a recordação do Êxodo não fazia parte da memória do Reino Sul,

<sup>55</sup> SIQUEIRA, Tércio Machado. *Estudos Bíblicos: um estudo sobre a origem da Páscoa*. Disponível em: <<http://www.metodista.br/fateo/materiais-de-apoio/estudos-biblicos/um-estudo-sobre-a-origem-da-pascoa>>. Acesso em: 09 ago. 2012.

<sup>56</sup> SIQUEIRA, Tércio Machado. *Estudos Bíblicos: Páscoa*. Disponível em: <<http://www.metodista.br/fateo/materiais-de-apoio/estudos-biblicos/pascoa>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

<sup>57</sup> SIQUEIRA, 10 ago. 2012.

sobretudo, das pessoas achegadas ao Templo e também ao palácio, em Jerusalém.<sup>58</sup>

Por volta de 622 (a.C.) no reinado de Josias, Reino do Sul, Judá, adveio o evento narrado em 2 Rs 22.23. No Templo teria sido achado um rolo, no qual jazia registrada uma lei antiga alusiva ao culto.<sup>59</sup> Kaufman afirma:

[...] além do livro de Deuteronômio que estava na origem da reforma de Josias, também, no mesmo período “a lei de *J E* e de *P* e o fundo da relatada Páscoa de Josias (2 Rs 23, 1-3); de acordo com as estipulações de *D*, Josias aboliu o antigo sacrifício de *J, E* e *P* realizados nos lares”. Estabeleceu-se a obrigatoriedade da “observância do livro da *Torá* recém-descoberto”.<sup>60</sup>

Segundo as referências citadas, o rei Josias, aproveitando o momento, denominado Reforma Deuteronômica, festejou este *Pessach* com todo povo de Jerusalém “(a historicidade deste dado é dúbia, ainda mais dúbio é o relato sobre a primeira celebração da Páscoa na terra; Js 5.10s.; cf. Nm 9.5)”.<sup>61</sup> Houve permanência neste preceito, mesmo que viesse a existir aperfeiçoamento nas regulamentações dos detalhes (2 Cr 30, 35; Ed 6.19).<sup>62</sup>

Esse monarca nutria sonhos nacionalistas e almejava purificar o judaísmo de influências de outros povos, enxergando o amplo potencial político que continha o *Pessach*, que celebrava a libertação hebreia e a origem de Israel como povo.<sup>63</sup>

A novidade desta festa é, então, profundamente enfatizada: “não se havia celebrado em Israel uma Páscoa semelhante a essa desde a época do profeta Samuel; nenhum rei de Israel celebrara uma Páscoa semelhante à que celebrou Josias” (2 Cr 35.18). A exposição deste *Pessach* se desenvolve com mais ênfase em 2 Cr 35.1-18, no entanto, não expõe nada de inédito para a época do rei Josias, “as adições se inspiram na prática da época do Cronista, os Ázimos são mencionados, v. 17, e a contradição que existia entre Páscoa e Ázimos em Dt 16.7-8 é suprida”.<sup>64</sup> É observada a insistência do Cronista na novidade desta festa,

<sup>58</sup> SIQUEIRA, 10 ago. 2012.

<sup>59</sup> MALANGA, Eliana Branco. *Bíblia Hebraica como obra aberta*. São Paulo: Humanitas, 2005. p. 123-124.

<sup>60</sup> KAUFMAN *apud* MALANGA, 2005, p. 124.

<sup>61</sup> SCHMIDT, 2004, p. 203.

<sup>62</sup> SCHMIDT, 2004, p. 204.

<sup>63</sup> SCJ, 10 ago. 2012.

<sup>64</sup> VAUX, 2004, p. 523.

“nenhum *Pessach* tinha sido celebrada como aquele desde a época de Samuel”.<sup>65</sup>

Em que consistia essa novidade? Conforme relato de Tércio Machado Siqueira, a inovação do Deuteronômio e a festa do rei Josias surgem:

- Um dos projetos mais fortes dessa reforma foi à centralização do culto no templo de Jerusalém.
- Por extensão, as manifestações de culto, realizadas nas famílias, foram transferidas para o Templo, particularmente a celebração da Páscoa. A Páscoa, que era uma celebração caseira, familiar, entra definitivamente para o calendário do Templo de Jerusalém, passando a ser uma das festas de Peregrinação.
- Ao ser assimilado pelo calendário oficial do Templo, a Páscoa perdeu, definitivamente, o seu caráter de protetor contra qualquer tipo de enfermidade, peste etc, bem como a sua relação com a Festa dos Pães Asmos ou Ázimos (Êx 12,1-51).
- Conforme prescreve Deuteronômio (16,1-8), as prescrições litúrgicas da Páscoa foram ligeiramente alteradas. Como exemplo, o gado maior (boi e vaca) passa a ser admitido como parte do sacrifício e a carne da vítima pode também ser cozida.
- O êxodo do Egito continuou sendo o motivo principal da Páscoa.<sup>66</sup>

Antes o *Pessach* era uma festa de família, como já foi relatado, celebrada em cada cidade e em cada casa de família (Êx 12.21-23 e Dt 16.5), e era distinta da peregrinação dos *Matzot*. Como as duas festas são celebradas na mesma época e tinham tradições comuns, foram reunidas. Porém, esta ligação, embora não fosse feita na época do rei Josias, somente surge em Ez 45.21 e nos textos sacerdotais.<sup>67</sup>

Todavia, conforme citação das Crônicas relacionadas a esta novidade que expõe o Cronista sobre a grandiosidade da festa do rei Josias, quiçá houvesse precipitação nas palavras. Um *Pessach* parecido prontamente teria sido celebrado em Jerusalém sob o rei Ezequias, tendo tais características de que os prazos de purificação dos sacerdotes e da convocação dos fiéis do antigo reino norte fizeram resolver que ela teria celebração no dia 14 do segundo mês (*Iyar*); segundo 2 Cr 30.26 esta foi uma festa como não se tinha visto desde os tempos de Salomão.<sup>68</sup> “Tentou-se recentemente defender a historicidade deste relato até em seus detalhes, e a celebração no segundo mês seria explicada por uma diferença entre os calendários de Efraim e de Judá”.<sup>69</sup>

<sup>65</sup> VAUX, 2004, p. 523.

<sup>66</sup> SIQUEIRA, 10 ago. 2012.

<sup>67</sup> VAUX, 2004, p. 523.

<sup>68</sup> VAUX, 2004, p. 523.

<sup>69</sup> VAUX, 2004, p. 523.

Nesta novidade nos é proporcionado a observar este ponto importante, segundo Mitchell: “2 Cr 34.9 afirma a participação do remanescente de Israel na contribuição para a reforma do templo e, no v. 21, Josias pede a Hilquias e outros que consultem o Senhor por ele e pelo remanescente de Judá e Israel”.<sup>70</sup> Há um apontamento para uma reunificação, isto é, todo o Israel, as tribos do norte e as tribos do sul, compartilharam da celebração de *Pessach* no tempo do rei Josias.<sup>71</sup>

A seguinte alusão de Dillard serve como uma conclusão dessa discussão sobre a reunificação das tribos de Israel:

Josias é apresentado como o rei de um reino unido que quase alcançava as proporções dos reinos de Davi e Salomão; todo Israel agiu em respeito a esse governo justo. A expressão terra de Israel (34-7) ocorre somente quatro vezes em Crônicas, uma vez cada durante os reinos de Davi (1 Cr 22.2), Salomão (2.16[17]), Ezequias (30.25) e Josias.<sup>72</sup>

Percebe-se que o Cronista idealizou a reforma do rei Ezequias, referida pelo livro dos Reis de maneira concisa, ao modo da do rei Josias, dando-lhe uma conclusão, um *Pessach* imponente que, no entanto, segue menos a ordem do Deuteronômio do que as do *Código Sacerdotal*.<sup>73</sup> Segundo expõe Roland de Vaux:

Foi também do Código Sacerdotal que o Cronista tirou esta idéia da Páscoa do segundo mês, inspirando-se em Nm 9.1-14, onde se acham os dois traços da falta de pureza e da longa viagem a realizar: essa regulamentação de Nm 9.1-14 é explicada pelas condições depois do Exílio e as relações entre a comunidade da Palestina e as de Babilônia e da Diáspora.<sup>74</sup>

“Reconhecida a novidade da Páscoa do Deuteronômio e de Josias, pergunta-se: era uma novidade absoluta?”.<sup>75</sup> A indicação dos textos demonstra uma incidência na retomada de um costume antigo, em longo tempo negligenciado, desde o tempo dos juízes (2 Rs 23.22), desde o tempo de Samuel (2 Cr 35.18), o que é propriamente a mesma coisa. Distinguem-se dois assuntos, sendo eles: a

<sup>70</sup> MITCHELL *apud* AQUINO, João Paulo Thomaz de. *Por que Josias morreu?* Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/Fides\\_Reformata/05\\_PorqueJosiasMorreu.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/Fides_Reformata/05_PorqueJosiasMorreu.pdf)> Acesso em: 10 ago. 2012. p. 96.

<sup>71</sup> MITCHELL *apud* AQUINO, 10 ago. 2012, p. 96.

<sup>72</sup> DILLARD *apud* AQUINO, 10 ago. 2012, p. 97.

<sup>73</sup> VAUX, 2004, p. 524.

<sup>74</sup> VAUX, 2004, p. 524.

<sup>75</sup> VAUX, 2004, p. 524.

união de *Pessach* e dos *Matzot*, e a obrigação de comemorar o *Pessach* somente em Jerusalém.<sup>76</sup>

Em síntese, o *Pessach* não seria mais uma celebração privada, mas, sim, pública, e que não precisaria mais ser celebrada em casa; no entanto, o lugar determinado seria no Templo de Jerusalém. Contudo, “o cordeiro deixou de ser imolado pelo chefe da família, e esse ato passou a ser realizado pelo sacerdote, e o sangue já não era usado para untar as portas das casas, porém era derramado sobre o altar”.<sup>77</sup>

Somente no 18º ano do reinado do rei Josias se celebrou um *Pessach* deste modo, em honra a *D’us* em Jerusalém (2 Rs 23.22-23). Desta forma, retornou, portanto, à antiga prática dos pastores, quando o *Pessach* era celebrado como um encontro comunitário.<sup>78</sup>

#### 1.2.5 O *Pessach* do exílio babilônico (598-537 a.C.)

Em 587 a.C., os exércitos babilônicos sitiaram e invadiram Israel. Jerusalém foi incendiada e o Templo destruído, virando tudo em ruínas. Assim, exilaram a população para a Babilônia. Desta forma, não havia mais o Templo, e, à frente da atual situação social, uma coligação de sacerdotes na Babilônia definiu mudar novamente o ritual da celebração de *Pessach*. Não era possível permanecer celebrando-o no Templo como tinha ordenado o rei Josias, e deste modo alteraram novamente o ritual e regressaram ao antigo uso de celebrá-lo em família e com gado menor (cordeiro ou cabrito) assado e não cozido.<sup>79</sup> O material de SCJ expõe suas considerações na intenção explicativa desta época do evento:

Esta nova legislação dos sacerdotes está em Êx 12,1-14: Cada família tomará um cordeiro ou cabrito. O animal deve ser sem defeito, macho de um ano. Será sacrificado ao anoitecer. Tomarão o sangue e o passarão nos dois portais, no travessão e na soleira da casa onde será comido. Depois comerão a carne assada, com pães sem fermento e com ervas amargas. Não o comerão fervido, mas assado. Comerão assim: cingidos, com sandálias aos pés e o bastão na mão. Comerão rapidamente porque é a Páscoa de *Jahvé*. Eu passarei no Egito nessa noite e matarei todos os primogênitos dos homens e dos animais. Mas quando vir o sangue nas casas de vocês, passarei adiante e ali não haverá morte. Esse será um dia

<sup>76</sup> VAUX, 2004, p. 524.

<sup>77</sup> SCJ, 10 ago. 2012.

<sup>78</sup> SCJ, 10 ago. 2012.

<sup>79</sup> SCJ, 10 ago. 2012.

memorável para vocês, e o celebrarão como uma festa em honra de *Jahvé* para sempre (Êx 12, 1-14).<sup>80</sup>

Este escrito surge na boca de Moisés como se ele próprio tivesse estabelecido essas disposições na noite da saída do Êxodo. Porém, na realidade, foram relatados sete séculos depois por sacerdotes exilados na Babilônia, assim acomodando o povo na situação em que se encontravam.<sup>81</sup>

No período do exílio na Babilônia, “além da memória histórica que reacendia a fé israelita no seu Deus, o exílio trouxe um novo elemento: os exilados desenvolveram a esperança de que *Javé* poderia libertá-los, de novo, e trazê-los de volta para Canaã”.<sup>82</sup>

Esta questão da celebração de *Pessach* desta época é muito abordada pelo profeta anônimo do exílio, cujas palavras foram escritas no livro de Isaías (caps. 40 a 55). Conforme listagem em citação organizada por Tércio Machado Siqueira:

- Com a destruição de Jerusalém (587 a.C.), desaparece a atividade cultual oficial (Sl 137); surge o estudo bíblico entre os exilados (mais tarde, Sinagoga); cresce a produção literária, resgatando os testemunhos históricos do povo, particularmente, a vida e obra de Moisés.
- A celebração da Páscoa volta para a casa. Volta a ênfase no sacrifício da rês menor, o cordeiro. O antigo ritual de sangue, provavelmente, volta a ter o sentido de defesa ante o exterminador.
- Os quatro cânticos do Servo de *Javé* (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-11 e 52,13-53,12), pronunciados durante o exílio, têm muito a ver com a mensagem da Páscoa.
- Percebem-se algumas variações no ritual da celebração: não jogar fora parte do animal sacrificado; não quebrar os ossos da vítima; celebração no segundo mês para quem não o fez no primeiro; permissão para os estrangeiros participarem (Nm 9,1-14).
- Começa aparecer uma separação entre Páscoa e Ázimos como celebrações distintas: Ázimos, nos dias 1 a 7 e Páscoa, no dia 14 do primeiro mês.<sup>83</sup>

#### 1.2.6 O *Pessach* dos períodos persa ao grego (539-333 a.C.)

Décadas depois, com o edito de Ciro (Ed 1.1-5), os judeus exilados começaram a regressar à sua pátria. “Os que voltaram empreenderam-se na reconstrução do Templo e da cidade de Jerusalém”.<sup>84</sup>

<sup>80</sup> SCJ, 10 ago. 2012.

<sup>81</sup> SCJ, 10 ago. 2012.

<sup>82</sup> SIQUEIRA, 10 ago. 2012.

<sup>83</sup> SIQUEIRA, 10 ago. 2012.

<sup>84</sup> SIQUEIRA, 10 ago. 2012.



Com a reconstrução do Templo puderam celebrar novamente suas festas tradicionais, repararam os calendários, também atualizaram a liturgia e instituíram novos ritos. Entretanto, quando foi posta a questão de *Pessach*, estiveram em dúvida sobre a permanência mantendo como uma festa privada, como era até o momento, ou se regressariam à ordenança da celebração no Templo.<sup>85</sup> De tal modo, preferiram uma recurso intermediário, “uma parte seria no Templo (ali seria sacrificado o animal) e a outra seria realizada em família (a comida do animal)”.<sup>86</sup>

O destaque teológico contornou mais em torno do Templo do que a profecia e a tradição do Êxodo, conforme narra Tércio Machado Siqueira:

- O "historiador cronista" (1 e 2 Crônicas, Esdras e Neemias) mostra que a Páscoa preservou alguma cerimônia para o Templo de Jerusalém. Somente a refeição pascal foi mantida na família.
- O gado maior (bois, vacas) foi readmitido como parte da cerimônia.
- A carne deveria ser assada e não mais cozida.
- O leigo deveria executar o ritual de sangue (2 Cr 30.21; 35.11).
- As cerimônias da Páscoa e dos Ázimos voltam a integrarem-se.
- Algumas novidades na celebração: O levita passa a ter um papel relevante na cerimônia; surgiu a música como parte da celebração; um copo de vinho passou a fazer parte da cerimônia.<sup>87</sup>

Então, o *Pessach* tornou a ser uma festa de peregrinação obrigatória, e novamente puderam observá-lo multidões que peregrinavam a Jerusalém para a celebração de *Pessach*. Esse é o *Pessach* judaico, e era assim que se celebrava no tempo de *Yeshua* (ישוע).<sup>88</sup>

### 1.2.7 Relatos de *Pessach* no período dos romanos (até 70 d.C.)

Há algumas fontes que informam acerca da afluência daqueles que participavam da festa de *Pessach*, quer dizer, do número de peregrinos para a celebração e da população de Jerusalém. Observa-se, no entanto, que tal cálculo para os peregrinos se fundamenta no número dos animais para o sacrifício pascal.<sup>89</sup> Uma das primícias na descrição a respeito de cifras é relatada por J. Borsirven:

<sup>85</sup> SCJ, 10 ago. 2012.

<sup>86</sup> SCJ, 10 ago. 2012.

<sup>87</sup> SIQUEIRA, 10 ago. 2012.

<sup>88</sup> SCJ, 10 ago. 2012.

<sup>89</sup> JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário*. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2010. p. 111.

O *Talmud* por sua vez menciona outra Páscoa, durante o reinado de Agripa II (50-100 d.C.), quando foram sacrificados 1.200.000 cordeiros, aos quais correspondia uma população de 12 milhões de pessoas entre habitantes de Jerusalém e peregrinos. O rei Agripa pretendia fazer uma espécie de censo, solicitando ao sumo sacerdote. Para isso Agripa retirou um rim de cada cordeiro sacrificado e “na recontagem, encontrou 600 mil pares de rins, ou seja, [um número] duas vezes maior dos [judeus] que saíram do Egito, sem considerar aqueles que por impureza ritual ou por estarem viajando, não participaram da festa. Como de cada cordeiro participavam dez pessoas, o número total de Israelitas era de doze milhões. Esta Páscoa recebeu o nome de Páscoa das multidões.<sup>90</sup>

Algumas cifras insignes também são apresentadas pelo *Talmud* (תלמוד) e pelo historiador Flávio Josefo a respeito dos peregrinos que subiam a Jerusalém, como dos sacrifícios pascais.<sup>91</sup> O historiador expõe acerca de um *Pessach* entre 63 e 66 d.C., no qual chegaram a ser sacrificados 255.600 (variante 256.500) animais,<sup>92</sup> de acordo com *Pes IX 10s*, cita como exemplos, mesas comuns com 5, 10 ou 12 pessoas. Se a última ceia de *Yeshua* foi uma refeição pascal, nela tomaram parte *Yeshua* e os doze discípulos, isto é, treze pessoas. Flávio Josefo, o *Talmud* e o *Midrash* (מדרש) concordam quando cogitam uma média de 10 participantes.<sup>93</sup> Devemos nos ater a esse número, desta forma, totalizando a presença de aproximadamente 2.700.000 pessoas celebrando esta festa.<sup>94</sup> Outros números fornecidos por Flávio Josefo a propósito do cerco que começou repentinamente por ocasião da *Pessach* de 70 d.C. foi: 1.100.000 mortos, 97.000 prisioneiros, e 3.000 que fugiram para a ravina arborizada de Jarde, totalizando 1.200.000 participantes de *Pessach* para aquele ano<sup>95</sup>. Em remate a estas fontes, Joachim Jeremias cita:

Tácito fornece-nos uma quarta indicação; segundo seu parecer, um total de 600.000 homens devem ter ficado confinados em Jerusalém, no ano 70. Devemos ter certa reserva quanto a esse número, porque Tácito seguramente se baseou em Josefo, e nesse número encontra-se o seguinte dado: os trãsufugas contaram que o número de cadáveres dos pobres lançados para fora das portas era 600.000; quanto ao número de outros mortos, é impossível avaliar.<sup>96</sup>

Os textos apresentados possuem cifras tão vultosas que devem ser mais bem analisados para considerá-las verídicas. Houve um vasto estudo sobre o

<sup>90</sup> BORSIRVEN *apud* SERRANO, 1998, p. 30.

<sup>91</sup> SERRANO, 1998, p. 30.

<sup>92</sup> JEREMIAS, 2010, p. 112.

<sup>93</sup> JEREMIAS, 2010, p. 118.

<sup>94</sup> SERRANO, 1998, p. 30.

<sup>95</sup> JEREMIAS, 2010, p. 112.

<sup>96</sup> JEREMIAS, 2010, p. 112.

assunto, “considerando que os dados do tratado de *Middot* da *Mishná* (משנה) (*Pes.* V,5), e as informações de Flávio Josefo, fazem conhecer as dimensões do Templo, o modo de realizar-se o sacrifício dos cordeiros, a demografia daquele tempo e em especial a demografia de Jerusalém”.<sup>97</sup> Na *Mishná Pes. V,5* diz que em 14 de *Nisã* os judeus se dividiam em 3 grupos para imolar os sacrifícios pascais, um grupo por vez cumpria as regras da imolação. Qual o espaço ocupado por um grupo que entrava para imolar as vítimas pascais?<sup>98</sup> Primeiramente, este espaço se chama adro interior, onde se encontram o local de imolação e o altar dos holocaustos, um grupo demandava aproximadamente um espaço de 3.200m<sup>2</sup> quando não imolava.<sup>99</sup> Joachim Jeremias chega a uma conclusão real quanto ao número de peregrinos, dos habitantes de Jerusalém e dos sacrifícios pascais:

Visto a estreiteza do lugar podemos contar 2 homens por metro quadrado, cada um com uma vítima, raramente duas. Seriam então 6.400 homens. Por conseguinte, havia mais ou menos 6.400 vítimas em cada grupo. Havia ali três grupos: o último não era tão numeroso quanto os dois outros, pois todo mundo ocorria para tomar parte nos dois primeiros. Alcançamos, assim, um total de 18.000 vítimas pascais, no total para a Páscoa? Cada vítima era prevista para uma vítima comum. Por conseguinte, obtemos, como números de participantes à Pascoa: 18.000 X 10 [*comensais*] = 180.000. Subtraindo alguns 55.000 habitantes de Jerusalém, obtemos um número aproximativo de 125.000 peregrinos para a Páscoa. Devemos talvez diminuir ou aumentar esse número em pouco mais da metade. O movimento dos estrangeiros era tão considerável em Jerusalém que, durante as festas, seu número superava largamente o dos habitantes.<sup>100</sup>

Os peregrinos que se deslocavam a Jerusalém para a celebração de *Pessach* encontravam uma dificuldade, pois tornava-se difícil a estadia na cidade, ainda que nela existissem albergues aos peregrinos e âmbitos disponíveis oferecidos pelos moradores locais. É aceitável o pensamento de que dependências do Templo proporcionassem estalagem no período das festas de peregrinação. Pelos motivos tais de aumento populacional, muitos se instalavam nas aldeias perto a Betfagé e Betânia; outros, entretanto, instalavam-se em tendas ao redor da cidade. Porém, o cordeiro deveria ser comida dentro da cidade, cujo perímetro era

<sup>97</sup> SERRANO, 1998, p. 30-31.

<sup>98</sup> JEREMIAS, 2010, p. 113.

<sup>99</sup> JEREMIAS, 2010, p. 117.

<sup>100</sup> JEREMIAS, 2010, p. 119.

expandido legalmente, de tal forma ficaria impossível cumprir esse mandamento dentro do espaço muralhado.<sup>101</sup>

Indicava um dos *dez milagres* de *D'us* no santuário terem todos os peregrinos onde se abrigar. Nunca foi escutado alguma pessoa dizer a outra “o povo é numeroso, não encontro onde dormir na cidade”.<sup>102</sup> Muitos dos peregrinos podiam se instalar na própria cidade de Jerusalém; porém, nem sequer deviam falar em instalar-se na esplanada do Templo onde um escrito mencionava que “a ninguém é permitido entrar na esplanada do templo com um bastão, suas sandálias, seu alforje ou a poeira nos pés”.<sup>103</sup>

Em 14 de *Nisã*, pela manhã, os sacerdotes do Templo adornavam-se para *Pessach*. Os afazeres do dia a dia terminavam ao meio dia e começava os sacrifícios às quinze horas. O sacrifício de *Pessach* era composto de cordeiros ou cabritos ambos machos, de um ano de idade, podendo ser abatidos pela família, permitido um cordeiro por família, em qualquer espaço no pátio do Templo.<sup>104</sup> Em observação aos sacrifícios e todas as ações no Templo, relata Miguel Nicolaevsky:

O *shochet* efetuava o abate, e sangue era recolhido pelos *cohanim* em recipientes de prata e ouro, que passavam de um para outro até o *cohen* próximo ao altar, que derramava o sangue na base deste altar. O recipiente vazio depois retornava para novo uso. Estes recipientes não podiam possuir fundo plano para evitar a coagulação do sangue. Em seguida, o animal era pendurado e esfolado, e aberto tinha suas entranhas limpas de todo e qualquer excremento. A gordura das entranhas, o lóbulo do fígado, os dois rins com a gordura sobre estes e a cauda até a costela eram retirados e colocados em um recipiente, salgados e queimados sobre o altar. As oferendas de *Pessach* eram feitas em três grupos com cada um de no mínimo trinta homens. O primeiro grupo deveria entrar e quando o pátio do Templo estivesse cheio, os portões eram fechados. Os levitas entoavam o *Halel* e repetiam-no (se necessário) até que todos houvessem sacrificado seus animais. A cada vez que o *Halel* era entoado os *cohanim* tocavam três toques de shofar: *Tekiá*, *Teruá* e *Tekiá*. Após a oferenda queimada das partes do sacrifício, os portões eram abertos, o primeiro grupo saía, e entrava o segundo e iniciava-se novamente o processo. E assim com o terceiro grupo. Após todos terem saído, lavava-se o pátio da sujeira que ali acumulara. Um duto de água atravessava o pátio do Templo e havia um lugar por onde ele saía. Quando se queria lavar o chão era fechada a saída e a água transbordava inundando o recinto. Depois se abria a saída e a

<sup>101</sup> SERRANO, 1998, p. 30.

<sup>102</sup> SERRANO, 1998, p. 30.

<sup>103</sup> JEREMIAS, 2010, p. 88-89.

<sup>104</sup> NICOLAEVSKY, Miguel. *Pessach ou a Páscoa Judaica*. Disponível em: <<http://www.cafetorah.com/portal/Pessach>>. Acesso em: 05 out. 2012.

água saia com todas as sujeiras acumuladas, ficando o chão completamente limpo.<sup>105</sup>

Saindo do Templo, cada representante familiar transportava seu animal sacrificado e o assava, fazendo em suas casas ou acampamentos uma ceia festiva. Esta ceia adotava os princípios do atual *Sêder* (סדר) de *Pessach*, com advertência da inserção do cordeiro pascal. Depois da ceia, alguns saíam para as ruas para festejar, e outros se dirigiam ao Templo, que abria suas portas à meia-noite.<sup>106</sup>

Na última fase da história, da caminhada de *Pessach*, no ano 70 d.C. os romanos assolaram o Templo de Jerusalém. A impossibilidade de existir um lugar de reunião e sacrifício tornou impossível a permanência dos sacrifícios de cordeiros, e nunca mais foi reconstruído. Então o *Pessach* voltou a ser uma festa tão-somente familiar e assim permanece até os dias de hoje.<sup>107</sup> No entanto, ainda há modos diferentes de interpretar e observar o *Pessach*. Miguel Nicolaevsky afirma que:

Os judeus caraitas defendem que a palavra *Pessach* seja utilizada apenas em referência ao sacrifício, e não à festividade de *Chag há Matzot*. Os judeus samaritanos, que defendem a santidade do monte Gerizim continuam realizando os sacrifícios pertinentes à *Pessach* até os dias de hoje.<sup>108</sup>

Em síntese, o *Pessach* foi um rito pastoril, tendo sua raiz nômade, envolvido por uma celebração simples que não estava ligado a nenhum local santo, da mesma forma não era celebrado por nenhum sacerdote, em nenhum altar, mas, por anciões do clã. Contudo, havia importância do rito de sangue, que tinha significado *apotropeico*, que afastava a adversidade e prestava à proteção as pessoas e aos animais diante do *demônio do deserto*. Com a transformação de *Pessach* no ambiente familiar das aldeias, focou-se o santuário central o ponto do festejo, recebendo em si um significado mais teológico ao ser associado ao Templo. O rito de sangue continuou; contudo, o cordeiro deixou de ser imolado pelo chefe do clã e esse ato passou a ser realizado pelo sacerdote, e o sangue já não era usado para untar as portas das casas, mas era derramado sobre o altar. No decorrer do tempo o *Pessach* recebeu diferentes leituras e atributos práticos no seu ritual, que são observados ao longo da história.

<sup>105</sup> NICOLAEVSKY, 05 out. 2012.

<sup>106</sup> NICOLAEVSKY, 05 out. 2012.

<sup>107</sup> SCJ, 10 ago. 2012.

<sup>108</sup> NICOLAEVSKY, 05 out. 2012.

## 2 O PESSACH E OS ATRIBUTOS PARA NOVAS INTERPRETAÇÕES

### 2.1 A calendarização judaica em função de *Pessach*

Conforme relato de Gênesis (1.14), *D'us* criou o sol e a lua, fazendo assim separação entre o dia e a noite, também para serem sinais na marcação das festas, dias e anos. Desta forma, a contagem do tempo é regida pelo curso destes dois astros: os dias e os meses são medidos pela revolução aparente do sol ao redor da terra, e o ano, pela translação da terra ao redor do sol.<sup>109</sup>

Para uma maior compreensão sobre datas, precisa-se conhecer a estrutura do calendário judaico, que o diferencia do gregoriano. No calendário judaico, os meses são apresentados a partir da lua, e os anos, a partir do sol.<sup>110</sup> No relato de David Gorodovits:

O mês, no calendário lunar, é determinado pelo tempo decorrido para que seja completada uma revolução da lua em volta da terra, determinada pelo posicionamento do sol, da lua e da terra numa linha reta. Essa revolução é completa em 29 dias, 12 horas, 44 minutos e 3 e meio segundos. Como o mês não começa no meio de um dia, já que é contado em dias inteiros, decorre que é necessário, por vezes, acrescentar meio dia a um mês e subtrair meio dia do mês seguinte. Isso significa que há meses com 29 dias e outros com 30 dias.<sup>111</sup>

O calendário que prevaleceu de por volta de 360-365 d.C. período pós-talmúdico até os hodiernos, foi proposto por Hillel II, chamado de Hillel Hasheni, o último patriarca. Embora os méritos próprios, Hillel II fundamentou-se nos esforços do brilhante Rabi Samuel, um judeu babilônico perito por excelência em astronomia, tendo ele anteriormente constituído um calendário que, por causas improváveis, não foi divulgado. Então Hillel II fundamentou o material como base, no qual a verificação física do *novilúnio* foi substituída por cálculos astronômicos para o cálculo do *Molad* (מולד) (nascimento da lua). Determinando, assim, que, entre um *Molad* e outro, houvesse um intervalo de tempo, chamado de revolução, explicado na citação

---

<sup>109</sup> VAUX, 2004, p. 214.

<sup>110</sup> GORODOVITS, David. *Na espiral do tempo: uma viagem pelo calendário judaico*. São Paulo: Sêfer, 2008. p. 19.

<sup>111</sup> GORODOVITS, 2008, p. 19.

acima.<sup>112</sup> Em afirmação, Iran Carlos Stalliviere Corrêa menciona que “este calendário, além de civil, orienta-se por normas religiosas bastante rígidas. Na verdade pode-se dizer que o calendário judaico abrange três aspectos: o civil, o religioso e o astronômico”.<sup>113</sup>

### 2.1.1 Os preceitos para os cerimoniais do calendário judaico

Ao completar um ciclo de  $29\frac{1}{2}$  dias do que é dito aniversário de uma Lua Nova, inicia-se um novo mês, o primeiro dia, com a celebração do *Rosh Chódesh* (ראש חודש), literalmente, cabeça do mês.<sup>114</sup> Esta data era definida pela chegada de duas pessoas confiáveis que testemunhariam perante o Sinédrio, relatando ter visto a lua nova. Após verificar a veracidade da informação, se a confirmação fosse satisfatória e primorosa de certeza, o Sinédrio proclamava o início do novo mês.<sup>115</sup> Como um mês tem 30 dias, ele é assinalado por dois dias de *Rosh Chódesh*, significando o primeiro deles o último dia de cada mês de 30 dias, e o segundo, o primeiro dia de cada mês consecutivo.<sup>116</sup> “Se não houvesse testemunha ou a evidência não fosse digna de confiança, declaravam que o mês começava no dia seguinte. Já que, da data da Lua Nova, dependia a data de qualquer festa do mês”.<sup>117</sup>

As datações das festas eram afixadas a partir da afirmação do dia de *Rosh Chódesh* para cada mês. Conforme expressa a *Torá*, somente o primeiro e o último dia de *Pessach* são dias de santificação. No entanto, os dias entre o primeiro e o último são chamados de *Chol Hamoed* (חול המועד) (dias intermediários) sendo semi-feriados, nos quais trabalhos são permitidos.<sup>118</sup> Para os lugares próximos “era cerimoniosamente anunciada pelo som de trombetas”,<sup>119</sup> e nos lugares distantes da sede do Sinédrio, relata David Gorodovits:

<sup>112</sup> CORRÊA, Iran Carlos Stalliviere. *Calendários Judaicos*. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/museudetopografia/Artigos/CALEND%C3%81RIOS\\_JUDAICOS\\_3.pdf](http://www.ufrgs.br/museudetopografia/Artigos/CALEND%C3%81RIOS_JUDAICOS_3.pdf)>. Acesso em: 23 de set. 2012.

<sup>113</sup> CORRÊA, 23 de set. 2012.

<sup>114</sup> BLECH, Benjamin. *O mais completo guia sobre Judaísmo*. São Paulo: Sêfer, 2004. p. 145.

<sup>115</sup> GARTENHAUS, 2002, p. 75.

<sup>116</sup> GORODOVITS, 2008, p. 20.

<sup>117</sup> GARTENHAUS, 2002, p. 75.

<sup>118</sup> GORODOVITS, 2008, p. 65.

<sup>119</sup> CORRÊA, 23 de set. 2012.

[...] a informação sobre a proclamação do mês era feita por meio de fogueiras, acesas sobre o topo de uma cadeia de montanhas visíveis de uma localidade até a outra e que eram retransmitidas assim que avistadas. Quando um grupo dissidente, os samaritanos, procurou intencionalmente confundir o calendário judaico, acendendo fogueiras em datas erradas, a comunicação passou a ser feita por meio de mensageiros. Ante a possibilidade de erro em lugares distantes, devido ao eventual atraso dos mensageiros, foi instituído, na Diáspora, o segundo dia de festa. Quando este calendário foi fixado e não dependia mais da proclamação do início de cada mês pelo *San'hedrin*, resolveu-se, mesmo assim, manter esse segundo dia para todas as comunidades fora da Terra de Israel.<sup>120</sup>

Desta forma, o *Pessach* é comemorado fora da Terra de Israel em uma celebração de oito dias, sendo os dois primeiros e os dois últimos dias santificados como *Iom Tov* (יום טוב) (Dia Festivo).<sup>121</sup>

### 2.1.2 A glosa dos ajustes do calendário judaico para as festas

O calendário lunar (354 dias) é mais curto que o solar (365 dias). Deste modo, as festividades que têm lugar na primavera correriam o risco de cair nos meses frios de inverno.<sup>122</sup> Então, “se o calendário consistisse permanentemente de 12 meses lunares, em pouco tempo as festividades se deslocariam de uma estação para outra”.<sup>123</sup> Benjamin Blech exemplifica:

[...] o que de fato se dá entre os muçulmanos, que observam o calendário lunar puro. A observância do mês de *Ramadã*, que exige jejuns diurnos, pode ocorrer em qualquer estação e é observado mais cedo a cada ano que o ciclo, antes que o ciclo solar se complete.<sup>124</sup>

Para evitar a desconexão do ciclo das estações, “são feitas, regularmente correções para ajustar os dois calendários – o solar e o lunar”.<sup>125</sup> Segundo Benjamin Blech, o judaísmo segue o calendário lunar-solar, e:

A lua determina os meses, mas a defesa de 11 dias entre os dois ciclos é compensada pela adição de um “mês extra” por sete vezes a cada ciclo de 19 anos (no 3º, 6º, 8º, 11º, 14º, 17º e 19º anos do ciclo). Isto faz com que a discrepância entre os calendários lunar e solar seja reduzida ao mínimo. Além disso, garante também, que *Pêssach* (a Páscoa judaica) seja

<sup>120</sup> GORODOVITS, 2008, p. 65.

<sup>121</sup> GORODOVITS, 2008, p. 66.

<sup>122</sup> BLECH, 2004, p. 145.

<sup>123</sup> GORODOVITS, 2008, p. 22.

<sup>124</sup> BLECH, 2004, p. 145.

<sup>125</sup> GORODOVITS, 2008, p. 22.



comemorado de acordo com as exigências bíblicas, ou seja, como uma festividade de primavera.<sup>126</sup>

Este mês acrescido é o 6º mês, chamado de *Adar* (אדר), que normalmente tem 29 dias, passa a ser chamado de *Adar Alef* ou *Adar I* e possui 30 dias e é acrescido o mês *Adar Beith* ou *Adar II*.<sup>127</sup> No decorrer destes 19 anos do ciclo, a diferença entre o ano solar e o ano lunar é de 207 dias, acrescidos nos anos dos ciclos.<sup>128</sup>

Para compreendermos porque o ano é bissexto, faz-se necessário o conhecimento de certas regras, segundo cálculo feito em 1985 por Mordko Meyer:

O fundamento do calendário é o *MACHZÓR* (ciclo) dos anos. Existem dois *MACHZORIM* (ciclos): *MACHZÓR GADÓL* (grande). Que integra 28 anos, e *MACHZÓR KATÁN* (pequeno), com 19 anos. Se quisermos saber em que *MACHZÓR KATÁN* nos encontramos, fazemos o seguinte cálculo: dividimos 5.745 (o ano atual) por 19 e achamos a contagem do *MACHZÓR* (ciclo) e os anos restantes. Desde a criação do mundo até hoje temos, então, 302 *MACHZORIM KAETANIM* e 7 anos.<sup>129</sup>

Como já foi mencionado, o calendário judaico normal tem 354 dias, este é chamado de *Shaná K'sidrá* (שנה כסדרה) (ano normal), este formado por 6 meses com 29 dias e outros 6 meses com 30 dias. Também, existe o chamado de *Chasserá* (שנה חסרה) (incompleto) de 353 dias, estes formado por 7 meses com 29 dias e outros 5 meses com 30 dias, e o *Sh'lemá* (שנה שלמה) (completo) com 355 dias, este formado por 5 meses com 29 dias e outros 7 meses com 30 dias. Com este relato, compreende-se que há anos judaicos com 353, 354 e 355,<sup>130</sup> além dos anos bissextos com 383, 384 e 385 dias.<sup>131</sup>

### 2.1.3 A origem dos nomes no calendário judaico

No calendário judaico, os nomes cananeus foram substituídos em certa época por números ordinais, contando-se desde o primeiro até o duodécimo mês. Os números ordinais eram usados pelos egípcios que numeravam quatro meses das

<sup>126</sup> BLECH, 2004, p. 145.

<sup>127</sup> MEYER, Mordko. *O Calendário Judaico*. Porto Alegre: Renascença, 1985. p. 11.

<sup>128</sup> GORODOVITS, 2008, p. 22.

<sup>129</sup> MEYER, 1985, p. 11.

<sup>130</sup> MEYER, 1985, p. 11.

<sup>131</sup> CORRÊA, 23 set. 2012.

três estações anuais, mas esta maneira egípcia de lidar na divisão das estações nunca entrou em Israel.

No princípio, foi recusada a aceitação dos nomes babilônicos dos meses, provavelmente por motivos de conexões com os cultos pagãos. Isto pode ser observado pelo fato de alguns documentos bíblicos serem datados com números ordinais e outros com nomes babilônicos. Não obstante, os meses babilônicos acabaram sendo impostos no judaísmo ortodoxo.<sup>132</sup>

Os nomes dos meses são de origem babilônica.<sup>133</sup> No quadro<sup>134</sup> abaixo, os aspectos civis, religiosos e astronômicos<sup>135</sup> poderão ser apreciados:

ORDEM	NOMES BABILÔNIOS	MESES JUDAICOS APÓS CATIVEIRO	SIGNO E SIGNIFICADO
1º mês do religioso e 7º do civil	<b><i>Nisã</i></b> (antes <i>Abib</i> )	<b><i>Nisã</i></b>	<b>Carneiro – Este preceito foi dado para o sacrifício pascal: um cordeiro por família.</b>
2º mês do religioso e 8º do civil	<i>Zive</i>	<i>Iyar</i>	Touro – O que come forragem: é este o último mês de verão em que o touro pode ainda nutrir-se do capim dos campos.
3º mês do religioso e 9º do civil	<i>Sivã</i>	<i>Sivã</i>	Gêmeos – Por causa de Moisés e Aarão considerados como gêmeos, aos quais a <i>Torá</i> foi entregue neste mês.
4º mês do religioso e 10º do civil	<i>Tamuz</i>	<i>Tamuz</i>	Câncer – porque as estrelas vistas neste mês estão dispostas na forma de um caranguejo.
5º mês do religioso e 11º do civil	<i>Abe</i>	<i>Abe</i>	Leão – porque, segundo a <i>aggadah</i> , o Messias = o “Consolador”, <i>Menahem</i> , nasceu no 9 Av
6º mês do religioso e 12º do civil	<i>Elul</i>	<i>Elul</i>	Virgem – Segundo Jr 31.21: Volta Virgem de Israel! Porque este mês foi instituído para arrependimento.
7º mês do religioso e 1º do civil	<i>Etanim</i>	<i>Tisri</i>	Balança – todas as ações do homem são pesadas
8º mês do religioso e 2º do civil	<i>Bul</i>	<i>Marheshwan</i>	Escorpião – a terra está sedenta como um escorpião.
9º mês do religioso e 3º do civil	<i>Quisleu</i>	<i>Quisleu</i>	Sagitário – na época das chuvas, o arco-íris aparece nas nuvens nos dias chuvosos.
10º mês do religioso e 4º do civil	<i>Tebete</i>	<i>Tebete</i>	Capricórnio – os cabritos vão pastar nos campos.
11º mês do religioso e 5º do civil	<i>Sebate</i>	<i>Sebate</i>	Aquário – segundo Nm 24.7: A água transborda do seu cântaro e a sua

<sup>132</sup> VAUX, 2004, p 221-222.

<sup>133</sup> VAUX, 2004, p 221-222.

<sup>134</sup> Os nomes grifados figuram na Bíblia, sempre nos textos pós-exílios, e o negrito expõe o significado astrológico de *Pessach* no calendário.

<sup>135</sup> AVRIL; MAISONNEUVE, 1997, p. 15.

civil			semente esta em uma água abundante.
12º mês do religioso e 6º do civil	<i>Adar</i>	<u><i>Adar</i></u>	Peixes – os peixes são abundantes. O peixe é símbolo de bênção, porque se oculta aos olhares; o mau-olhado não pode atingi-lo.

#### 2.1.4 A tradição judaica na referência do calendário

O calendário judaico é medido a partir da criação do mundo, data fundamentada nos anos historiados na Bíblia hebraica e que de acordo com a tradição se assume ser 3761 a.C..<sup>136</sup>

Em questão, observa-se que o calendário judaico não começa quando os judeus se tornaram uma nação, ou no nascimento de algum líder, mas o momento que é declarado o primórdio da datação foi quando *D'us* criou Adão, o primeiro ser humano. No livro de Levítico 23.24-25 é dita a datação, sendo 1º dia do 7º mês (*Tishrei*) (תשרי).<sup>137</sup> Desde então, o tempo é sagrado tanto para os judeus quanto para a humanidade. Nisto o calendário judaico é a afirmação mais importante do respeito e consideração que o judaísmo tem para com as nações.<sup>138</sup>

É sabido que o calendário judaico tem uma aparente contradição com a arqueologia, por causa de um tempo maior (bilhões de anos?). Explica Benjamin Blech:

Os judeus sempre foram cuidadosos em enfatizar que a contagem do calendário não começa com o primeiro dia da Criação, mas sim com o sexto dia. “Grande coisa”, você pode dizer. Afinal por que uma semana faz tanta diferença? Os filósofos judeus explicaram há muito tempo que, quando a Bíblia fala de “dias” no relato da Criação, é óbvio que não está falando de períodos de tempo de 24 horas como nós, que nos baseamos na relação entre Terra e o sol. A Bíblia diz que o sol foi criado somente no quarto dia. Os “dias” bíblicos anteriores à criação do ser humano não eram os dias que conhecemos; eram períodos diferentes de tempo, estágios no processo de desenvolvimento do mundo. Sob a perspectiva Divina, é como se esses períodos durassem “um dia”, mas descobriremos que, na verdade, duraram bilhões de anos.<sup>139</sup>

Por que o calendário comemora dois anos novos? “Porque quando Deus tirou os judeus do Egito, ele lhes ordenou: Este mês será para vós o primeiro dos

<sup>136</sup> BOWKER, John. *O Livro de Ouro das Religiões*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 287.

<sup>137</sup> GORODOVITS, 2008, p. 42.

<sup>138</sup> BLECH, 2004, p. 143.

<sup>139</sup> BLECH, 2004, p. 143.

meses”.<sup>140</sup> O mês do Êxodo, *Nisã* (1º mês do calendário religioso), deve ser festejado por marcar o nascimento de uma nação, o povo judeu. Todavia, o mês de *Tishrei* (1º mês do calendário civil) nos remete a outro princípio, que festeja a criação do ser humano.<sup>141</sup>

### 2.1.5 A Páscoa cristã na referência dos calendários juliano e gregoriano

Em 46 a.C. Gaius Júlio César, ao fazer algumas observações, percebe que as festas romanas em comemoração à estação mais florida do ano, datadas para o mês março (1º mês do ano), aconteciam em pleno inverno, desta forma, determinou a correção do calendário que foi executada pelo astrônomo alexandrino Sosígenes. As alterações conseguidas a partir de alguns estudos modificaram o calendário romano,<sup>142</sup> de tal modo que foram uniformizados os diferentes calendários usados nos territórios ocupados por Roma, introduzindo assim “o calendário juliano, de doze meses, no qual a cada três anos de 365 dias seguia outro de 366 dias (ano bissexto)”.<sup>143</sup>

A Páscoa cristã era celebrada pela igreja primitiva em diferentes datas, conduzidos por diferentes tradições apostólicas. As diferenças se davam pelos distintos significados conferidos à celebração cristã da Páscoa. Alguns analisavam que o mistério da paixão de *Yeshua* era o ponto central da festa, outros achavam a ressurreição a questão fundamental. Entre opiniões divididas, alguns criam que a Páscoa cristã devia coincidir com *Pessach* judaico, outros afirmavam que deveria ser posterior.<sup>144</sup>

O calendário cristão teoricamente principia com o nascimento de *Yeshua* e teve o seu início no século VI, proposto pelo abade Dionísio, para pôr fim à desordem dos diferentes sistemas de cálculos cronológicos empregados. Assim, determinou a contagem do tempo a partir do 1º ano do nascimento de *Yeshua*, tendo por base o calendário juliano. Jeocaz Lee-Meddi expõe que:

<sup>140</sup> BLECH, 2004, p. 148.

<sup>141</sup> BLECH, 2004, p. 148.

<sup>142</sup> CARVALHO, Leandro. *História do Calendário*. Disponível em: <<http://www.escolakids.com/historia-do-calendario.htm>>. Acesso em: 03 nov. 2012.

<sup>143</sup> CALENDÁRIO. Disponível em: <<http://www.catedralortodoxa.com.br/Main.asp?Mn=6>>. Acesso em: 06 nov. 2012.

<sup>144</sup> EMNCIA, S. *Sobre o cálculo da data da celebração da Páscoa*. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/arquidiocese/homilias\\_mensagens/sobre\\_o\\_calculo\\_da\\_data\\_da\\_pascoa.html](http://www.ecclesia.com.br/arquidiocese/homilias_mensagens/sobre_o_calculo_da_data_da_pascoa.html)>. Acesso em: 06 nov. 2012.

Até então a contagem era feita a partir da posse do imperador Diocleciano. Como Roma tornara-se cristã e Diocleciano fora um feroz perseguidor do cristianismo, era incompatível continuar contando o tempo a partir da sua posse. Para descobrir a data do nascimento de Cristo, Dionísio tomou como marco a data registrada da fundação de Roma. Contou os anos de todos os reinados romanos e chegou à conclusão de que se tinham passado 753 anos da fundação da cidade eterna ao nascimento de Cristo. Esta data define o ano 1º da era cristã. Mas estudos recentes apontam para um erro de quatro anos, provavelmente pelo esquecimento de contar o período que o imperador Augusto governou com o seu nome de batismo, Otávio (de 27 a 31 a.C.). O erro é confirmado pela morte de Herodes, segundo o historiador judeu Flavius Josephus, ocorrida no mês de um eclipse lunar, que para os astrônomos ocorreu no ano 4 a.C.. Portanto, quando da passagem oficial para o ano 2008, estamos a entrar no ano 2012 da era cristã.<sup>145</sup>

O dia da Páscoa cristã, que apregoa a ressurreição de *Yeshua*, foi determinado pelo decreto do papa Gregório XIII, *Inter Gravissimas* em 24 de fevereiro de 1582, seguindo o primeiro concílio de Niceia de 325 d.C., convocado pelo imperador romano Constantino.<sup>146</sup> A data da Páscoa cristã foi determinada como o primeiro domingo após a primeira lua cheia do *equinócio* da primavera, no hemisfério norte e, outono para o hemisfério sul. Esta data é muito adjunta a 14 de *Nisã*. No caso em que a data assim determinada coincidissem ou se antecipasse à celebração de *Pessach* judaica, então a Páscoa cristã deveria ser adiada em uma semana para que fosse mantida a analogia com a sucessão dos fatos históricos.<sup>147</sup>

A festa então poderia ocorrer entre 22 de março a 25 de abril, nunca acontecia antes, nem depois destas datas estabelecidas. No entanto, para as igrejas ortodoxas, que seguem o calendário juliano, a data da Páscoa não é a mesma.<sup>148</sup> S. Emncia remata o assunto:

[...] numa época em que o cristianismo já se achava dividido. [...] não apenas se estabeleceu um novo calendário no Ocidente, o gregoriano, mas, além disso, foi eliminada a cláusula de adiamento em uma semana a contar da data de celebração da Páscoa cristã, no caso de antecipar ou coincidir com a celebração da Páscoa judaica. Assim, o cristianismo no Ocidente, por vezes, celebra a Páscoa antes ou juntamente com os judeus.<sup>149</sup>

O calendário juliano permaneceu por longa data, até que foi “substituído pelo calendário gregoriano, até os dias de hoje, seguindo o ano solar, com 365 dias, 5

<sup>145</sup> LEE-MEDDI, Jeocaz. *Calendários da humanidade*. Disponível em: <<http://virtualiaomanifesto.blogspot.com.br/2007/12/calendrios-da-humanidade.html>>. Acesso em: 03 nov. 2012.

<sup>146</sup> OLIVEIRA FILHO, Kepler de Souza. *Data da Páscoa*. Disponível em: <<http://astro.if.ufrgs.br/pascoa.htm>>. Acesso em: 06 nov. 2012.

<sup>147</sup> EMNCIA, 06 nov. 2012.

<sup>148</sup> OLIVEIRA FILHO, 06 nov. 2012.

<sup>149</sup> EMNCIA, 06 nov. 2012.

horas e 49 minutos. De quatro em quatro anos é acrescentado um dia em fevereiro, o chamado ano bissexto”.<sup>150</sup>

### 2.1.6 O memorial calendarizado em um decreto perpétuo

Relatadas na Bíblia, as festas se originam em um mandamento de *D’us*, ainda quando suas raízes se localizam nos ciclos da natureza e das estações. A citação de Êx 12.14 descreve: “este dia vos será por memorial, e celebrareis como uma festa para *lahweh*; nas vossas gerações a festejareis; é um decreto perpétuo”. O fato central da lei é acatado como o memorial da festa e do culto bíblico. Nisto o povo de *D’us* tem a incumbência de conservar a tradição, ou seja, perpetrar memorial, prestando e rememorando as obras de *D’us*.

Há uma importância no significado da palavra *Hag* (חג) quando unificada à palavra *Mo’ed* (מועד), tendo seu significado de *festa calendarizada* no tempo e apregoada publicamente. Portanto, quando a palavra *Mo’ed* é posta no plural *Mo’adim* (מועדים), tem sua significância para todas as *reuniões festivas* determinadas por *D’us* para o povo judeu. Portanto, é deste modo que se observa a acuidade e preocupação na definição das datas festivas como uma lei de *D’us*, uma obrigação para Israel, pois as festas são temas apropriados para a vida religiosa, sendo um memorial das épocas benignas na história do povo judeu.<sup>151</sup>

A data de *Pessach* com o passar do tempo era a que apresentava sempre mais dificuldades, pois a realização exata do preceito bíblico (a noite de 14 ou 15 de *Nisã*) era um das implicações fundamentais desta festividade. Dentre questões que o Evangelho de João nos assenta acerca da data de *Pessach* de *Yeshua* há, seguramente, relação com a observação interpretativa do calendário que é professado pelo suposto escritor do Evangelho.<sup>152</sup>

Desta forma há uma discrepância entre João e os sinóticos com relação à data da morte de Jesus. Conforme os sinóticos, Jesus tomou a refeição

<sup>150</sup> CALENDÁRIO Gregoriano. Disponível em: <[http://www.kairos.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=152:calendario-gregoriano&catid=40:estudos-biblicos&Itemid=184](http://www.kairos.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=152:calendario-gregoriano&catid=40:estudos-biblicos&Itemid=184)>. Acesso em: 03 nov. 2012.

<sup>151</sup> ANJOS, Cesar dos. *As Festas Bíblicas e a Liturgia Judaica*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/57009588/As-Festas-Biblicas-e-a-Liturgia-Judaica>>. Acesso em: 23 set. 2012.

<sup>152</sup> ANJOS, 23 set. 2012.

pascal com seus discípulos na noite anterior à crucificação na sexta-feira – isso significa que a quinta-feira deve ter caído no dia de 14 de nisã, e a sexta-feira santa, no dia 15. Segundo João, Jesus morreu no mesmo dia em que o sumo sacerdote e seus companheiros deviam comer o cordeiro pascal (Jo 18.28); portanto, de acordo com João, a sexta-feira santa caiu em 14 de nisã, e Jesus morreu na cruz na mesma hora que os cordeiros pascais eram imolados no Templo (v. Jo 19.14; 19.36).<sup>153</sup>

Nos últimos anos, foi proposta a teoria de que havia discrepâncias entre o calendário essênio e o oficial. É dito que *Yeshua* e seus discípulos seguiam o essênio e os representantes do sinédrio seguiam o oficial.<sup>154</sup>

Quanto ao calendário solar, a sua utilização era notória desde as descobertas de *Qumrân*, tendo relatos no *livro de Henoc Etiópico* e no *livro dos Jubileus*, que colocaram em tema o calendário oficial. Estes livros relatam o seguimento de um calendário de 364 dias, com 52 semanas, 4 trimestres e 13 semanas cada semestre. De tal forma, as festas eram celebradas todos os anos no mesmo dia da semana, pois havia um número exato de semanas.<sup>155</sup>

Com a descoberta e a publicação do *Manual da Disciplina de Qumrân*, na referência de F. Manns:

[...] foi possível saber que o movimento essênio seguia outro calendário litúrgico diferente daquele que era o oficial do Templo e que começava à 4ª feira, já que tinha sido ao quarto dia que os astros foram criados. Por isso, se o tempo era contado tendo em referência os astros, então o ritmo do tempo deve ter como ponto de referência o 4º dia. Ora, para além das referências retiradas do *Rótulo do Templo* encontradas em *Qumrân*, também nas descobertas feitas em *Massada*, em 1963-64, um dos achados mais significativos foi um rolo de cânticos litúrgicos que seguem o mesmo calendário e que teria sido também seguido por Jesus, na ceia pascal, e pelas comunidades cristãs primitivas, tal como se pode deduzir da *Didaskalia dos Apóstolos*.<sup>156</sup>

A festa de *Pessach* é de todas as festas a mais significativa do calendário judaico e a primeira das *hag ha regalim* (חג הַרְגָּלִים) (festas de peregrinação) de sua época.

<sup>153</sup> SKARSAUNE, Oskar. *À sombra do Templo: as influências do judaísmo no cristianismo primitivo*. São Paulo: Vida, 2004. p. 403-404.

<sup>154</sup> SKARSAUNE, 2004, p. 404.

<sup>155</sup> ANJOS, 23 set. 2012.

<sup>156</sup> MANNNS *apud* ANJO, 23 set. 2012.

## 2.2 O Pessach na Torá

Há um período de estudos, adequado pelos judeus, entre *Pessach* e *Shavuót* (שבועות), sem confundi-los. Em *Pessach*, dizem os sábios judeus, é que se faz celebrar a libertação da escravidão do Egito e a partida em direção à santidade, em direção à *Torá*.<sup>157</sup> Nas palavras introdutórias de Irving M. Bunim:

Não estávamos prontos, porém, para receber a *Torá* de imediato. Somente semanas mais tarde, já ao pé do monte Sinai, é que pudemos recebê-la – e isto nós celebramos em *Shavuót*. Na linguagem simbólica dos sábios, em *Pessach* assumimos o compromisso de “nos casarmos com a *Torá*”; em *Shavuót*, este “casamento” espiritual acontece, através do pacto eterno e irrevogável, da aliança com o Todo-Poderoso e Sua *Torá*.<sup>158</sup>

Moisés para o povo de Israel foi legislador, juiz e governador, tendo a autoridade de um governo absoluto. De modo que, Israel, por ocasião, apresentava traços de desorganização quando liberto da escravidão e guiado para fora do Egito, constituída de uma multidão, em mistura de hebreus e egípcios (Êx 12.38). A suposta organização e regulamentação da ordem entre os mesmos foi feita de forma rápida por motivo de estrutura tribal que mantiveram, sendo que líderes, anciões e juízes escolhidos das 12 tribos auferiram autoridade para laborar no seu determinado âmbito tribal. Portanto, uma das maiores responsabilidades de Moisés era colocar a lei de *D’us* diante do povo. Esta obrigação remetia responsabilidades, deveres e estilo de vida segundo o *pacto da lei*.<sup>159</sup> Segundo descrição de Irving M. Bunim:

É crença fundamental do judaísmo histórico que a *Torá* nos foi dada no Sinai: o imortal Moisés recebeu-a do Todo-Poderoso, ensinou-nos sua mensagem e entregou-a a nós, seu povo. A *Torá* era constituída por duas partes: a primeira delas, o Pentateuco, ou os cinco livros de Moisés, que chamamos de *Torá shebichtav*, a *Torá* escrita. A segunda parte era a *Torá* oral, que continha explicações, interpretações e ensinamentos da *Torá* escrita. A *Torá shebealpe* não deveria ser escrita: era ensinada oralmente, como um complemento da *Torá* escrita (*Talmud Babilônica / Guitín* 60b.). Desde o início era proibido compilar por escrito (*Talmud Babilônica / Guitín* 60b.) qualquer parte desta Tradição Oral, por dois motivos. Primeiro, para que mestres e alunos se empenhassem a fundo, sempre por muitas horas, de modo a assegurar que tudo fosse perfeitamente lembrado e minuciosamente compreendido. Há uma descrição do que supostamente

<sup>157</sup> BUNIM, Irving M. *A ética do Sinai: ensinamento dos Sábios da Talmud*. 4. ed. São Paulo: Sêfer, 1998. p. IV.

<sup>158</sup> BUNIM, 1998. p. IV.

<sup>159</sup> GRONINGEN, Gerard Van. *Revelação Messiânica no Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Cultura, 2003. p. 201.



ocorre em algumas salas de aula nas universidades, que diz que “os apontamentos (escritos) do professor tornam-se os apontamentos (escritos) dos alunos, sem passar pelas mentes de nenhum deles”. Com a Tradição Oral isto não podia ocorrer, pois não havia apontamentos escritos. Eles somente existiam na mente, na memória, no entendimento dos sábios e dos eruditos.<sup>160</sup>

### 2.2.1 As divisões da Torá e a porção pertinente de Pessach

Quando os judeus se referem à palavra *Torá* ou Bíblia, refletem em três significações que, em um sentido mais estrito, mais habitual, são sinônimos dos chamados *Cinco Livros de Moisés*, também dos *Neviim* (נביא) (Profetas) e dos ulteriores *Ketuvim* (כתובי) (Escritos).<sup>161</sup> Especificamente à *Torá*, na originalidade do *Chumash* (חומש) (Pentateuco), “os judeus se referem em hebraico a estes livros a partir da palavra mais importante escrita no primeiro versículo de cada um deles”,<sup>162</sup> conforme descreve Benjamin Blech:

*Bereshít, No Princípio*: “No principio criou Deus os céus e a Terra”. *Shemót, Nomes*: “Estes são os nomes dos filhos de Israel que vieram ao Egito com Jacob; cada um com a sua família veio”. *Vaicrá, E Chamou*: “E chamou Moisés e falou-lhe o Eterno” [...]. *Bamidbár, No Deserto*: “E falou o Eterno a Moisés no deserto do Sinai, na tenda da reunião, no primeiro dia do segundo mês, no segundo ano da sua saída (dos filhos de Israel) da terra do Egito [...]”. *Devarim, Palavras*: “Estas são as palavras que falou Moisés a toda Israel, de além do Jordão”.<sup>163</sup>

A *Torá* trata dos princípios existentes em cada lei dada por *D’us*, e está dividida em 54 porções correspondentes às semanas do ano judaico, o qual segue o ano lunar, como visto no calendário judaico. Cada porção é chamada de *parashá* (פרשה). Esta porção se inicia com uma palavra denominada palavra-chave, pois toda porção gira em torno dela, ou terá de forma direta ou indireta uma relação com ela, como se nela estivesse centrada a mensagem, e para cada *parashá* há uma leitura complementar conclusiva chamada de *haftará* (הפטרות), retirada da *Tanakh* (AT), precisamente dos *Neviim* e dos *Ketuvim*.<sup>164</sup>

<sup>160</sup> BUNIM, 1998, p. II.

<sup>161</sup> BLECH, 2004, p. 74.

<sup>162</sup> BLECH, 2004, p. 76.

<sup>163</sup> BLECH, 2004, p. 76.

<sup>164</sup> GUIMARÃES, 2010, p. 19-20.

Os judeus messiânicos sugerem mais um complemento, da *B'rit Hadashah* (NT) com textos análogos aos estudados. Segundo eles, o estudo somente pode ser conclusivo e verdadeiro na graça, que o complementa e viabiliza seu real cumprimento profético.<sup>165</sup> Segundo a normatização da Bíblia judaica, é relacionada uma *parashá* e *haftará* específica para as festas, especificamente a festa de *Pessach*:

*Parashah* 41: *Pinchas* (Finéias) 25.10-30.1 (29.40). *Haftarah Pinchas: M'lakhim Alef* [1Rs] 18.46-19.21. Sugestão de leitura da *B'rit Hadashah* para a *Parashah Pinchas: Mattiyahu* [Mt] 26.1-30; Marcos 14.1-26; Lucas 22.1-20; *Yochanam* [Jo] 2.13-22; 7.1-13,37-39; 11.55-12.2; 13.1; 18.28,39; 19.14; At 2.1-21; 12.3,4; 20.5,6,16; 27.9-11; 1 Coríntios 5.6,8; 16.8; Judeus messiânicos [Hb] 11.28.<sup>166</sup>

Contudo, muitos saem fora desta norma usual de leitura de *Pessach*, valendo-se da *parashá* 15, porção esta chamada de *Bo* (בא) (Vá), pelo fato de trazer os primeiros relatos de *Pessach* antes da *parashá Pinchas* (Finéias), a indicada.<sup>167</sup>

### 2.2.2 A Torá e os tipos de leis

O vocábulo *Torá* (תורה) em hebraico tem seu significado definido como *ensino* ou *instrução*. No entanto, a palavra *lei* tem como expressão no sentido genérico *dat* (דת).<sup>168</sup> Porém, a raiz de seu significado intriga muitos pesquisadores da língua hebraica, pois a palavra *Torá* deriva da raiz *lara* (ירה), que denota *atirar*, ou melhor, o significado da raiz da palavra *Torá* é *atirar no centro do alvo*.<sup>169</sup>

A lei de *D'us* se expressa em *mitzvôt* (מצוות) (mandamentos), *chukim* (חוקים) (estatutos) e *mishpatim* (משפטים) (ordenanças). Percebe-se que, nas traduções que nos são oferecidas da Bíblia, os tradutores não alcançaram palavras certas para a definição ou categorização destes termos hebraicos, aludindo todas como *lei*.<sup>170</sup> O

<sup>165</sup> GUIMARÃES, Marcelo M. *A Torá: Bereshit, No Princípio, Gênesis*. 3. ed. Belo Horizonte: Ministério Ensinando de Sião/AMES, 2009. p. 18-19.

<sup>166</sup> B'MIDBAR (Números). In: BÍBLIA JUDAICA COMPLETA: a Tanakh [AT] e a B'rit Hadashah [NT]. São Paulo: Vida, 2010. p. 247-253.

<sup>167</sup> SH'MOT, 2010, p. 142-146.

<sup>168</sup> GUIMARÃES, 2009, p. 18-27.

<sup>169</sup> BLECH, 2004. 75 p.

<sup>170</sup> GUIMARÃES, Marcelo M. *A Torá: Shemôt, Nomes, Êxodo*. 2. ed. Belo Horizonte: Ministério Ensinando de Sião/AMES, 2011. p. 94. v. 2.

*Pessach* se alista nos *chukim*, conforme observamos as categorizações e divisões das leis de *D'us*, segundo definições de Marcelo M. Guimarães:

*Mitzvôt* – “os dez mandamentos de D'us”, por excelência fundamental, foram escritos nas tábuas de pedras e refletem o sentido de “ordem”, obrigatoriedade, condição de aliança e obediência, caso contrário haveria “punição”. *Chukim* – vêm de *Chok* – que literalmente significa “estatuto, prescrição e determinação”. A raiz tanto de *chukim* quanto de *chok* é – *chakák* – e quer dizer “esculpir, entalhar, inscrever, estabelecer”. D'us dá as *mitzvôt*, depois grava os *chukim* no coração do povo, não na mente, para se desviar daquilo que Ele determinou. É legislação, questão jurídica, preceitos ou normas para se viver bem. As festas e as leis alimentares são exemplos de estatutos [...]. *Mishpatim* – “ordenanças, procedimentos, instruções ou recomendações” para observar as *mitzvôt*. As leis indenizatórias, litúrgicas, [...] são exemplos de ordenanças. A punição é estipulada em função do delito.<sup>171</sup>

Importante é observar que, alguns eruditos judeus classificam os mandamentos da *Torá* com um pequeno diferencial das citadas acima. No entanto, também decifram três categorias principais: *edut* (עֲדוּת), *chukim* e *mishpatim*. Os dois últimos continuam posicionados com suas definições. Os *mizvôt* (mandamentos) citados como uma das classificações passa aqui a fazer parte das *mishpatim* (ordenanças). Os *edut* (testemunhos) em questão, apesar de não serem moralmente necessários, têm uma compreensão das verdades religiosas e dos eventos-chave na história judaica. O exemplo disto é a festa de *Pessach* que sai da classificação anterior dos *chukim* (estatutos), passando agora para a classificação dos *edut* (testemunhos) preenchendo uma necessidade importante no fortalecimento da religião, sendo as práticas que testemunham os conceitos respeitáveis do judaísmo.<sup>172</sup>

### 2.2.3 Explanando a tradição das leis constatadas da *Torá*

A *Torá* é composta, em um sentido geral, de 613 *mitzvôt*, nome dado ao conjunto (englobados os *chukim* e *mishpatim*) de todos os mandamentos que, de acordo com o judaísmo, precisamente constam na *Torá*.<sup>173</sup> “De uma forma geral, a

<sup>171</sup> GUIMARÃES, 2011, p. 94-95.

<sup>172</sup> KAPLAN, Aryeh. *As Águas do Éden: o mistério do Micvê*. 2. ed. São Paulo: Maayanot, 2012. p. 17-18.

<sup>173</sup> ROSA, Luiz da. *A Bíblia: 613 Mandamentos do Judaísmo*. Disponível em: <<http://www.abiblia.org/artigosview.asp?id=91>>. Acesso em: 29 set. 2012.

expressão *Torá Moshé* (תורה מֹשֶׁה) (A Lei de Moisés) também é utilizada em referência ao corpo legal judaico”.<sup>174</sup> Nas exposições citadas de Daniel M. Faour:

Na *Torá* existem 248 *mitsvot assê* (preceitos ativos – fazer algo) e 365 *mitsvot lô taassê* (preceitos negativos, passivos – não fazer algo). Como é sabido, as *mitsvot* ativas equivalem aos duzentos e quarenta e oito órgãos do corpo humano, e os trezentos e sessenta e cinco preceitos negativos são equivalentes às veias e artérias do corpo humano. Portanto, assim como estes fazem parte do corpo humano, as *mitsvot* também são órgãos e veias espirituais, que o ser humano constrói com o cumprimento das *mitsvot*.<sup>175</sup>

“Este é, por certo, o veredito do rei Salomão, ao final de *Eclesiastes*: a conclusão de tudo é: teme a Deus e guarda Seus mandamentos, por que isto torna o homem completo”.<sup>176</sup>

Depois da queda do templo em 70 d.C., sobraram 194 positivas e 77 negativas. Existem 26 *mitzvôt* que se cumprem exclusivamente dentro de Israel, onde algumas se aplicam apenas aos homens e outras apenas às mulheres, dependendo da sua religiosidade.<sup>177</sup>

Desta forma, chegamos ao ponto principal desta legislação: o *chukim* em questão, que sempre foi cumprido, as festas de Israel, em destaque o *Pessach*, onde seus cerimoniais e celebrações deram sentido de vida e continuidade histórica a um povo que prevaleceu ao tempo.<sup>178</sup> Este cumprimento da *Torá* é real na vida dos judeus e dos crentes em *Yeshua*, assim foi dito em Deuteronômio 6.1-2:

Estes, pois, são os mandamentos, os estatutos e os juízos que mandou o Senhor, teu Deus, se te ensinassem, para que os cumprisses na terra a que passas para a possuir; para que temas ao Senhor teu Deus, e guardes todos os seus estatutos e mandamentos que eu te ordeno, tu, e teu filho, e o filho de teu filho, todos os dias da tua vida, e que teus dias sejam prolongados.<sup>179</sup>

Houve muitas tentativas de compilar e enumerar as *mitzvôt* contidas na *Torá*. Não há uma classificação categórica e análoga das 613 *mitzvôt*. Embora o

<sup>174</sup> 613 MIZVOT. Disponível em: <[http://pt-br.judaismo.wikia.com/wiki/613\\_mitzvot](http://pt-br.judaismo.wikia.com/wiki/613_mitzvot)>. Acesso em: 29 set. 2012.

<sup>175</sup> FAOUR, Daniel M. *O ciclo do Ano Judaico*. Israel: H.R. Gráfica e Editora, Elul 5766. p. 140-141.

<sup>176</sup> BUNIM, 1998, p. 71.

<sup>177</sup> 613 MANDAMENTOS. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/613\\_mandamentos](http://pt.wikipedia.org/wiki/613_mandamentos)>. Acesso em: 29 set. 2012.

<sup>178</sup> GUIMARÃES, 2011, p. 94-95.

<sup>179</sup> DEUTERONÔMIO. In: *BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999. p. 209.

número destas seja aceito, permanecem dúvidas a respeito de quantas são as *mitzvôt* relacionadas ao *Pessach*. A visão mais tradicional é baseada naquela do filósofo religioso *Rambam* (Moisés Maimônides) e, sem eliminar as contradições entre as aprovações das autoridades judaicas, aproximadamente trinta são as *mitzvôt* relacionadas ao *Pessach*.<sup>180</sup> Em contribuição ao assunto, declara Benjamin Blech:

Pode ser que sejam no total 613 mandamentos, mas Isaías os resume em dois princípios: faça justiça e tenha atos de retidão (Isaías 56.1). Como conclui o *Talmud*: Quando veio o profeta Habacuc, ele resumiu os 613 mandamentos em um único princípio: “Aquele que é reto deve viver de acordo com sua crença”. Viver segundo uma crença não é pedir muito; em troca, Deus promete cuidado constante, orientação Divina e bênção.<sup>181</sup>

Esta crença segundo *Habacuc* se manifestou de forma popular a partir de 130 a.C., quando os fariseus expandiram a restauração das *mitzvôt* da *Torá* ao povo. Deste modo, quando *Yeshua* principiou seu ministério apregoando as boas novas, a hierarquia sacerdotal e o povo podiam entender sua mensagem alicerçados nos princípios da *Torá*.<sup>182</sup>

### 2.3 O *Pessach* na *Hagadá*

A *Hagadá* (הגדה) é uma obra litúrgica dentre as mais antigas e significativas para o judaísmo. Esta palavra hebraica vem do verbo *higuid* (הגיד) que significa *expor*,<sup>183</sup> tendo o sentido de *contar*, *narrar* e *relatar*. Portanto, a maior intenção da *Hagadá* é servir de esteio e transporte aos contos ocorridos e às pretensões do porvir, mais que organização, para uma reunião familiar festiva, uma vivência histórica judaica. Desta forma, condensa-se tempo e espaço para preservar as experiências acumuladas, e revivê-las anualmente. Por certo que desde sempre a *Hagadá* atravessa o tempo.<sup>184</sup> Seu surgimento foi originado durante turbulentas ocorrências do século I d.C., segundo relato de Elias Salgado:

<sup>180</sup> ROSA, 29 set. 2012.

<sup>181</sup> BLECH, 2004, p. 84.

<sup>182</sup> GUIMARÃES, 2009, p. 15.

<sup>183</sup> A HAGADÁ. Disponível em: <<http://www.chazit.com/cybersio/fjem/hagada.html>> Acesso em: 03 out. 2012.

<sup>184</sup> SALGADO, Elias. *A Hagadá: beleza e arte de uma narrativa através dos tempos*. Disponível em: <[http://www.shavei.org/other\\_languages/portugues/artigos-diversos/a-hagada-%E2%80%93-beleza-arte-de-uma-narrativa-atraves-dos-tempos/?lang=es](http://www.shavei.org/other_languages/portugues/artigos-diversos/a-hagada-%E2%80%93-beleza-arte-de-uma-narrativa-atraves-dos-tempos/?lang=es)>. Acesso em: 02 out. 2012.

Foi produto de uma geração arrancada de suas raízes e quebrada em suas fileiras. Até então, a natureza do Judaísmo havia sido clara. Era um sistema sacrificatório cujas festividades religiosas giravam em torno de uma série de atos e cultos, desempenhados pela classe sacerdotal dentro do recinto do Templo de Jerusalém. Os peregrinos, em Jerusalém, passavam a véspera de *Pessach* consumindo o cordeiro pascal que haviam sacrificado no Templo na tarde daquele dia e narravam a história do Êxodo numa noite que parece ter sido celebrada sem estruturação de uma ordem definida das orações. Dois acontecimentos daquele primeiro século, porém, conspiraram para alterar este antiquíssimo padrão: o primeiro foi a destruição do Templo no ano 70 e o segundo foi a dispersão do povo em várias seitas, entre elas, o emergente Cristianismo. Diante deste quadro sentiu-se a necessidade de uma interpretação definitiva do judaísmo. Esta, a *Hagadá* podia oferecer. Daí em diante, judeus se reuniram anualmente para recordar seu passado, explicar o presente e planejar o futuro.<sup>185</sup>

A *Hagadá* é uma narrativa centrada em um assunto dialogal entre pai e filhos. O *Pessach*, com a *Hagadá*, tem como abordagem fundamental três questionamentos a todo judeu: “quem, de onde, e para que estamos aqui”.<sup>186</sup> Existe uma mensagem intrínseca na *Hagadá* que se apropria de indicar o prosseguimento e a identidade judaica. Esta é o encorajamento oferecido às crianças para perguntarem, e se organizarem, da mesma forma que seus pais possam oferecer respostas compassivas e substanciais.<sup>187</sup>

Tem por costume começar a estudar as leis do *Pessach* trinta dias antes da comemoração. Em Israel, cada comunidade deve tomar providências para suprir as necessidades dos carentes para que não lhes falte *matzah* (מצה) e outros elementos em *Pessach*. A verba para tais suprimentos é originada de um imposto à comunidade, e cada indivíduo que reside há 12 meses na cidade passa a ter obrigação de colaborar.<sup>188</sup> Há um encadeamento de feitos na véspera de *Pessach*, segundo Miguel Nicolaevsky:

Antes do início da festa, os judeus removem todos os alimentos fermentados (chamados *chametz*) de seus lares e os queimam. Não é permitido permanecer com *chametz* durante a *Pessach*. Os objetos de *chametz* são escondidos, e outros, passíveis de um processo de *casherização* são mantidos, os utilizados para cozinhar passam pelo fogo, e os de comidas frias passam pela água. Os primogênitos devem jejuar na véspera do Sêder para lembrar a salvação dos primogênitos das pragas do Egito, também nesta data as sinagogas costumam executar um *Sium Masechet* (término de estudo de uma *Guemara*), onde o primogênito que presencie o *Sium* não precise realizar o jejum. É proibido realizar qualquer

<sup>185</sup> SALGADO, 02 out. 2012.

<sup>186</sup> APISDORF, Shimon. *Pessach*: uma introdução da Hagadá: Por que lemos a Hagadá? Disponível em: <[http://www.aishbrasil.com.br/new/artigo\\_pessach.asp](http://www.aishbrasil.com.br/new/artigo_pessach.asp)>. Acesso em: 03 out. 2012.

<sup>187</sup> APISDORF, 03 out. 2012.

<sup>188</sup> DICHI, Isaac. *Péssach e suas Leis*. São Paulo: Congregação Mevor Haim, 1994. p. 10.

trabalho depois de meio-dia de 14 de Nissan, ainda que um judeu possa permitir que um *goy* realize este trabalho. A festa de Pessach é antes de tudo uma festa familiar, onde nas primeiras duas noites (somente na primeira em Israel) é realizado um jantar especial chamado de *Sêder de Pessach*.<sup>189</sup>

### 2.3.1 A preparação e as simbologias da mesa do *Sêder de Pessach*

Quando é terminado o ofício religioso na sinagoga, logo se reúnem todos os participantes e sentam à mesa nos seus devidos lugares. Então, o oficiante ou o chefe da família inicia o *Sêder*, preparando as três *matzot* e a *keará* (כֶּעֲרָה). Os três *matzot* têm suas representações definidas, grupos que compõem o povo judaico, sendo os Sacerdotes, os Levitas, e o povo de Israel. No entanto, o oficiante põe uma sobre a outra, separadas por guardanapos, iniciando pela de baixo que é nomeada Israel, em cima dela põe a nomeada Levi e, no final, põe sobre ambas a nomeada *Cohen* (כֹּהֵן).<sup>190</sup> Estas *matzot* também são representadas em algumas tradições por “Avraham, Itzsach e Ia’acov (os patriarcas)”.<sup>191</sup> Por cima destas é alocada a *keará* (literalmente, travessa), onde o oficiante prepara os símbolos que serão empregados durante o cerimonial.<sup>192</sup>

No decorrer do cerimonial, o *matzah* do meio é quebrado em duas partes, a maior fica para a etapa do *Afikoman* (אֶפִיקוֹמָן) (final do *Sêder*), outra parte para o *Maguid* (מַגִּיד) (narração do *Sêder*), que recebe uma simbologia de: o pão da pobreza ou o pão da aflição, que os judeus comeram na terra do Egito.<sup>193</sup>

Segundo alguns comentaristas e escritores, observam-se alguns significados simbólicos destes elementos da *keará*:

*Betsá* (בֵּיצָה) – Ovo cozido, bem duro, com a casca passada pelo fogo, tendo a simbologia do *Corban Chaguigá* (קֹרְבַן חַגִּיגָה), o sacrifício efetuado no Templo na véspera de *Pessach*.<sup>194</sup> É um símbolo de tristeza da destruição do Segundo Templo. No entanto, ao mesmo tempo espelha a esperança da

<sup>189</sup> NICOLAEVSKY, 05 out. 2012.

<sup>190</sup> FRIDLIN, Jairo. *Hagadá de Pêssach*. 12. ed. Rio de Janeiro: Sêfer, 2011. p. 3.

<sup>191</sup> MORENO, Mário. *O pão de Itzsach*. Disponível em: <<http://www.shemaysrael.com/festas-biblicas/pessach/1560-o-pao-de-itzsach.html>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

<sup>192</sup> FRIDLIN, 2011, p. 3.

<sup>193</sup> BAHBOUT, Elie. *Hagadá de Pessach: com leis e comentários*. São Paulo: Sêfer, 2010. p. 40-43.

<sup>194</sup> MAGALHÃES, Marcelo. *Páscoa no Judaísmo e Cristianismo*. Belo Horizonte: Memorial, 2009. p. 58.

reconstrução.<sup>195</sup> Um grande Rabino do século passado, Chatan Sofre, propôs uma explicação a mais sobre o significado do *betsá*:

[...] ele lembra que qualquer alimento, quanto mais é cozinhado, mais macio fica, enquanto que, com o ovo, acontece o contrário. Isto seria um símbolo do povo de Israel, que, quanto mais é oprimido pelas nações, mais firme se mantém em sua resolução de cumprir as leis do eterno.<sup>196</sup>

*Zerôa* (זרוע) – Osso, “pescoço de galinha para os *ashkenazim*; pedaço de braço de cordeiro ou ovelha para os *sefaradim*, assado com um pouco de carne, em lembrança ao cordeiro Pascal, que era sacrificado no Templo, na véspera de Pêssach”.<sup>197</sup> *Zerôa* quer dizer braço e nos lembra o versículo de Dt 15.5: “[...] e Adonai, seu Deus, o tirou dali, com mão forte e braço estendido”.<sup>198</sup> Entre os símbolos que são oferecidos na *keará*, “este é o único que não será comido”.<sup>199</sup> Deve-se tomar cuidado para não pensar ou dizer que ele é o sacrifício do *Pessach*, e, sim, uma forma de recordar.<sup>200</sup>

*Marôr* (מרור) – “Raiz forte ralada, podendo ser alface romana”.<sup>201</sup> Segundo Elie Bahbout:

[...] simbolizando a amargura do trabalho no Egito. Explica o “*Talmud Yerushalmi*” (*Pessachim* P2 H5), que mesmo que as folhas da alface no começo não sejam muito amargas, e até um pouco doces, no entanto a natureza da alface é que se ela permanecesse mais tempo na terra ficaria muito amarga, assim também o exílio no Egito no começo era “doce”, pois o Faraó deu grande honra a *Yaakov* e seus filhos, e somente depois começou a amargura, quando os judeus foram escravizados.<sup>202</sup>

*Charósset* (חרוסת) – Uma pasta de frutas, como maçãs, nozes, tâmaras e canela, amassadas no vinho *casher* (כשר), formando uma massa, simbolizando a argamassa preparada pelo povo hebreu escravizados, que seria utilizado nos trabalhos de construção do Egito.<sup>203</sup>

<sup>195</sup> FRIDLIN, 2011, p. 3.

<sup>196</sup> SOFRE *apud* GORODOVITS, 2008, p. 119.

<sup>197</sup> GORODOVITS, 2008, p. 119.

<sup>198</sup> D'VARIM, 2010, p. 269.

<sup>199</sup> FRIDLIN, 2011, p. 3.

<sup>200</sup> BAHBOUT, 2010, p. 26.

<sup>201</sup> FRIDLIN, 2011, p. 3.

<sup>202</sup> BAHBOUT, 2010, p. 27.

<sup>203</sup> MAGALHÃES, 2009, p. 59.



*Carpás* (כרפס) – Verdura ou legume, “os *sefaradim* costumam usar salsão como *Carpás* e os *ashkenazim* em geral usam batata”,<sup>204</sup> mergulhadas em água salgada ou vinagre.<sup>205</sup> Este ritual é repleto de motivos e significados, aproximando os participantes na imaginação dos aperitivos desfrutados pelas pessoas livres na antiguidade; o vegetal tem sua representação no renascimento das plantas, tendo em vista que o *Pessach* é referido como festa da primavera.<sup>206</sup> Outros motivos para o consumo destes elementos esclarece Elie Bahbout:

1) Despertar a curiosidade das crianças. 2) Mostrar que somos livres e não escravos, pois pessoas ricas comem uma verdura no começo das refeições para abrir o apetite (o contrário dos pobres que preferem não despertar o apetite) [...]. A água salgada nos lembra as lágrimas de nossos antepassados no Egito. O *Rabi Chaím* z.t.l. também explicou que é também para lembrar a água do mar na qual foram afogados os egípcios e seus cavalos. A palavra *Carpás* é composta das letras iniciais do versículo (*Shemot* 14.9): “*Côl Sús Rêchev Par`ô*” – “todos os cavalos das carruagens do Faraó”.<sup>207</sup>

*Chazêret* (חזרת)– Alface romana, que estará alocada como uma segunda porção de *marôr*.<sup>208</sup> O *marôr* apresenta uma linguagem na *Torá* para alface, e para outras ervas amargas, e *chazêret* é a linguagem que se dá segundo a *Mishná*.<sup>209</sup> No *Sêder*, segundo as posições da bandeja, a alface é chamada com nomes diferentes, pois há costumes de diferenciar o *chazêret* do *marôr*, colocando no local denominado *marôr* a alface e no local denominado *chazêret* a escarola ou a parte interior do pé da alface, podendo haver inversão dos locais. No entanto, cada família deve agir igual aos costumes respectivos de seus pais.<sup>210</sup>

Vinho (יין) – cada participante do *Sêder* deve ter um cálice, para poder tomar quatro medidas de vinho, correspondente aos quatro verbos usados na *Torá* para descrever a saída do Egito. O cálice é cheio uma quinta vez, mas não é bebido, pois se trata do cálice para o profeta Elias.<sup>211</sup> Sobre os cálices, explica Paulo Wally:

<sup>204</sup> DICI, 1994, p. 39.

<sup>205</sup> BAHBOUT, 2010, p. 39.

<sup>206</sup> LEDERMAN, Luciana Pajecki. *Pessach* 5768. Disponível em: <<http://www.shalom.org.br/culturajudaica/judaismo/texto5-seder.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2012.

<sup>207</sup> BAHBOUT, 2010, p. 40.

<sup>208</sup> GORODOVITS, 2008, p. 119.

<sup>209</sup> BAHBOUT, 2010, p. 27.

<sup>210</sup> BAHBOUT, 2010, p. 27.

<sup>211</sup> FRIDLIN, 2011, p. 4.

- O primeiro cálice chama-se o copo da santificação (*kos kidush*) “Eu sou o eterno que te libertarei do jugo egípcio”. Êx. 6:6
- O segundo cálice chama-se o copo da redenção. (*kos g’ula*). “Eu vos livrarei do seu jugo”. Êx. 6:6
- O terceiro cálice chama-se o copo da bênção. (*kos b’rachá*) “Eu vos salvarei com braço estendido”. Êx. 6: 6
- O quarto cálice chama-se o copo da aceitação. (*kos hartzáá*) “Eu vos hei de tomar para serdes o meu povo”. Êx.6:7
- O quinto cálice chama-se o copo de *Eliahu*, Elias.<sup>212</sup>

### 2.3.2 As etapas do Sêder de Pessach

Nas duas primeiras noites de *Pessach*, é celebrada a cerimônia do *Sêder*, seguindo, como já sugere o nome *Sêder*, uma ordem pré-estabelecida.<sup>213</sup> As atividades e *mitzvôt* da noite de *Pessach* foram rotuladas em uma ordem exclusiva, uma vez que poderíamos nos confundir com a sequência dos detalhes.<sup>214</sup> Ainda, segundo expõe Shraga Simmons, há sete *mitzvôt* que exercemos no *Sêder*. Destas, duas são da *Torá*:

- 1) Contar a história do Êxodo; 2) Comer *matzá*. As outras *mitzvot* são rabínicas: 3) Comer *maror* (ervas amargas); 4) Comer o *afikoman* (um pedaço extra de *matzá* para sobremesa como uma lembrança da oferenda de *Pessach*); 5) Fazer *Halel* (Salmos de elogio); 6) Beber os Quatro Copos de vinho; 7) Demonstrar atos de liberdade e aristocracia, por exemplo, sentar-se numa almofada e se inclinar ao comer e beber, e começar a refeição inclinado.<sup>215</sup>

As 15 etapas do *Sêder* foram compostas no século XI d.C. pelos comentaristas talmúricos Rashi ou Tosfot.<sup>216</sup> É importante lembrar que, “as 10 primeiras partes acontecem antes do jantar, que é a 11ª; as 4 últimas, após o jantar”.<sup>217</sup>

As etapas que traçam a sequência dos serviços são: 1) *Cadesh* (קדש) – recite o *kiduch* (קידוש); 2) *Urechats* (ארחץ) – lavar as mãos; 3) *Carpás* (כרפס) – comer pedaço de salsa ou aipo; 4) *láchats* (לחץ) – quebrar o *matzah* ao meio; 5) *Maguid* (מגיד) – narrar a *Hagadá*, a história (o coração do *Sêder*); 6) *Rachtsá*

<sup>212</sup> WALLY Paulo. *O Judaísmo e o Mashiach: a redenção profetizada no Sêder de Pêssach*. Disponível em: <<http://yerushalaim1967.blogspot.com.br/2008/11/redeno-profetizada-no-sder-de-pssach.html>>. Acesso em: 09 out. 2012.

<sup>213</sup> GORODOVITS, 2008, p. 117.

<sup>214</sup> SIMMONS, Shraga. *Leis do Seder: um guia prático para a noite do Seder*. Disponível em: <[http://www.aishbrasil.com.br/new/artigo\\_leis.asp](http://www.aishbrasil.com.br/new/artigo_leis.asp)>. Acesso em: 03 out. 2012.

<sup>215</sup> SIMMONS, 03 out. 2012.

<sup>216</sup> SIMMONS, 03 out. 2012.

<sup>217</sup> FRIDLIN, 2011, p. 4.

(רְחַצְתָּהּ) – lavar as mãos antes de comer o *matzah*; 7) *Motsi* (מוציא) – recitar a bênção *hamotsi* (המוציא) sobre o *matzot*; 8) *Matzah* (מצה) – recitar a bênção sobre o *matzah* e comê-lo; 9) *Marôr* (מרור) – recitar a bênção do *marôr*; 10) *Corêch* (קרח) – combinação de *matzah*, *marôr* e *charroset*; 11) *Shukchan Orêch* (שְׁלַחַן עֵרֶךְ) – comer a refeição festiva; 12) *Tsafun* (צפון) – comer *afikoman* (אפיקומן); 13) *Barech* (ברך) – [*Bircát Hamazôn*] (ברכת המזון) bênção após a refeição; 14) *Halel* (הלל) – salmos de louvor e bênção e 15) *Nirtsá* (נרצה) – pedindo para que as orações sejam aceitas.<sup>218</sup>

### 2.3.3 Maguid: a mensagem central do Sêder de Pessach

Entre todas as etapas e suas significações, a mais extensa e esperada do Sêder tem como propósito de contar a história do Êxodo do Egito, o *Maguid*, que é a recitação contida na *Hagadá*, recebendo o preceito da *Torá* que diz:<sup>219</sup> “Nesse dia, você dirá a seu filho: Isso é por causa do que *Adonai* fez por mim quando eu saí do Egito” (Êx 13.8).<sup>220</sup> Esta se inicia com uma declaração sobre o *matzah*.<sup>221</sup> Segundo Elie Bahbout, o condutor levanta a *matzah* aos olhos e explica:

[...] este é o pão da pobreza que comemoram nossos antepassados na terra do Egito. A técnica audiovisual é usada pelo judaísmo há mais de 3300 anos na hora do Sêder. Não contamos a história apenas com palavras, mas mostramos também elementos com os quais é possível materializar o Êxodo aos olhos da criança. [...] “esta *matsá* que comemos, porque a comemos? Em lembrança ao fato de que não deu tempo de fermentar a massa quando saímos...”. O mesmo é feito com o *maror*, quando o seguramos e explicamos que ele é em lembrança da amargura dos serviços forçados realizados por nossos antepassados. O próprio fato de comermos o *matsá*, *maror* (amargo) e *charôset* (cuja aparência lembra o barro com o qual trabalharam nossos antepassados) também faz parte de concretizar e dramatizar a história do Êxodo.<sup>222</sup>

Seguimos para as quatro perguntas que, de acordo com a tradição, são feitas pelas crianças, e as respostas são dadas pelos versículos da *Torá*, e mais, explanações narrando à milagrosa saída do povo guiado por *D’us*, da escravidão

<sup>218</sup> GORODOVITS, 2008, p. 120-121.

<sup>219</sup> FRIDLIN, 2011, p. 8.

<sup>220</sup> SH’MOT, 2010, p. 146.

<sup>221</sup> LEDERMAN, 04 out. 2012.

<sup>222</sup> BAHBOUT, 2010, p. 44.

para a liberdade.<sup>223</sup> Ainda a respeito daquele que faz as perguntas, a própria escritura aprova a tradição mais antiga, relatada na *Torá*: “quando os filhos perguntarem: o que significa esta cerimônia?” (Êx 12.26).<sup>224</sup> Em uma *tradição tanaíta*, os mestres ensinaram, segundo apresentam Anne Catherine Avril e Dominique de La Maisonneuve, “a um sábio, seu filho, pergunta; se não houver filho, sua mulher pergunta; do contrário, a si próprio o sábio se pergunta. De igual modo, se houver dois discípulos de sábios que conheçam as leis de *Pessach*, perguntam-se um ao outro”.<sup>225</sup> Como explana Elie Bahbout, as crianças perguntam *Má Nishtaná* (מה נשתנה):

Por que esta noite é diferente de todas as outras noites?

1ª Em todas as noites não precisamos mergulhar mesmo uma vez, nesta noite o fazemos duas vezes (as “duas vezes” citadas são: o carpas na água salgada e o *Marôr* no *charôsset*)!

2ª Em todas as noites comemos “*chamêts*” ou *matsá* e nesta noite somente *matsá*!

3ª Em todas as noites comemos as demais verduras, e nesta noite *Marôr*!

4ª Em todas as noites comemos tanto sentados como reclinados, e nesta noite todos nós reclinamos!<sup>226</sup>

Em resposta às perguntas estabelecidas, prossegue a leitura da *Hagadá*, para esta finalidade. Porém, as respostas às quatro perguntas (*Ma Nishtaná*) a *Hagadá* tradicional não responde de forma objetiva. É difícil explorar todos os temas de maneira satisfatória todos os anos, pois as perguntas atrelam a uma grande explanação. “O ideal é, a cada ano, escolher um ou dois temas e explorá-los em profundidade, usando o próprio texto da *Hagadá* tradicional ou recorrendo a comentários e reflexões mais atuais”.<sup>227</sup>

Em ênfase para orientação, é descrito que, há quatro ocasiões que a *Torá* descreve, sendo obrigação do pai narrar aos filhos à história do *Pessach* (Êx 12.26, 13.8, 13.14, e Dt 6.20), no entanto, os sábios concluem que na *Torá* nada é por si só, e estas quatro ocasiões são correspondentes a tipos diferentes de filhos:<sup>228</sup>

- O sábio, o que ele diz? “Quais são os testemunhos, os estatutos e as leis que o Senhor, nosso *D’us*, lhe ordenou?” Você por sua vez, diga a ele as

<sup>223</sup> GORODOVITS, 2008, p. 120-121.

<sup>224</sup> SH’MOT, 2010, p. 144.

<sup>225</sup> AVRIL; MAISONNEUVE, 1997, p. 31.

<sup>226</sup> BAHBOUT, 2010, p. 48.

<sup>227</sup> LEDERMAN, 04 out. 2012.

<sup>228</sup> FRIDLIN, 2011, p. 10-12.

leis de Pessach, (até a última delas onde consta:) “Não é permitido comer sobremesa depois de comer o sacrifício de *Péssach*”.

- O perverso, o que ele diz? “O que é este serviço ‘para vocês’, mas não para ele! Por ter se excluído da comunidade, ele negou o que é fundamental na nossa religião. E você também deve repreendê-lo e lhe responder: “É por causa disto que o Senhor fez para mim quando eu saí do Egito”, ‘para mim’, mas não para ele! Se ele estivesse lá não teria sido resgatado”!

- O ingênuo, o que ele diz? “O que é isso?” Assim, você diz a ele: “Com uma mão forte o Senhor nos tirou do Egito, da casa dos escravos”.

- E para aquele que não sabe perguntar, você deve abrir (ou seja, iniciar o diálogo) para ele, como está dito: Você deve contar ao seu filho naquele dia dizendo: “É por causa disto que o Senhor fez para mim quando eu saí do Egito”.<sup>229</sup>

Continua a narração do *Maguid*, com interpretações de muitos versículos clássicos e histórias a respeito da libertação, recitações de textos, diversos atos simbólicos e instrutivos, até chegar ao fim desta etapa, com a bênção do 2º cálice, e adiante prosseguem outras etapas.<sup>230</sup> O *Séder* se mantém como o acontecimento mais marcante de *Pessach* Judaico, para os dias de hoje, “a celebração enriqueceu-se no decorrer dos séculos, sobretudo após a destruição do Templo: desaparecido o sacrifício pascal, a narração, *Haggadah*, ganhou importância maior”.<sup>231</sup>

Os atributos para as interpretações de *Pessach* são caracterizados em uma disposição habitual, visando reunir fatos e relatos para investigação do assunto. O calendário judaico é um destes atributos de maior importância à tradição na sua organização, uma maior compreensão sobre datas se dá em conhecer sua estrutura, seus ajustes, sua permanência histórica e seus porquês. Portanto, é deste modo que se observa a acuidade e preocupação na definição das datas festivas como uma lei de *D’us*, uma obrigação para Israel, pois as festas são temas apropriados para a vida religiosa, sendo um memorial das épocas benignas na história do povo judeu. Em questão, o *Pessach*, o fato central da *Torá*, é tributado como o memorial da festa e do culto bíblico. Nisto o povo de *D’us* tem a incumbência de conservar a tradição, ou seja, perpetrar memorial, prestando e rememorando as obras de *D’us*. A *Hagadá* é uma obra litúrgica dentre as mais antigas e significativas para o judaísmo, na qual caracteriza e organiza o *Séder* de *Pessach*, servindo de transporte aos contos ocorridos e as pretensões do porvir, mais que organização, para uma reunião familiar festiva, uma vivência histórica judaica que atravessa o tempo e traz em cada ano uma mensagem intrínseca.

<sup>229</sup> BAHBOUT, 2010, p. 53-57.

<sup>230</sup> FRIDLIN, 2011, p. 14-30.

<sup>231</sup> AVRIL; MAISONNEUV, 1997, p. 48.

### 3 O PESSACH NA TRADIÇÃO JUDAICO-MESSIÂNICA

#### 3.1 O Pessach nos Evangelhos

Não é motivo para negação que tanto os evangelhos sinóticos como o evangelho de João expõem a ceia de *Yeshua* em um contexto pascal, ainda que de aparências desiguais. Na visão dos sinóticos, dão-se os aspectos de um *Sêder* judaico, a ceia ritual do *Pessach*, pretendendo assim atrelar o conteúdo libertador da nova Páscoa que os cristãos celebravam à ceia judaica de *Pessach*, quem sabe pensando mais no seu aprimoramento do que na sua substituição. Este atrelamento tornou-se mais evidente quando fez referência ao rito do sangue que, tomada de *Pessach* dos pastores nômades, exerceu um papel definitivo na libertação.<sup>232</sup> De acordo com o relato de Martin Buber:

Pelas palavras de Jesus, o vinho do cálice de bênção transforma-se no sangue da nova aliança que será derramado (Mc 14.24) em favor de muitos, para remissão dos pecados, como acrescenta Mateus (Mt 26.28). [...] houve uma evolução profunda e uma mudança de conteúdo nas celebrações pascais de Israel, desde as primitivas, tomadas da Páscoa dos nômades, até os ritos do sacrifício do cordeiro no templo de Jerusalém e a ceia que se seguia ao anoitecer. Essa evolução e mudança justificam o novo sentido que, a partir das palavras de Jesus, teriam para seus discípulos os ritos ancestrais da Páscoa.<sup>233</sup>

“Quando anoiteceu, *Yeshua* chegou com os Doze”<sup>234</sup> (Mc 14.17) no lugar da comemoração em Jerusalém. Os sinóticos descrevem os preparativos de forma análoga:

- ✓ Mateus registra que: “os *talmidim* fizeram como *Yeshua* lhes ordenara e prepararam o *seder*” (Mt 26.19).<sup>235</sup>
- ✓ Marcos relata que: “os *talmidim* saíram, chegaram à cidade e encontraram tudo como lhes dissera; e prepararam o *seder*” (Mc 14.16).<sup>236</sup>
- ✓ Lucas comenta que: “Eles foram, e encontraram tudo como *Yeshua* lhes tinha dito, e prepararam o *seder*” (Lc 22.13).<sup>237</sup>

---

<sup>232</sup> SERRANO, 1998, p. 52.

<sup>233</sup> BUBER *apud* SERRANO, 1998, p. 52-53.

<sup>234</sup> MARCOS. In: BÍBLIA JUDAICA COMPLETA: a Tanakh [AT] e a B'rit Hadashah [NT]. São Paulo: Vida, 2010. p. 1277.

<sup>235</sup> MATTITYAHU (Mateus). In: BÍBLIA JUDAICA COMPLETA: a Tanakh [AT] e a B'rit Hadashah [NT]. São Paulo: Vida, 2010. p. 1237.

<sup>236</sup> MARCOS, 2010, p. 1277.

<sup>237</sup> LUCAS. In: BÍBLIA JUDAICA COMPLETA: a Tanakh [AT] e a B'rit Hadashah [NT]. São Paulo: Vida, 2010. p. 1316.

Em partes variantes aos evangelhos sinóticos, o evangelho de João considera o *Pessach* cristão focando em visão o sacrifício do cordeiro no templo. O sangue que o sacerdote derramava ao pé do altar rememorava o sangue com que o povo hebreu untou as travessas e os batentes de suas portas no Egito para proteger-se da morte dos primogênitos. João declara no início de seu evangelho a respeito de *Yeshua*, dizendo: “eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29).<sup>238</sup> Em relação ao assunto, Vicente Serrano complementa:

O autor do quarto Evangelho dá, assim, destaque não à ceia embora sua descrição seja mais extensa e dramática que a dos sinóticos, mas à morte de Jesus como cordeiro. Ele é também quem nos diz que esta morte ocorreu na “véspera da Páscoa, por volta do meio dia” (Jo 19.14), no dia da “pareceve” ou “preparação” da Páscoa, por volta do meio dia, na mesma hora em que se sacrificavam os cordeiros pascais no templo, em três turnos, como já vimos.<sup>239</sup>

O evangelho de João não descreve os preparativos, mas refere o instante do *Sêder*.

✓ “Eles estavam no jantar, e o Adversário já havia colocado o desejo de trair *Yeshua* no coração de *Y’udah Ben-Shim’on*, do *K’riot*”.<sup>240</sup> (Jo 13.2).

As evidências destacam que o evangelho de João e os evangelhos sinóticos demarcam a ceia de *Yeshua* em um contexto de *Pessach*. Entretanto, as datas nos trazem uma dificuldade interpretativa. Em hipótese, podem ser destacados alguns apontamentos, conforme explicita Vicente Serrano:

- A que durante algum tempo pareceu definitiva foi a de Annie Jaubert, segundo a qual Jesus, assim como faziam alguns grupos de judeus, pode ter seguido o calendário solar de *Qumrã*, tradicional em Israel, em vez do calendário oficial dos saduceus do tempo, introduzido durante a dominação helênica. De acordo com esta tese Jesus celebrou a Páscoa na terça-feira anterior, pois nesse calendário o dia 14 do primeiro mês ou 14 de nisã, caía sempre numa terça-feira.
- Embora desconheça com que fundamento, outra tentativa de solução afirma que Jesus e seus discípulos, como galileus, seguiram o costume dos galileus, os quais, por ver antes a lua cheia, adiantavam em um dia a celebração de *Pessach*.
- Uma terceira solução aponta para a questão da afluência dos numerosos peregrinos, vindos de todas as partes, e ao elevado número de cordeiros que tinham que ser sacrificados, por este motivo adiantava-se o dia do sacrifício, o qual, concluído, permitia afirmar que, para os primeiros

<sup>238</sup> SERRANO, 1998, p. 53.

<sup>239</sup> SERRANO, 1998, p. 53-54.

<sup>240</sup> YOCHANAN (João). In: BÍBLIA JUDAICA COMPLETA: a Tanakh [AT] e a B’rit Hadashah [NT]. São Paulo: Vida, 2010. p. 1240.

ofertantes, tinha já começado a Páscoa, não havendo impedimento para que celebrassem naquela mesma noite o *Seder* de *Pessach*, precisamente à noite em que começava o dia 14 de *nisã*.<sup>241</sup>

Houve diversos ensaios efetuados com a finalidade de harmonizar esse contrassenso aparente. A maior parte partiu da suposição de que na época de *Yeshua* existiam diversos e distintos calendários em uso. Os sinóticos e João ter-se-iam se orientado de forma desigual. A unanimidade deste seguimento se encontra vaga, não apresentando nenhuma solução até o instante.<sup>242</sup> Em conformidade com a prática judaica da época, o único aspecto que se pode atestar, segundo Joachim Jeremias:

[...] a leitura atenta e repetida dos Evangelhos, o conhecimento do ambiente e dos costumes da Palestina daquele tempo, a convicção de que Jesus se comportou sempre como judeu praticante, o caráter e significado que para todo judeu tinha esta festa, o próprio sentido que Jesus dá as suas ações e palavras, nos levam a afirmar que, naquela noite do mês de *nisã*, Jesus e seus discípulos celebraram realmente um *Seder* de *Pessach*.<sup>243</sup>

Para os judeus, a datação é determinada, mas qual seria então o dia mais apropriado para os cristãos comemorarem o *Pessach*? Deviam combinar a data da sua celebração para coincidir com a celebração dos judeus? De tal forma, deviam seguir a cronologia dos evangelhos sinóticos e ou do evangelho João? Ou dar a primazia ao fato que *Yeshua* ressuscitou dos mortos em um domingo? Tais perguntas promoveram debates densos e inacabados.<sup>244</sup>

“Isto é o que *Yeshua* fez no *Pessach* de sua última noite de sua vida, e isso é, o que nos quisermos transmitir, a partir de diversas óticas, os autores dos quatro Evangelhos”.<sup>245</sup>

### 3.2 O último *Pessach* de *Yeshua* e a instituição da *B'rit Hadashah*

*Yeshua*, na sua última celebração de *Pessach*, institui a Santa Ceia? Em comparação temos Mt 26.17-26 e Êx 12. 5-18, mostrando que *Yeshua* celebrou o seu último *Pessach* e instituiu a solenidade da *B'rit Hadashah* (Nova Aliança) no seu sangue ou a chamada Santa Ceia, pelos cristãos. Nas celebrações de *Pessach*

<sup>241</sup> SERRANO, 1998, p. 43-44.

<sup>242</sup> SKARSAUNE, 2004, p. 404.

<sup>243</sup> JEREMIAS *apud* SERRANO, 1998, p. 45.

<sup>244</sup> SKARSAUNE, 2004, p. 404.

<sup>245</sup> SERRANO, 1998, p. 55.



como no *Shabat* solenizados pelos judeus messiânicos e do mesmo modo na Santa Ceia celebrada pelos cristãos, se faz referência ao último *Pessach* celebrado por *Yeshua*, no qual, conforme relata o apóstolo Paulo em I Cor 11, ele deu um novo significado a esta celebração.<sup>246</sup>

Muito do que está citado no *Tanakh* (AT) é sombra de acontecimentos vindouros, ou seja, daquilo que viria a se cumprir no *Mashiach*. É notório que a festa de *Pessach* foi instituída no *Tanakh* (AT) e endossada na *B'rit Hadashah* (NT). Por tal motivo abriu-se um novo conceito de celebração, para os judeus messiânicos e os cristãos.<sup>247</sup>

A Páscoa dos pastores nômades e os Ázimos dos agricultores que pretendiam salvar, por seu valor mágico, os rebanhos e as colheitas, transformaram-se, por um fato histórico que ocorreu no tempo de sua celebração, em sinal de liberdade da escravidão que padecia o povo de Israel. Conservaram-se, em parte, os velhos ritos, mas o novo significado deu origem a uma celebração cültica diferente, embora mantendo o primitivo sentido de salvação que, sem dúvida, tinham aqueles velhos ritos. Este mesmo acontecimento transformou-se com o tempo, ganhando um novo conteúdo, em sinal de salvação e libertação de outras escravidões, as morais e de todos os povos.<sup>248</sup>

Em um paralelo destas visões da celebração como um memorial para o povo, *D'us* apresentava um desígnio, o de constituir em *Pessach*, na presença do povo, um memorial que convidasse e lhe fizesse rememorar que sua liberdade existia e fora auferida à custa da Sua intervenção na história do Egito. De modo análogo, *Yeshua* fixou o memorial de sua morte para advertir a redenção ao povo, que foi auferida por causa do holocausto do Filho de *D'us*.<sup>249</sup>

De tal modo, apresentado neste contexto, *Yeshua* ressignificou o *Sêder de Pessach* para dar um sentido perpétuo da sua entrega expiatória. O cerimonial do *Pessach* transcorre com toda normalidade, porém os símbolos impetraram significados especiais. Após esta ressignificação, não é celebrado de maneira

<sup>246</sup> VALLE, Moshe David. *O Judaísmo e o Mashiach*. Disponível em: <<http://yerushalaim1967.blogspot.com.br/2008/11/hagad-de-pssach-e-os-judeus-messinicos.html>>. Acesso em: 06 nov. 2012.

<sup>247</sup> GUIMARÃES, 2010, p. 158.

<sup>248</sup> SERRANO, 1998, p. 55.

<sup>249</sup> HOFF, Paul. *O Pentateuco*. São Paulo: Vida, 1983. p. 118.

idêntica àquelas celebradas no judaísmo tradicional, o *Pessach* centra na pessoa do *Mashiach* (משיח).<sup>250</sup>

No decorrer de séculos em períodos semanais, segundo relata Moshe David Valle, a *Kehilá* (קהילה) (Igreja) de *Yeshua* celebrou e de forma contínua celebra uma festa em memorial a *Yeshua*, o *Mashiach*, de tal forma:

Nessa festa os seus *talmidim*, comem pão e bebem vinho, símbolos do seu corpo e do seu sangue em sacrifício para redenção do ser humano. Mas essa festa não poderia ser o *Pessach*, pois este só se celebra uma vez no ano. Tudo indica, entretanto, que essa festa seja a celebração do *Shabat*, quando o oficiante judeu faz a *bracha*, bênção do pão e do vinho toda sexta-feira à noite, ao despontar do *Shabat* em todas as sinagogas do mundo, inclusive nas sinagogas messiânicas. Mas a igreja católica mudou o dia da celebração dessa festa por não mais seguir as tradições judaicas, pois o *Shabat* foi trocado pelo domingo. Por isso a chamada Santa Ceia pelos católicos e protestantes passou a ser celebrada no domingo e não mais no *Shabat*, sábado.<sup>251</sup>

O apóstolo Paulo escreveu aos Colossenses 2.16-17: “por isso, não permitam que ninguém os julgue em relação ao que comem e bebem, ou com relação a um festival judaico, ao *Rosh Chódesh* ou *Shabat*. Essas são sombras do que virá; o corpo, porém, é do Messias”.<sup>252</sup> Em concordância com o contexto, Vicente Serrano comenta:

Creio que os primeiros cristãos celebraram assim a Páscoa, desde o princípio: com os ritos antigos, mas com o novo conteúdo que Jesus lhes dera na ceia com seus discípulos. Era uma tradição recebida do Senhor (1 Cor 11.23). Posteriormente, por causas diversas, separaram-se ceia de eucaristia. Os relatos que nos restaram refletem já esta separação e a celebração somente cúltica da Páscoa cristã. Mas nunca houve, como alguns disseram, dois ritos separados em sua origem: o mistério da cruz, propriamente cristã, e o da Páscoa, herdeiro da tradição judaica, que, ao celebrar-se na mesma data, foram-se fundindo e substituindo.<sup>253</sup>

Os discípulos de *Yeshua*, no momento da celebração do *Shabat*, perpetravam uma referência ao último *Pessach* celebrado por *Yeshua*, quando ele disse para lembrarem, em todas as vezes que se reunissem para este propósito. Pode ter sido em uma dessas reuniões que o apóstolo Paulo rememorou o ato em que *Yeshua* pronunciou que o pão (*matzah* de *Pessach*) simbolizava o seu corpo e o

<sup>250</sup> GUIMARÃES, 2010, p. 159.

<sup>251</sup> VALLE, 06 nov. 2012.

<sup>252</sup> COLOSSENSES. In: BÍBLIA JUDAICA COMPLETA: a Tanakh [AT] e a B'rit Hadashah [NT]. São Paulo: Vida, 2010. p. 1458.

<sup>253</sup> SERRANO, 1998, p. 55.

vinho o seu sangue (1 Cor 11.23-26), ainda que o *Shabat* constitua a celebração com duas *chalot* (pães) e não com *matzot* (pães ázimos).<sup>254</sup>

Segundo interpretação não unânime do judaísmo messiânico, em uma resignificação, o judaísmo messiânico e “a *Kehilá* dos gentios até hoje pratica esse ato, dando-lhe o nome de Santa Ceia, o qual na realidade vem a ser uma forma modificada da celebração do *Shabat* pelos discípulos de *Yeshua* no primeiro século”.<sup>255</sup>

*Yeshua* e seus discípulos celebraram o *Pessach*. Da mesma forma, os cristãos primitivos, compostos de judeus e gentios. Não havia diferença entre judeus e gentios na Igreja primitiva, todos eram um no *Mashiach*, exceto os judeus tradicionais. No entanto, tal cisma os separou, dando ao tempo a herança de celebrações distintas.<sup>256</sup>

Os significados primordiais que intentam a celebração de *Pessach* bem como os do *Shabat* não foram deslembados pelos judeus messiânicos. Porém estas duas instituições, o *Pessach* e o *Shabat* são celebrados pelas sinagogas messiânicas, além disso, com um novo sentido: em memória do sacrifício do *Mashiach*.<sup>257</sup> Em respaldo ao assunto, Moshe David Valle afirma:

As *chalot*, pães com fermento usados no *Shabat* marcam a diferença do *Shabat* para o *Pêssach*, no que diz respeito aos pães. Pois, na celebração do *Pêssach*, as *matzot*, pães sem fermento, fazem contraste com as *chalot*, pães fermentados do *Shabat*. E eis aqui um grande mistério, porque o fermento simboliza o pecado. Enquanto os asmos (*matzot*) de *Pêssach* falam do corpo do *Mashiach* que não tem pecado; levedados (*chalot*) de *Shabat* falam da *kehilá* remida composta de judeus e gentios (dois pães) que nela ainda habita o germe do pecado, porém sem o domínio que tinha sobre nosso corpo.<sup>258</sup>

### 3.3 O *Pessach* em analogia tipológica aos principais elementos do *Sêder*

Segundo reza a tradição judaica, “os egípcios idolatravam os cordeiros, e o fato dos judeus pegarem os cordeiros, amarrá-los ao pé da cama desde o *Shabat* até a quarta feira, e depois degolar estas ‘divindades’ bem embaixo dos olhos dos

<sup>254</sup> VALLE, 06 nov. 2012.

<sup>255</sup> VALLE, 06 nov. 2012.

<sup>256</sup> GUIMARÃES, 2007, p. 59.

<sup>257</sup> VALLE, 06 nov. 2012.

<sup>258</sup> VALLE, 06 nov. 2012.

egípcios, foi um ato de grande perigo”.<sup>259</sup> No decorrer da história de *Pessach*, a primeira mudança considerável do século I d.C. envolveu atividades associadas à inspeção do cordeiro, segundo relato de John Sittema:

Os israelitas deviam examinar os cordeiros pascais para se certificar de que eram sem defeito. Quer se tratar do cordeiro a ser consumido por uma família ou aquele que seria oferecido pela nação no Templo, no século 1º, todos os animais para o sacrifício eram inspecionados pelos sacerdotes que ministravam no templo de Herodes. Os sacrifícios podiam, evidentemente, ser trazidos de fora do templo, mas tinham de passar pela vistoria dos sacerdotes antes de serem imolados. A maioria das pessoas comprava os cordeiros dos rebanhos certificados do Templo. A lição difícil ensinada por um sistema corrupto foi que os sacerdotes podiam encontrar, e com frequência encontravam, imperfeições minúsculas em qualquer cordeiro de fora; o único modo de se garantir era comprar um cordeiro dos rebanhos aprovados.<sup>260</sup>

A memória do ritual era conservada de forma que o povo mantinha as tradições expostas no seio das famílias e em celebrações cúlticas dos santuários: no dia 10 do mês de *Nisã*, deveria ser escolhido um cordeiro por família, com os atributos exigidos para o sacrifício, tendo sua imolação instituída no dia 14 ao entardecer, como preceito descrito em Êxodo 12.3.<sup>261</sup> Este cordeiro, na época do segundo Templo, por quatro dias era exposto e colocado em exibição no pátio do Templo, para que todos pudessem examiná-lo.<sup>262</sup>

*Yeshua* (um rabino do 1º século?) fez mais que celebrar o *Pessach*, Ele o encarnou. O *Cordeiro* foi observado de muitas maneiras, todas com muito rigor, como descrito na *B'rit Hadashah*. As interrogativas que surgiram primeiro foram públicas, efetuadas pelos fariseus e saduceus, dois partidos religiosos da época. *Yeshua* chegou à cidade de Jerusalém na agitação da entrada triunfal. No dia a seguir, na hora e local em que o cordeiro foi colocado para o povo, em exposição pública no pátio do Templo, *Yeshua* se expôs para ser observado pelos sacerdotes e mestres da lei.<sup>263</sup> Os exames seguintes passaram aos tribunais de homens oficialmente encarregados de prescrever a verdade e a justiça, segundo relato de John Sittema:

<sup>259</sup> BAHBOUT, 2010, p. 74.

<sup>260</sup> SITTEMA, 2010, p. 35.

<sup>261</sup> SERRANO, 1998, p. 10.

<sup>262</sup> SITTEMA, 2010, p. 36.

<sup>263</sup> SITTEMA, 2010, p. 37.

Foi julgado primeiro perante Anás (Jo 18.13), sogro de Caifás, mas que pelo visto era o poder por trás do manto de sumo sacerdote. Ele interrogou Jesus “acerca dos discípulos e da sua doutrina”. Não conseguiram, porém, acusá-lo de nada específico (Jo 18.23). Anás o enviou a Caifás (Mt 26.57), o qual conclui que Jesus tinha cometido blasfêmia (Mt 26.65), um veredicto precipitado, pois nenhum dos testemunhos contra ele foi válido segundo os padrões da lei (Mt 26.60). Em seguida, o julgamento foi transferido para o tribunal civil de Pilatos, o governador romano. Depois de interrogar Jesus, Pilatos o declarou inocente: “eu não acho nele crime algum” (Jo 18.38), não havendo, portanto, motivo para castigá-lo. Sem dúvida, Pilatos tinha experiência com intrigas políticas e atos de crueldade, mas ainda assim, ficou perturbado com o encaminhamento do processo e, seguindo o conselho de sua esposa aflita, lavou as mãos.<sup>264</sup>

Em uma demonstração clara de conduta indevida, Pilatos entregou *Yeshua* à crucificação e, nessa atitude, serviu à causa do evangelho. Não houve dúvida alguma que *Yeshua* era o *Cordeiro* sem defeito.<sup>265</sup>

Após ocorrência do sacrifício do cordeiro, ele era pendurado para retirar a pele em ganchos de ferro fixados nos muros e pilares do átrio do Templo e, quando estes ganchos estavam todos ocupados, a alternativa era alguns paus especiais, encontrados no mesmo âmbito. O sacrifício era suspenso em um destes paus, e tanto a pele quanto as partes que deviam ser queimadas eram retiradas. Na mesma hora daquele mesmo dia, *Yeshua*, o *Cordeiro* de *D’us*, morria pendurado em uma estaca. Existiu, todavia uma diferença: o sangue dos cordeiros era recolhido pelos sacerdotes em bacias de ouro ou prata e despejado ao pé do altar dos holocaustos; porém, no Calvário não houve o recolhimento do sangue de *Yeshua*, este sangue caiu igualmente na terra, na base daquele altar que tinha se transformado em sua oportuna cruz.<sup>266</sup>

Na festa de *Pessach*, para os messiânicos e cristãos, há três pontos importantes para todo aquele que acredita no *Mashiach*, em uma forma análoga de ver os fatos. Marcelo Guimarães relata:

- Primeiro, é necessário passar o sangue do cordeiro nos umbrais e nas vergas das portas de nossas casas, onde o cordeiro assado será comido (Êx 12.7). Para nós crentes, isso significa “nascer de novo”, recebendo o perdão pelo sangue do Cordeiro, vertido na cruz do calvário para remissão dos nossos pecados (Rm 5.8-9). O comer o cordeiro significa tê-lo dentro de nós, habitando em nós (I Cor 2.6);
- Segundo, é necessário sair do “Egito”, que representa o sistema do mundo. É necessário não só sair dele, mas ser liberto dele. Assim a festa da

<sup>264</sup> SITTEMA, 2010, p. 38.

<sup>265</sup> SITTEMA, 2010, p. 38-39.

<sup>266</sup> SERRANO, 1998, p. 54.

Páscoa tem como tema básico o Messias, nosso Cordeiro que liberta; o Cordeiro de D'us que tira o pecado do mundo, do nosso coração (Jo 1.29); - Terceiro, celebrando a Festa da Páscoa, o Senhor passa estabelecendo juízo aos deuses (demônios) locais (Êx 12.12). Em resumo, ao celebrarmos a Festa da Páscoa, tomamos consciência do novo nascimento em *Yeshua*, da libertação das coisas do mundo e da escravidão do pecado.<sup>267</sup>

Os judeus tradicionais creem que os quatro verbos referidos na *Torá* para descrever a saída do Egito (Êx 6.6-7) são representados pelo cálice que é cheio com vinho por quatro vezes e bebidos, se enche uma quinta vez, mas não é bebido, como já vimos. No entanto, os judeus messiânicos e alguns cristãos acreditam em uma simbologia de uma forma tipológica mais abrangente. Observamos:

- ✓ O primeiro cálice, chamado de cálice da santificação, estimula as recordações de que através do sangue de *Yeshua*, nosso Cordeiro de *Pessach*, nossos pecados foram lavados. “Ainda que vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve” (Is 1.18);
- ✓ O segundo cálice é o cálice da libertação. Por meio do sangue de *Yeshua*, não somos simplesmente perdoados. Na *B'rit Hadashah* (NT) diz: “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós, porque está escrito: maldito todo aquele que for pendurado no madeiro” (Gl 3.13);
- ✓ O terceiro cálice, o cálice da redenção. A palavra “remido” tem por significado ser visto. Por meio do sangue de *Yeshua*, estamos vistos outra vez, literalmente, como filhos das promessas e das alianças de *D'us*. “Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que, por tradição, recebeste dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado” (1 Pe 1.18-19);
- ✓ O quarto cálice, o cálice da consumação, o cálice do ato final do *Sêder*. É o cálice sobre o qual *Yeshua* disse: “não beberei mais do fruto da videira, até que venha o reino de Deus” (Lc 22.18);
- ✓ E o quinto cálice, o cálice de Elias, que por tradição se espera este profeta como anunciante da chegada do *Mashiach*.<sup>268</sup>

Dentre todos os elementos referidos em *Pessach* pode-se dizer daqueles que levam uma importância e uma abrangência maior, por serem mais análogos à visão dos relatos da última ceia do *Mashiach*. Estes são, segundo descrição de Marcelo Guimarães:

- O “pão sem levedo”, ou “*matzá*”, sobre a mesa da última Ceia da Páscoa do Messias, foi declarada pelo Senhor *Yeshua* para representar “*Meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim*” (Lc 22.19).

<sup>267</sup> GUIMARÃES, 2007, p. 69-71.

<sup>268</sup> HUCH, Larry. *A Bênção da Torá: revelando o mistério, revelando o milagre*. Belo Horizonte: Bello Publicações, 2010. p. 154-170.

- O cordeiro sem mancha, o qual se tornou “o sacrifício da Páscoa do Senhor”, tipifica o *Messias, nosso Cordeiro Pascal, sacrificado por nós* (I Cor 5.7; 15.3).
- “O cálice”, mencionado nos Evangelhos sinóticos, não foi introduzido nos elementos originais das ordenanças da Páscoa, fixado em Êxodo 12, mas foi instituído pelos judeus após o exílio babilônico. O “vinho” ou “o fruto da vinha” era bebida costumeira nos tempos do Velho Testamento. *Yeshua* levantou o “cálice”, fazendo disso um memorial do Seu “puro” sangue da Nova Aliança que é dado por vós (Lc 22.20).
- Ervas amargas, comendo-as, lembramo-nos das amarguras da vida sem *D’us* e sem *Yeshua*, quando éramos escravizados pela natureza do pecado que habitava e nós.<sup>269</sup>

O cordeiro de *Pessach* apresentava um aspecto escatológico acentuado. O seu sacrifício não era somente para o êxodo, mas por todos os anos. *D’us*, discorrendo por intermédio de Moisés, trouxe entre as ordenanças uma lei em que um cordeiro de *Pessach* a cada ano fosse selecionado, sacrificado e consumido (Êx 12.14) em cada seio familiar. Portanto, as famílias meditariam, retrospectivamente, na sua libertação. Este ato, por sua vez, falava prospectivamente de uma total libertação, surgida pela morte sacrificial do *Cordeiro de Pessach* (*Yeshua Ha Mashiach*) e, uma vez exercida na história, originaria redenção conclusa, não sendo mais necessário qualquer novo derramamento de sangue do cordeiro pascal.

O episódio do êxodo constituiu uma introdução à ampla obra messiânica a ser desempenhada pelo enviado e ministrante Filho de *D’us*. Ele não significou o episódio independente e exclusivo, todavia foi artifício do plano de *D’us* do pacto de redenção de seus servos, os judeus que por ocasião dispunham o ambiente em que o *Yeshua Ha Mashiach* desempenharia sua obra redentora, restauradora e consumadora nos tempos vindouros. Este foi o *Pessach*.<sup>270</sup>

### 3.4 O *Pessach* celebrando o *Mashiach* e conservando o judaísmo

A Igreja primitiva era composta por judeus e gentios crentes em *Yeshua*, ambos celebravam as festas bíblicas até o século IV. No entanto, uma norma religiosa criada por Roma vetou qualquer tipo de união com Israel e com os costumes judaicos, quer fossem bíblicos ou não.<sup>271</sup> No início do século IV, um relevante evento ocorre: a separação entre Igreja e Israel. Conforme o compêndio de Marcelo Guimarães:

<sup>269</sup> GUIMARÃES, 2011, p. 74-75.

<sup>270</sup> GRONINGEN, 2003, p. 217-219.

<sup>271</sup> GUIMARÃES, 2007, p. 38.

No ano 306 d.C., o imperador Constantino tornou-se o primeiro imperador cristão, influenciado por sua mãe, que havia se convertido ao cristianismo. [...] Constantino declarou o cristianismo como religião oficial do império romano, assinalando, assim, o fim da perseguição aos cristãos. Mas por outro lado iniciou-a perseguição aos judeus. [...] O Édito de Milão, em 313 d.C., colocava fora da lei as sinagogas. Logo após, outro édito permitia que os judeus fossem queimados caso não cumprissem as leis romanas. [...] Logo depois, era publicado o concílio de Nicéia, que ditava o credo cristão e, dentre outros pontos, endossava a substituição de Israel pela Igreja e o estabelecimento de Roma como o centro da Igreja, desvinculando-se, de uma vez por todas de Jerusalém. [...] O terrível Marcião (um dos pais da Igreja Cristã), era um antissemita declarado, e pregava que qualquer cristão que utilizasse algum símbolo judaico seria considerado cúmplice da morte do Messias junto com os judeus. [...] No final do século IV, o Bispo de Antioquia, Crisóstomo (344-407), escreveu uma série de oito sermões contra o povo judeu. Ele tinha visto cristãos orando como judeus e observando as Festas Bíblicas judaicas.<sup>272</sup>

Depois que o cristianismo se tornou religião oficial de Roma, entre os séculos IV e V, tornou-se impossível manifestar publicamente uma identidade a um tempo judaica e messiânica. O judeu que quisesse aceitar o *Mashiach* era obrigado a abandonar seu povo e seus costumes para ingressar na Igreja.<sup>273</sup> Na permanência ao assunto, David H. Stern relata que estes judeus messiânicos tinham que assinar uma confissão chamada *Profissão de Fé da Igreja de Constantinopla*:

Renuncio a todos os costumes. Ritos, legalismos, pão ázimo e sacrifícios de cordeiros dos hebreus e a todas as demais celebrações hebraicas, sacrifícios, preces, aspersões, purificações, santificações e propiciações de jejuns, luas novas e *Sabbaths* e superstições, hinos e cantos, observâncias e sinagogas e aos alimentos e bebidas dos hebreus. Numa palavra, renuncio absolutamente a tudo o que é judaico, a todas as leis, ritos e costumes... e se mais tarde quiser renegar e voltar à superstição judaica, ou for surpreendido fazendo uma refeição com os judeus, ou celebrando suas festas, ou conversando secretamente e condenando a religião cristã em vez de rejeitá-la abertamente e condenar sua fé vazia, que o tremor de Caim e a lepra de Gehazi se apoderem de mim, assim como os castigos legais a que me reconheço sujeito e que eu seja anátema no mundo que há de vir e que satanás e os demônios se apoderem de minha alma.<sup>274</sup>

Em ressalva, o judaísmo messiânico não é um movimento totalmente novo, mas pode-se dizer que é a ressurreição de um movimento muito remoto. A identificação apresentada sob o termo *judaísmo messiânico* era a mesma dos apóstolos e da comunidade de seguidores judeus no primeiro e segundo séculos, chamados de *judeus do caminho*. O judaísmo messiânico é acatado por seus adeptos como a mais recente fase no acréscimo histórico do legítimo judaísmo

<sup>272</sup> GUIMARÃES, Marcelo. *Temas Judaico-Messiânicos*. Belo Horizonte: Ministério Ensinando de São/AMES, 2005. p. 24-25.

<sup>273</sup> STERN, David H. *Manifesto Judeu Messiânico*. 2. ed. Israel: Louva-a-Deus, 5748. p. 59.

<sup>274</sup> STERN, 5748, p. 59.



bíblico. Considerando a religião dos patriarcas, juízes, reis e profetas, cumprida pela vinda de *Yeshua Ha Mashiach*.<sup>275</sup>

Do século V ao XVIII, os judeus messiânicos não encontraram espaço na Igreja e nem na comunidade judaica, para o desejo de conservar a dupla identidade. Um judeu que tivesse a intenção de reverenciar *Yeshua* deveria encerrar os contatos com seu povo e se tornar membro da igreja dominada pelos gentios. Nessa época, a Igreja e a comunidade judaica registraram as suas histórias. Contudo, a história do judaísmo messiânico deixa de ser comunal, tornando-se as histórias individuais de crentes judeus em relacionamento com as comunidades judaica, cristã e secular. Com o passar do tempo, houve um reavivamento do judaísmo messiânico, a partir do século XVIII em forma de ideia e no XIX como o início do movimento.<sup>276</sup>

Joseph Rabinowitz estabeleceu a primeira Sinagoga Messiânica conhecida dos tempos modernos em Kischineff, Rússia, 1882. Foi chamada Sinagoga da Congregação de Israelitas do Novo Concerto. Imagine uma sinagoga onde o rabino, anciãos e toda a congregação praticam os ensinamentos das Escrituras Hebraicas e o Novo Testamento. Esta é uma congregação Judaica Messiânica.<sup>277</sup>

Por conseguinte, quanto às principais liturgias judaicas para os eventos do ciclo vital deste povo, possui sua representatividade na ortodoxia, muito esforço tem sido empregado para tornar própria aos messiânicos, no entanto, sem muito sucesso de conquista ou aprovação geral da comunidade judaica messiânica como um todo. Há algumas sugestões para elaborações de tais liturgias, na versão judaica messiânica, que deveria consistir da versão ortodoxa com os devidos acréscimos e subtrações. Estes acréscimos mencionarão os aspectos messiânicos da fé na composição das orações, leituras, cantos e comentários apresentados. Tais acréscimos poderiam ser citações da *B'rit Hadashah* (NT), afirmações de verdades teológicas neotestamentárias, ou expressões de unidade com *o corpo do Mashiach*. No caso das subtrações seriam palavras, frases, orações inconsistentes com a fé

---

<sup>275</sup> CONGREGAÇÃO Judaica Messiânica Beit Mashaich. *O que é o Judaísmo Messiânico?* Disponível em: <<http://www.beitmashiach.org.br/judaismo/judaismo.html>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

<sup>276</sup> STERN, 5748, p. 74-75.

<sup>277</sup> CONGREGAÇÃO Judaica Messiânica Beit Mashaich, 11 nov. 2012.

messiânica ou até irrelevantes para tal posição. Os fatos nos trazem interrogações: quem utilizará a liturgia judaica messiânica? Há demanda para ela?<sup>278</sup>

### 3.5 A celebração de *Pessach* entre judeus messiânicos da atualidade

Esta etapa da pesquisa bibliográfica trata da celebração de *Pessach* entre os judeus messiânicos na atualidade. Citamos o exemplo da *Congregação Judaico-Messiânica Har Tzion* em Belo Horizonte-MG, relatado no livro: *A Pessoa do Messias nas Festas Bíblicas*. Como dito pelos judeus messiânicos da *Har Tzion*, pode-se celebrar o *Pessach* seguindo a tradição judaica da *Hagadá*, ajustado é claro à pessoa do *Mashiach* e terminando com a Santa Ceia, igual fizeram *Yeshua* e os *talmidim* (תלמידים). É desta forma que a comunidade procede. Portanto, é justificada esta ação junto à parte do tradicionalismo, pois, como judeus, têm tal direito de celebração, visto que o judeu, quando se converte a *Yeshua Ha Mashiach*, não deixa de ser judeu e, segundo indicações paulinas, pode conservar as tradições.<sup>279</sup> Segundo indicação do rabino Marcelo Guimarães:

Então devemos celebrá-las num contexto messiânico, ou seja, como *Yeshua* e, com certeza os apóstolos faziam: preparavam uma mesa com elementos básicos: vinho (ou mosto), pão sem fermento, ervas amargas, cordeiro assado e outros alimentos, pois era uma ceia. Entendemos que há liberdade para que os crentes celebrem entre os familiares, ou reunindo mais de uma família (Êx 12.4), ou reunindo toda a igreja.<sup>280</sup>

Para a *Congregação Judaico-Messiânica Har Tzion*, o *Pessach* é uma festa familiar (da Igreja, e todo corpo do *Mashiach* da cidade), porquanto todos os presentes à mesa dão graças a *D'us* pelo novo nascimento, pela libertação, sobretudo pela salvação e vida eterna que há em *Yeshua*. A mesa é idêntica à mesa do *Sêder* judaico, de tal modo se dá ênfase aos elementos bíblicos, centralizando-os na pessoa do *Mashiach*. É crido pela *Har Tzion* que *Yeshua*, como judeu, tenha celebrado toda cerimônia de *Pessach* conforme a tradição judaica, ressignificando alguns elementos do *Sêder*.<sup>281</sup> As respectivas bênçãos recitadas para os principais elementos durante a celebração na *Congregação Har Tzion* são as mesmas usadas da *Hagadá*, porém com algumas adaptações para os judeus messiânicos:

<sup>278</sup> STERN, 5748, p. 157-158.

<sup>279</sup> GUIMARÃES, 2007, p. 60.

<sup>280</sup> GUIMARÃES, 2007, p. 61.

<sup>281</sup> GUIMARÃES, 2007, p. 62.

- Bênção do Vinho: *Baruch Atá Adonai Eloheino mélech haolam, nborê pri hagáfen. Amên.* Os messiânicos acrescentam: *B'shem Yeshua há Mashíach.* Bendito seja nosso *D'us*, rei do Universo, que criou o fruto da vide. Em nome do Messias, *Yeshua.* Amém.
- Bênção do Pão: *Baruch Atá Adonai Eloheino mélech haolam, hamotzí lechem min haáretz, B'shem Yeshua há Mashíach. Amên.* Bendito seja nosso *D'us*, rei do Universo, que fez surgir o pão da terra. Em nome do Messias, *Yeshua.* Amém.
- Bênção das ervas amargas: *Baruch Atá Adonai Eloheino mélech haolam, Ashêr kideshânu bemitzotáv vetzivânu al-nehilat marêr.* Bendito seja nosso *D'us*, rei do Universo, que nos santificou por seus preceitos e nos ordenou comer ervas amargas.<sup>282</sup>

Nas congregações administradas pela *Har Tzion*, todos são convidados a orar e jejuar anteriormente a festa, como fazem os primogênitos dos judeus tradicionais. É feita uma grande festa, os grupos de louvores e de dança organizam com muito esmero e cuidado todas as músicas. Os movimentos das danças são procurados com muita oração e direção do *Ruah Kodesh* (רוח הקודש) (Espírito Santo), para que não haja carnalidade nas apresentações, pois a visão é tomar posse das heranças espirituais. Todos os passos da cerimônia são efetuados com muito temor e amor, pois, afinal, presta-se culto de ação de graças a *D'us*. Os diáconos preparam os elementos da grande Santa Ceia e as irmãs preparam os elementos do *Sêder* com dedicação e apreço, pois, pelo fato de estar comendo em comunidade, celebra-se a *Adonai*.<sup>283</sup>

Em Pessach, a *Congregação Judaico-Messiânica Har Tzion* reivindica a libertação do povo da cidade, profetizando contra os demônios locais da violência, pobreza, miséria, corrupção e outros. “Aqueles que a nós se ajuntam, ao invés de condenar e julgar nossas festas, são testemunhas oculares daquilo que o Espírito tem dito às Igrejas”.<sup>284</sup> “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz as Igrejas” (Ap 2.29). Há uma ação importante destes judeus messiânicos, que estão dando os primeiros passos para a existência de uma Igreja santa e unida. Testemunhando o nome de *Yeshua*.<sup>285</sup>

Depois de o rabino explicar todos os elementos, tipificando e ressaltando a pessoa de *Yeshua* em todo o cerimonial, os participantes destas congregações, ao

<sup>282</sup> GUIMARÃES, 2007, p. 62.

<sup>283</sup> GUIMARÃES, 2007, p. 63.

<sup>284</sup> GUIMARÃES, 2007, p. 65.

<sup>285</sup> GUIMARÃES, 2007, p. 65.

degustar do *Sêder*, finalizam com a Santa Ceia e rematam a celebração da festa de *Pessach*, proclamando e declarando juntos que somente em *Yeshua Ha Mashiach*:

- Passamos das trevas para a luz que há no *Mashiach*;
- Largamos a vida de escravidão na qual vivíamos em pecado e passamos a viver uma vida de liberdade e gozo;
- Libertamo-nos das doenças e das enfermidades para tomarmos posse da cura;
- Deixamos as doutrinas e as religiões do mundo e experimentamos a ressurreição;
- Saímos da morte eterna para a vida eterna;
- Saímos do deserto (miséria e pobreza), vencendo Faraó, que tipifica o diabo, para uma vida de abundância e riqueza da terra de Canaã;
- Deixamos a nossa casa (nosso corpo, nossa mente e coração), que era suja e contaminada pelo fermento deste mundo, para assumirmos os asmos da pureza do Novo Nascimento em *Yeshua*;
- Invocamos que o sangue do cordeiro seja passado sobre as portas de nossas almas: audição, visão, olfato, tato e paladar;
- Passamos de nossa ignorância para a sabedoria e para o conhecimento divino que há em *Yeshua*;
- Trocamos o fermento da maldade e malícia pelo asmos da sinceridade e da verdade;
- Declaramos que a nossa vida está no sangue do cordeiro, que traz a vida de *D'us* sobre nós;
- Trocamos nossas lágrimas da tristeza e vida em pecado, pelas lágrimas de alegria e de vida em plena liberdade;
- Trocamos as ervas amarga pela doçura e consolações dada a nós, todos os dias, pelo Espírito Santo;
- Trocamos o antigo trabalho penoso e pesado pela graça de *D'us*, que nos dá enquanto dormimos;
- Trocamos um cordeiro morto por um cordeiro vivo, que nos alimenta diária e eternamente;
- Trocamos a maldição que havia em nossos filhos por bênçãos que duram até mil gerações;
- Trocamos o sistema religioso que escraviza o homem pela palavra viva, que nos qualifica como discípulos e servos de *Yeshua*;
- Na festa de *Pessach*, a igreja agradece a *D'us* pela passagem do estado da maldição, pelo não cumprimento da lei, para o estado da fé e da graça;
- Trocamos a condenação eterna pela vida eterna de vitória que há em *Yeshua Ha Mashiach*, nosso príncipe da paz, rei dos reis, o cordeiro pascal.<sup>286</sup>

Como visto, o celebrar de *Pessach* é um ato profético que caminha pelo tempo há mais de trinta e cinco séculos, pois o *Sêder* marca o início de uma nação livre. *Yeshua Ha Mashiach*, durante a celebração de *Pessach*, instituiu a Santa Ceia. Ambas as leituras são situações distintas, porém análogas. De tal modo, *Yeshua* não anulou o *Pessach*, pelo contrário, deu uma ressignificação e uma simbologia real a ele. O princípio de *Pessach* da *B'rit Hadashah* (Nova Aliança) no sangue do *Mashiach* tornou-se a Santa Ceia, como o apóstolo Paulo escreveu aos Coríntios. Na tipologia, como já visto, podemos observar o início e o final de toda a

<sup>286</sup> GUIMARÃES, 2007, p. 65-66.

ressignificação do cerimonial, que o cordeiro de *Pessach* dos judeus era o tipo de “Cordeiro de *D’us* que tira os pecados do mundo” (Jo 1.29). Tanto a Santa Ceia quanto o *Pessach* da *B’rit Hadashah* (Nova Aliança) no sangue do *Mashiach* trazem-nos para a *koinonia* (κοινωνία) (comunhão), como partes do corpo dos crentes, com a presença espiritual do próprio *Mashiach* (I Cor 10.16-17), e, lembrando que todos os acontecimentos da *Tanakh* (AT) eram sombras daquilo que se tornaria real na *B’rit Hadashah* (NT), na pessoa de *Yeshua há Mashiach*.<sup>287</sup>

---

<sup>287</sup> GUIMARÃES, 2007, p. 49-57.

## CONCLUSÃO

O discorrer desta pesquisa demonstra que a libertação contínua se dá através do cordeiro pascal, fator basilar do tema “*O Pessach ontem e hoje*” e tem suas ressignificações em um contexto histórico e profético. O que aparentava pressuposição foi comprovado pela investigação bibliográfica, proporcionando novas ressignificações sobre a realidade já conhecida da história de *Pessach*, em seu contexto geral.

Dentre as importantes alusões, a introdutória que dá a origem à celebração e se ocupa no empréstimo da antiga crença dos ritos nômades e, envolvidos por uma celebração simples que não estava ligado a nenhum local santo, da mesma forma não era celebrado por nenhum sacerdote, em nenhum altar, mas, por anciões do clã. No entanto, havia importância do rito de sangue, que tinha significado apotropeico, que afastava a adversidade e prestava a proteção às pessoas e aos animais diante do demônio do deserto, ocupado por *D'us* para rememorar sua ação salvífica a favor do povo hebreu.

De tal forma, entende-se também o assunto centrado nas reinterpretações que, tendo uma combinação entre a décima praga e o *Pessach*, partindo desta união, estão expostos às mudanças de métodos nos ritos antigos, da festa de pastores, tornando-se históricos – segundo os capítulos 11 e 12 do livro de Êxodo.

Com a transformação de *Pessach* no ambiente familiar das aldeias, focou-se o santuário central como o ponto da celebração, recebendo em si um sentido mais teológico ao ser associado ao Templo. O rito de sangue continuou; entretanto, o cordeiro deixou de ser imolado pelo chefe do clã, e esse ato passou a ser realizado pelo sacerdote, e o sangue já não era usado para untar as portas das casas, mas era derramado sobre o altar. No decorrer do tempo, o *Pessach* recebeu diferentes leituras e atributos práticos no seu ritual, que são observados ao longo da história.

Os atributos para as interpretações de *Pessach* são caracterizados em uma disposição comum, visando reunir fatos e relatos para investigação do assunto. O calendário judaico é um destes atributos de maior importância à tradição na sua organização. Uma maior compreensão sobre datas se dá em conhecer sua estrutura, seus ajustes e sua permanência histórica. Portanto, é deste modo que se

observa a acuidade e preocupação na definição das datas festivas como uma lei de *D'us*, pois as festas são temas apropriados para a vida religiosa, sendo um memorial das épocas benignas na história do povo judeu. O *Pessach*, o fato central da *Torá* é taxado como o memorial da festa e do culto bíblico, nisto o povo de *D'us* tem a missão de conservar a tradição, ou seja, perpetrar memorial, comunicando e rememorando as obras de *D'us*. A *Hagadá*, outro atributo de acuidade mútua, sendo uma obra litúrgica dentre as mais antigas e significativas para o judaísmo, na qual caracteriza e organiza o *Sêder* de *Pessach*, servindo de transporte aos contos ocorridos e as pretensões do porvir, sendo mais que organização, para uma reunião familiar festiva, uma vivência histórica judaica que atravessa o tempo e traz em cada ano uma mensagem intrínseca.

A celebração de *Pessach* é um ato profético que percorre o tempo há mais de trinta e cinco séculos, tendo o *Sêder* como marco do início de uma nação livre. Durante a celebração de *Pessach*, *Yeshua Ha Mashiach* instituiu a Santa Ceia. Estas leituras apresentam situações distintas, entretanto análogas. Portanto, o *Pessach* não foi anulado por *Yeshua*, pelo contrário, deu uma ressignificação e uma simbologia autêntica a ele. Na visão tipológica podemos observar o início e o fim de toda ressignificação do cerimonial, que o cordeiro de *Pessach* dos judeus nada mais era do que o “Cordeiro de *D'us* que tira os pecados do mundo” (Jo 1.29). Tanto o *Pessach* da *B'rit Hadashah* (Nova Aliança) no sangue do *Mashiach* quanto a Santa Ceia trazem-nos para a comunhão, como partes do corpo dos crentes, com a presença espiritual do próprio *Mashiach*. Observando todos os episódios da *Tanakh* (AT), relacionados ao assunto, podemos dizer que eram sombras daquilo que se tornaria real na *B'rit Hadashah* (NT) na pessoa do *Mashiach*.

O *Pessach* tem a sua origem, sua base e sua celebração e, apesar das ressignificações, não perdeu força, nem mesmo para os judeus tradicionais, que continuam na certeza do cumprimento da lei ordenada por *D'us* como memorial de seus feitos. Não obstante, os judeus messiânicos conduzem esta celebração com a centralidade no *Mashiach* ressurreto. Portanto, por ambos os grupos terem crenças particulares, não declaram apresentar desagradados em sua religiosidade.

Os judeus messiânicos em data referida ao século V ao XVIII, época em que a Igreja e a comunidade judaica registraram as suas histórias, não encontraram espaço na Igreja e nem na comunidade judaica, para o desejo de conservar a dupla

identidade. Contudo, a história do judaísmo messiânico deixa de ser comunal, tornando-se as histórias individuais de crentes judeus em relacionamento com as comunidades judaica, cristã e secular. Desta forma, a liturgia judaico-messiânica para as celebrações possui sua representatividade na ortodoxia. Muito esforço tem sido empregado para tornar própria aos messiânicos, no entanto, sem muito sucesso de conquista ou aprovação geral de mercado. Há sugestões para elaborações de tais liturgias, na versão judaico-messiânica, que deveria consistir da versão ortodoxa com os devidos acréscimos e subtrações. Estes acréscimos mencionarão os aspectos messiânicos da fé na composição das orações, leituras, cantos e comentários apresentados. No caso das subtrações, seriam palavras, frases, orações inconsistentes com a fé messiânica ou até irrelevantes para tal posição. O mercado atual já começa um pequeno investimento e produção de tais materiais em uma proporção particular para pequenos grupos messiânicos. Mesmo sem um material próprio, não deixa de se celebrar o *Pessach*. Suas adaptações e improvisos não tiram o foco do rito.

De um determinado aspecto histórico, o *Pessach* é um testemunho valioso de como nem o tempo e nem as circunstâncias pode apagar uma tradição de um povo, que buscou por necessidades atualizar conceitos teológicos e empíricos diante da questão de sobrevivência no ambiente que cursou a história. Este, por si, é um testemunho profético, que continua se cumprindo no tempo.

A partir desta pesquisa bibliográfica, incita-se a uma contínua aspiração de novas pesquisas, apresentando evidências que abrem a possibilidade de compreensão de outros temas, relacionados com “*O Pessach ontem e hoje*”. É possível o relacionamento de ambos, como também o uso da analogia tipológica para o cordeiro pascal *versus* o cordeiro profético, sem perder a essência dos significados.

Na correlação e aproximação literária do *Pessach* judaico com a Páscoa cristã, há probabilidade de investigações nas áreas afins, usando novas metodologias na análise das reinterpretações e ressignificações, das liturgias e dos rituais determinadas por ambas as tradições.

Estas reflexões almejam representar, ainda que discretamente, uma contribuição aos interessados em investigar muitos pormenores de forma



esclarecedora dos conceitos nela propagada, independente do posicionamento doutrinário ou ideológico.

## REFERÊNCIAS

- 613 MANDAMENTOS. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/613\\_mandamentos](http://pt.wikipedia.org/wiki/613_mandamentos)>. Acesso em: 29 set. 2012.
- 613 MIZVOT. Disponível em: <[http://pt-br.judaismo.wikia.com/wiki/613\\_mitzvot](http://pt-br.judaismo.wikia.com/wiki/613_mitzvot)>. Acesso em: 29 set. 2012.
- A HAGADÁ. Disponível em: <<http://www.chazit.com/cybersio/fjem/hagada.html>> Acesso em: 03 out. 2012.
- ANJOS, Cesar dos. *As Festas Bíblicas e a Liturgia Judaica*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/57009588/As-Festas-Biblicas-e-a-Liturgia-Judaica>>. Acesso em: 23 set. 2012.
- APISDORF, Shimon. *Pessach: uma introdução da Hagadá: Por que lemos a Hagadá?* Disponível em: <[http://www.aishbrasil.com.br/new/artigo\\_pessach.asp](http://www.aishbrasil.com.br/new/artigo_pessach.asp)>. Acesso em: 03 out. 2012.
- AQUINO, João Paulo Thomaz de. *Por que Josias morreu?* Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/Fides\\_Reformata/05\\_Porqu eJosiasMorreu.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/Fides_Reformata/05_Porqu eJosiasMorreu.pdf)> Acesso em: 10 ago. 2012.
- ARCHER, Gleason L. *Merece confiança o Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1979.
- AVRIL, Anne Catherine; MAISONNEUVE, Dominique de La. *As Festas Judaicas*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1997.
- B'MIDBAR (Números). In: *BÍBLIA JUDAICA COMPLETA: a Tanakh [AT] e a B'rit Hadashah [NT]*. São Paulo: Vida, 2010.
- BAHBOUT, Elie. *Hagadá de Pessach: com leis e comentários*. São Paulo: Sêfer, 2010.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BLECH, Benjamin. *O mais completo guia sobre Judaísmo*. São Paulo: Sêfer, 2004.
- BOWKER, John. *O Livro de Ouro das Religiões*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- BROD, Menachem M. *Os dias do Mashiach*. Israel: Chabad, 2007.
- BUNIM, Irving M. *A ética do Sinai: ensinamento dos Sábios da Talmud*. 4. ed. São Paulo: Sêfer, 1998.
- CALENDÁRIO Gregoriano. Disponível em: <[http://www.kairos.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=152:calendario-gregoriano&catid=40:estudos-biblicos&Itemid=184](http://www.kairos.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=152:calendario-gregoriano&catid=40:estudos-biblicos&Itemid=184)>. Acesso em: 03 nov. 2012.

CALENDÁRIO. Disponível em: <  
<http://www.catedralortodoxa.com.br/Main.asp?Mn=6>>. Acesso em: 06 nov. 2012.

CANTALAMESSA, Raniero. *O Mistério da Páscoa*. São Paulo: Santuário, 1993.

CARVALHO, Leandro. *História do Calendário*. Disponível em:  
 <<http://www.escolakids.com/historia-do-calendario.htm>>. Acesso em: 03 nov. 2012.

CERFAUX, Lucien. *Jesus nas origens da tradição*. São Paulo: Paulinas, 1972.

CIVITA, Victor (Ed.). *As grandes religiões da humanidade*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1.

\_\_\_\_\_. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2.

COLE, Alan. *Êxodo: introdução e comentário*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1981.

COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Minas Gerais: Betânia, 1991.

COLOSSENSES. In: *BÍBLIA JUDAICA COMPLETA: a Tanakh [AT] e a B'rit Hadashah [NT]*. São Paulo: Vida, 2010.

CONGREGAÇÃO Judaica Messiânica Beit Mashaich. *O que é o Judaísmo Messiânico?* Disponível em:  
 <<http://www.beitmashiach.org.br/judaismo/judaismo.html>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

CORREIA, Iran Carlos Stalliviere. *Calendários Judaicos*. Disponível em:  
 <[http://www.ufrgs.br/museudetopografia/Artigos/CALEND%C3%81RIOS\\_JUDAICOS\\_3.pdf](http://www.ufrgs.br/museudetopografia/Artigos/CALEND%C3%81RIOS_JUDAICOS_3.pdf)>. Acesso em: 23 de set. 2012.

D'VARIM (Deuteronômio). In: *BÍBLIA JUDAICA COMPLETA: a Tanakh [AT] e a B'rit Hadashah [NT]*. São Paulo: Vida, 2010.

DEUTERONÔMIO. In: *BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

DICHI, Isaac. *Pêssach e suas Leis*. São Paulo: Congregação Mekor Haim, 1994.

DIESENDRUCK, Menahem. *Sermões*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

EMNCIA, S. *Sobre o cálculo da data da celebração da Páscoa*. Disponível em:  
 <[http://www.ecclesia.com.br/arquidiocese/homilias\\_mensagens/sobre\\_o\\_calculo\\_da\\_data\\_da\\_pascoa.html](http://www.ecclesia.com.br/arquidiocese/homilias_mensagens/sobre_o_calculo_da_data_da_pascoa.html)>. Acesso em: 06 nov. 2012.

FAOUR, Daniel M. *O ciclo do Ano Judaico*. Israel: H.R. Gráfica e Editora, Elul 5766.

\_\_\_\_\_. *O ciclo do Ano Judaico*. 2. ed. São Paulo: Prol, Tishrê 5770.

- FINE, Doreen. *O que sabemos sobre o Judaísmo?* 3. ed. São Paulo: Callis, 1998.
- FLUSSER, David. *O Judaísmo e as origens do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. v. 2.
- FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- FRIDLIN, Jairo. *Hagadá de Pêssach*. 12. ed. Rio de Janeiro: Sêfer, 2011.
- GAARDER, Jostein et al. *O livro das Religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GARTENHAUS, Jacob. *Apresentando o Messias: para o que era Seu*. 3. ed. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 2002.
- GERD, Theissen; MERZ, Annette. *O Jesus Histórico*. São Paulo: Loyola, 2002.
- GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Teológica, 2002.
- GORODOVITS, David. *Na espiral do tempo: uma viagem pelo calendário judaico*. São Paulo: Sêfer, 2008.
- GOWER, Ralph. *Usos e costumes dos tempos bíblicos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.
- GRONINGEN, Gerard Van. *Revelação Messiânica no Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Cultura, 2003.
- GUIMARÃES, Marcelo M. *A Torá: Bemibbar, No Deserto, Números*. 3. ed. Belo Horizonte: Ministério Ensinando de Sião/AMES, 2006. v. 4.
- \_\_\_\_\_. *A Torá: Bereshit, No Princípio, Gênesis*. 3. ed. Belo Horizonte: Ministério Ensinando de Sião/AMES, 2009. v. 1.
- \_\_\_\_\_. *A Torá: Devarim, Palavras, Deuteronômio*. Belo Horizonte: Ministério Ensinando de Sião/AMES, 2008. v. 5.
- \_\_\_\_\_. *A Torá: Shemôt, Nomes, Êxodo*. 2. ed. Belo Horizonte: Ministério Ensinando de Sião/AMES, 2011. v. 2.
- \_\_\_\_\_. *A Torá: Vaycrá, E Ele Chamou, Levítico*. 2. ed. Belo Horizonte: Ministério Ensinando de Sião/AMES, 2010. v. 3.
- \_\_\_\_\_. *Restaurando Doutrinas da Igreja do Primeiro Século: manual para formar discípulos*. 2. ed. Belo Horizonte: Ministério Ensinando de Sião, AMES, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Temas Judaico-Messiânicos*. Belo Horizonte: Ministério Ensinando de Sião/AMES, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Trazendo a Igreja de volta às Raízes Bíblicas e Judaicas*. 3. ed. Belo Horizonte: Ministério Ensinando de Sião/AMES, 2005.

HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HOFF, Paul. *O Pentateuco*. São Paulo: Vida, 1983.

HUCH, Larry. *A Benção da Torá: revelando o mistério, revelando o milagre*. Belo Horizonte: Bello Publicações, 2010.

JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário*. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2010.

JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. 10. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

KALISHER, Meno. *Jesus no Antigo Testamento: a identidade do Messias*. Porto Alegre: Actual, 2010.

KAPLAN, Aryeh. *As Águas do Éden: o mistério do Micvê*. 2. ed. São Paulo: Maayanot, 2012.

KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. *Dicionário da Bíblia de Almeida*. Barueri: SBB, 2003.

LEDERMAN, Luciana Pajecki. *Pessach 5768*. Disponível em: <<http://www.shalom.org.br/culturajudaica/judaismo/texto5-seder.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2012.

LEE-MEDDI, Jeocaz. *Calendários da humanidade*. Disponível em: <<http://virtualiaomanifesto.blogspot.com.br/2007/12/calendrios-da-humanidade.html>>. Acesso em: 03 nov. 2012.

LINDSEY, Hal. *O Messias: esperança para o futuro*. Porto Alegre: Actual, 2007.

LUCAS. In: *BÍBLIA JUDAICA COMPLETA: a Tanakh [AT] e a B'rit Hadashah [NT]*. São Paulo: Vida, 2010.

MACKINTOSH, C. H. *Estudos sobre o Livro de Levíticos*. 2. ed. São Paulo: Depósito de Literatura Cristã, 2003.

MAGALHÃES, Marcelo. *Páscoa no Judaísmo e Cristianismo*. Belo Horizonte: Memorial, 2009.

MALANGA, Eliana Branco. *Bíblia Hebraica como obra aberta*. São Paulo: Humanitas, 2005.

MARCOS. In: *BÍBLIA JUDAICA COMPLETA: a Tanakh [AT] e a B'rit Hadashah [NT]*. São Paulo: Vida, 2010.

MATTITYAHU (Mateus). In: *BÍBLIA JUDAICA COMPLETA: a Tanakh [AT] e a B'rit Hadashah [NT]*. São Paulo: Vida, 2010.

MEYER, Mordko. *O Calendário Judaico*. Porto Alegre: Renascença, 1985.

MORENO, Mário. *O pão de Itzsach*. Disponível em: <<http://www.shemaysrael.com/festas-biblicas/pessach/1560-o-pao-de-itzsach.html>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

NICOLAEVSKY, Miguel. *Enciclopédia da Páscoa Judaico-Messiânica*. Israel: Charleston, 2012.

\_\_\_\_\_. *Pessach ou a Páscoa Judaica*. Disponível em: <<http://www.cafetorah.com/portal/Pessach>>. Acesso em: 05 out. 2012.

OLIVEIRA FILHO, Kepler de Souza. *Data da Páscoa*. Disponível em: <<http://astro.if.ufrgs.br/pascoa.htm>>. Acesso em: 06 nov. 2012.

RAVASI, Gianfranco. *Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 1985.

ROSA, Luiz da. *A Bíblia: 613 Mandamentos do Judaísmo*. Disponível em: <<http://www.abiblia.org/artigosview.asp?id=91>>. Acesso em: 29 set. 2012.

SALGADO, Elias. *A Hagadá: beleza e arte de uma narrativa através dos tempos*. Disponível em: <[http://www.shavei.org/other\\_languages/portugues/artigos-diversos/a-hagada-%E2%80%93-beleza-arte-de-uma-narrativa-atraves-dos-tempos/?lang=es](http://www.shavei.org/other_languages/portugues/artigos-diversos/a-hagada-%E2%80%93-beleza-arte-de-uma-narrativa-atraves-dos-tempos/?lang=es)>. Acesso em: 02 out. 2012.

SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

SCJ. *A Origem da Páscoa*. Disponível em: <<http://scj.org.br/site/a-origem-da-pascoa/>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

SERRANO, Vicente. *A Páscoa de Jesus em seu tempo e hoje*. São Paulo: Paulinas, 1998.

SH'MOT (Êxodo). In: *BÍBLIA JUDAICA COMPLETA: a Tanakh [AT] e a B'rit Hadashah [NT]*. São Paulo: Vida, 2010.

SIMMONS, Shraga. *Leis do Seder: um guia prático para a noite do Seder*. Disponível em: <[http://www.aishbrasil.com.br/new/artigo\\_leis.asp](http://www.aishbrasil.com.br/new/artigo_leis.asp)>. Acesso em: 03 out. 2012.

SIQUEIRA, Tércio Machado. *Estudos Bíblicos: Páscoa*. Disponível em: <<http://www.metodista.br/fateo/materiais-de-apoio/estudos-biblicos/pascoa>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

\_\_\_\_\_. *Estudos Bíblicos: um estudo sobre a origem da Páscoa*. Disponível em: <<http://www.metodista.br/fateo/materiais-de-apoio/estudos-biblicos/um-estudo-sobre-a-origem-da-pascoa>>. Acesso em: 09 ago. 2012.

SITTEMA, John. *Encontrei Jesus numa Festa em Israel*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

SKARSAUNE, Oskar. *À sombra do Templo: as influências do judaísmo no cristianismo primitivo*. São Paulo: Vida, 2004. p. 403-404.

STERN, David H. *Comentário Judaico do Novo Testamento*. São Paulo: Paulista, 2008.

\_\_\_\_\_. *Manifesto Judeu Messiânico*. 2. ed. Israel: Louva-a-Deus, 5748.

VALLE, Moshe David. *O Judaísmo e o Mashiach*. Disponível em: <<http://yerushalaim1967.blogspot.com.br/2008/11/hagad-de-pssach-e-os-judeus-messinicos.html>>. Acesso em: 06 nov. 2012.

VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

WALLY Paulo. *O Judaísmo e o Mashiach: a redenção profetizada no Sêder de Pêssach*. Disponível em: <<http://yerushalaim1967.blogspot.com.br/2008/11/redeno-profetizada-no-sder-de-pssach.html>>. Acesso em: 09 out. 2012.

WINKLER, Fredi. *As Festas Judaicas*. Porto Alegre: Actual, 2003.

YOCHANAN (João). In: *BÍBLIA JUDAICA COMPLETA: a Tanakh [AT] e a B'rit Hadashah [NT]*. São Paulo: Vida, 2010.

ZLOCHEVSKY, Huzeff. *Dicionário Básico: Português-Hebraico – Hebraico-Português*. 5. ed. São Paulo: Maayanot Associação Cultural e Beneficente, 2007.

## APÊNDICE: GLOSSÁRIO

*Adonai* (אֲדֹנָי) – Senhor.

*Ashkenazim* (אַשְׁכְּנַזִּים) – É o nome dado aos judeus provenientes da Europa Central e Europa Oriental (Polônia, Alemanha, etc.).

*B'rit Hadashah* (בְּרִית חֲדָשָׁה) – Nova Aliança, ou Novo Testamento.

*Ben* (בֶּן) – Filho.

*Bamidbár* (בְּמִדְבָּר) – No Deserto. Refere-se ao livro de Números.

*Bereshít* (בְּרֵאשִׁית) – No Princípio. Refere-se ao livro de Gênesis.

*Brachá* (בְּרָכָה) – Bênção.

*Cacher* (ou *Kashér*) (כָּשֵׁר) – Próprio. Os alimentos, de acordo com a *halachá* (lei judaica) são chamados de *kosher*, do termo hebraico *kashér*, que significa 'próprio' (neste caso, próprio para consumo pelos judeus, de acordo com a lei judaica).

*Caraítas* (קְרָאִים) – Seguidores das escrituras. São judeus seguidores do caraísmo, uma religião abraâmica que defende a crença única e absoluta em Deus e que sua revelação única foi dada através de Moisés na *Torá* (que não admite adições ou subtrações) e nos profetas da *Tanakh*. Confiam na providência divina e esperam a vinda do Messias e a ressurreição dos mortos.

*Chametz* (ou *Hametz*) (חָמֵץ) – Fermento.

*Chalot* (חָלוֹת) – Pão.

*Chumash* (חֻמָּשׁ) – Pentateuco.

*Cohanim* (כֹּהֲנִים) – Sacerdotes.

*Cohen* (כֹּהֵן) – Sacerdote.

*Drash* (דְּרָשׁ) – Interpretação. Descobrir o significado através da '*midrash*', por comparação das palavras e formas, também por ocorrências semelhantes em outros locais (modo hermenêutico).

*Devarim* (דְּבָרִים) – Palavras. Refere-se ao livro de Deuteronômio.

*Goy* (גּוֹי) – Gentio.



*Guemara* (גמרא) – Estudar ou aprender por tradição. É a parte do *Talmud* que contém os comentários e análises rabínicas da *Mishná*.

*Haftará* (הפטרה) – É um trecho de texto dos *Neviim* (Profetas) ou *Ketuvim* (Escritos) lidos nas sinagogas geralmente após a leitura da *Parashá*, de forma conclusiva.

*Hag* (ou *Chag*) (חג) – Festa.

*Iahweh* (ou *Javé*) (יהוה) – Deus, *D'us*.

*Kehilá* (קהילה) – Igreja.

*Koinonia* (κοινωνία) – Comunhão.

*Mashiach* (משיח) – Messias, Cristo, Consagrado.

*Mashhit* (משחית) – Exterminador.

*Matzah* (ou *Matsá*) (מצה) – Pão sem fermento ou pão ázimo (ou asmo).

*Matzôt* (ou *Massot*) (מצות) – Pães sem fermento ou pães ázimos (ou asmos).

*Midrash* (מדרש) – Estudo. É um método homilético da exegese bíblica. O termo também se refere à compilação integral dos ensinamentos homiléticos sobre a Bíblia. O *Midrash* é uma maneira de interpretar histórias bíblicas que vai além de simples destilação de ensinamento religioso, legal ou moral. Ele preenche muitas lacunas deixadas na narrativa bíblica sobre eventos e personalidades que são apenas insinuados.

*Mishná* (משנה) – Repetição. É uma das principais obras do judaísmo rabínico, e a primeira grande redação na forma escrita da tradição oral judaica, chamada a *Torá Oral*.

*Molad* (מולד) – Nascimento da lua.

*Pa.R.De.S* (ou *pardês*) – Suas iniciais significam: *Pshat* – interpretação simples; *Remez* – interpretação insinuativa; *Drash* – interpretação hermenêutica e *Sod* – interpretação mística. É um acróstico que em sua formação simbolizam o pomar. Podem representar os níveis de meditação quanto ao grau de profundidade, análises e busca de respostas. Entretanto é necessário saber adentrar ao pomar e dele voltar, fato que muitas vezes é esquecido, tornando-se um caminho perigoso para os mais desatentos.

*Parashá* (פרשה) – Porção. É o nome dado à porção semanal de textos da *Torá* dentro do judaísmo.

*Pessach* (ou *Péssach*; *Pesach*; *Pesah*) (פסח) – Páscoa.

*Pessachim* (פסחים) – É um dos doze tratados do *Talmud*, referindo-se aos *Moed* (Festivais) para a festa do *Pessach*.

*Pshat* (פשט) – Simples. Explicação simples de um versículo ou passagem significa exatamente o que está escrito.

*Remez* (רמז) – Insinuação. É alusão e o sentido alegórico. O texto precisa levar em consideração outros aspectos circunstanciais, como a língua e as expressões idiomáticas empregadas, a época em que o texto foi escrito e até mesmo as condições psicológicas do autor.

*Ruah Kodesh* (רוח הקודש) – Espírito Santo.

*San'hedrin* (סנהדרין) – Sinédrio.

*Sefaradim* (ספרדים) – A palavra tem origem na denominação hebraica para designar a Península Ibérica. É o termo usado para referir aos descendentes de Judeus originários de Portugal e Espanha.

*Shabbat* (ou *Sabá*) (שבת) – Sábado. O sétimo dia semanal; dia do descanso.

*Shavuot* (שבועות) – Semanas. Refere-se à festa das semanas (ou Pentecostes).

*Shemót* (שמות) – Nomes. Refere-se ao livro de Êxodo.

*Shevarim* (שברים) – Significa três sons do *shofar* interrompidos, como soluços.

*Sium Massechet* (סיום מסכת) – É término de estudo de uma *Guemara*.

*Shochet* (שוחט) – É um judeu que abate animais de acordo com a lei da *Torá*. Ele precisa conhecer bem as leis. Deve conferir sua faca antes de fazer o trabalho, para que o corte seja suave.

*Shofar* (שופר) – É considerado um dos instrumentos de sopro mais antigos. Emite três sons característicos: *Tekiá*, *Shevarim*; *Teruá*.

*Sod* (סוד) – Segredo. Ou o significado místico de uma passagem, como determinado através de inspiração ou revelação.

*Talmidim* (תלמידים) – Discípulo.

*Talmud* (תלמוד) – É o Livro Sagrado dos judeus, um registro das discussões rabínicas que pertencem à lei, ética, costumes e história do judaísmo.

*Tanaíta* (תנאים) – É um termo usado para designar os sábios rabínicos, cujas interpretações estão registradas na *Mishná*.

*Tanakh* (ou *Tanach*) (תנ"ך) – É um acróstico da língua hebraica, que foi formada com as iniciais das palavras *Torá*, *Neviim* e *Ketuvim*, que significam 'Lei, Profetas e Escritos', que são as três partes da Bíblia hebraica. Também chamado de Antigo Testamento.

*Tekiá* (תקיעה) – Um som contínuo do *shofar*, como um longo suspiro.

*Teruá* (תרועה) – Nove (ou mais) sons do *shofar*, curtíssimos como suspiros entrecortados em prantos.

*Torá* (תורה) – Pentateuco; os Cinco livros de Moisés.

*Vaicrá* (ויקרא) – E Chamou. Refere-se ao livro de Levítico.

*Yeshua* (ישוע) – Jesus.

*Yhudah* (יהודה) – Judá.